

Artigos de Affonso Lopes Vieira, Conde de Sabugosa, Carlos Malheiro Dias,

AGOSTO DE 1905

N.º 2



SERÕES

REVISTA
MENSAL
ILUSTRADA



✽ LIVRARIA FERREIRA & OLIVEIRA L^{da} ✽
LISBOA

Musica de Augusto Machado — Illustrações de J. Machado, Moraes, etc.

Celestino Soares, Ernesto Vieira, Julio Brandão, Manoel da Silva Gayo, Rocha Peixoto, H. G. Wells

Cada numero, alem do magazine propriamente dito, tem dois supplementos, A MÚSICA DOS SERÕES, OS SERÕES DAS SENHORAS, com uma folha de moldes. Exigil-os com o numero ao preço total de **200 réis.**

Summario

MAGAZINE

| | PAG. |
|--|--------------------------------------|
| O MUSEU DE ALFREDO KEIL (10 <i>illustrações</i>) por ERNESTO VIEIRA..... | 93 |
| POBRE AMOR! (1 <i>vinheta</i>) por CELESTINO SOARES..... | 99 |
| BALLADA (4 <i>illustrações de Moraes</i>) por JULIO BRANDÃO | 100 |
| A CASA PORTUGUEZA — 2. ^a parte (7 <i>illustrações e 1 vinheta</i>) por ROCHA PEIXOTO..... | 106 |
| EDUCAÇÃO DE UM PRINCIPE (6 <i>illustrações e 1 vinheta</i>) por CARLOS MALHEIRO DIAS..... | 111 |
| AS ARVORES DA CIDADE] (2 <i>illustrações de Moraes</i>) por AFFONSO LOPES VIEIRA..... | 118 |
| SE A MOCIDADE SOUBESSE... — II (5 <i>illustrações</i>) por AGNES E EGERTON CASTLE..... | 120 |
| ALMADA — 2. ^a parte (3 <i>illustrações de Moraes</i>) do CONDE DE SABUGOSA..... | 136 |
| A PERFURAÇÃO DO SIMPLON (19 <i>illustrações e 1 vinheta</i>)..... | 147 |
| A TERRA DOS CEGOS (4 <i>illustrações e 1 vinheta</i>) por H. G. WELLS | 157 |
| A UNIVERSIDADE DE COIMBRA — 2. ^a parte (6 <i>illustrações</i>) por M. DA SILVA GAYO..... | 166 |
| OS SERÕES DOS BÉBÉS — O JOÃO MANDRIÃO (2 <i>illustrações</i>)..... | 173 |
| QUEBRA-CABEÇAS (2 <i>illustrações</i>)..... | 175 |
| ACTUALIDADES (15 <i>illustrações</i>)..... | 179 |
| OS SERÕES DAS SENHORAS (31 <i>illustrações</i>) | |
| CHRONICA GERAL DE MODAS pag. 17 | PELOS ALTOS » 25 |
| OS NOSSOS FIGURINOS » 19 | LAVORES FEMININOS » 26 |
| A NOSSA FOLHA DE MOLDES » 20 | DESENHOS DE FLORES Á PENNA..... » 28 |
| MODELOS DE CHAPEUS » 22 | O QUE SE DEVE LER..... » 30 |
| A MODA NAS PRAIAS » 23 | NOTAS DA DONA DE CASA..... » 31 |
| FLORES MALDOSAS » 24 | |

Uma folha solta de moldes

Grande numero de pequenos artigos de hygiene domestica, receitas caseiras, advertencias uteis, etc.

A MUSICA DOS SERÕES

SONETO

Musica de AUGUSTO MACHADO sobre versos de HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA, *illustração* de MORAES 4 paginas

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Pagamento adeantado

| Portugal, Ilhas e Colonias | Brazil | Estrangeiro |
|----------------------------|--------------------------|-------------------|
| Anno..... 2\$200 | Anno (12 numeros) | Anno (12 numeros) |
| Semestre..... 1\$200 | Moeda fraca..... 12\$000 | Frs..... 15,00 |
| Trimestre..... 600 | | |

Numero avulso em Portugal: 200 réis

No Brazil e Colonias o preço do numero será marcado pelos nossos agentes

Correspondencia dos SERÕES

Ao abrir esta secção, cumpre agradeceremos as innumeraveis manifestações de sympathia e congratulação que, publica e particularmente, foram dirigidas aos *Serões*. Ellas representam para nós um estimulo que não ha de perder-se.

Procuraremos melhorar quanto possivel a nossa publicação, acceitando varios dos muitos alvitres e conselhos que temos recebido. É claro que não podemos adoptar todos elles, visto que entre alguns ha manifesta contradicção, e nós temos em mente aquelle conhecido apologo de La Fontaine, *O moleiro, seu filho e o burro*. Desculpem aquelles a quem não podemos fazer a vontade, e não se arrependam de nos suggerir ideias. D'entre ellas, alguma haverá sempre que se adapte ás condições da nossa revista.

Vamos por partes responder da maneira mais summaria possivel aos nossos amaveis correspondentes.

MAGAZINE

Um grande numero de pessoas nos offerece delicadamente a sua collaboração, enviando-nos artigos, em que predomina o verso e a especie de litteratura que os inglezes denominam de ficção (contos, novelas, etc.) A direcção dos *Serões* pede desculpa de não dar de prompto resposta a essas captivantes offertas, por isso que leva seu tempo a ajuizar sobre a conveniencia da publicação.

Mas desde já pede licença para observar que, por interessantes que sejam essas produções litterarias, muito mais alvoroçadamente acolheria artigos especiaes sobre assumptos de ethnographia, de economia politica, de agricultura, de arte, etc., que digam respeito ao nosso paiz, sobretudo quando venham acompanhados de elementos ou indicações para a sua illustração.

A empreza dos *Serões* deseja fazer da sua revista um repositorio, tão completo quanto possivel, de informações e noticias de cousas portuguezas, um interessante archivo da nossa terra e do viver nacional, e é n'esse sentido que estimaria muito receber larga e documentada collaboração, mas, note-se bem, no estylo ligeiro e pittoresco proprio do *Magazine*. É preciso ter em mente que a clientela feminina, á qual muito especialmente attendemos, só admite artigos, embora substanciaes, mas ligeiros de aspecto.

QUEBRA-CABEÇAS

No numero 3 publicaremos as soluções e a correspondencia, relativas ao numero 1. Deixaremos sempre este intervallo, afim de dar tempo aos nossos leitores de fora do paiz para nos enviarem as suas respostas.

A todos convidamos para que se interessem por esta secção, já scismando sobre as questões apresentadas, já collaborando com problemas, enigmas, perguntas, etc, que n'ella tenham cabimento.

Um correspondente pede-nos a inserção de charadas e logrogrifhos, á moda velha. Não duvidaremos publical-os; mas, como já dissemos no cabeçalho da respectiva secção, convem que pelo seu engenho e artificio saiam do ramerrão, um pouco bolorento, que de ha cincoenta annos para cá tem abarrotado os almanachs e as publicações periodicas.

Para exemplo das charadas que nos sorriem, publicamos a seguir uma que na nossa infancia—já distante—nos encantou:

Está na garganta—1

Está no nariz—2

Acaba por C,

Começa por X.

Toda a gente sabe a solução d'ella, não é

assim? Mas isso é hoje em dia, porque em tempos que já lá vão deu que parafusar a muita gente boa.

D'estas, sim senhor! Porque teem um artificio engenhoso, que, francamente, se encontra pouco em corriqueiras charadas, novissimas e não novissimas, sobre as quaes não vale muito a pena gastar o pensamento.

OS SEROES DAS SENHORAS

Uma amavel correspondente pede-nos que nos abstenhamos de termos francezes, accusando-se modestamente de uma ignorancia philologica, em que pedimos licença para não acreditar. Que quer a nossa desconhecida e sympathica leitora? A tecnologia franceza invadiu completamente a linguagem das modistas, costureiras, etc., e não ha meio de lhe escaparmos, por mais vernaculos que deseje-

mos ser. Ha nomes de fazendas, de cores, de enfeites, de guarnições, etc., absolutamente intraduziveis; e, se é pecha usarmos d'elles como nol-os offerece o torrão nativo, d'essa pecha sofrem, creia, todos os paizes civilizados, onde a nomenclatura parisiense domina orgulhosamente n'este campo.

Todavia, não deixaremos de attender, quanto nos fôr possível, ás suas observações, ditadas por um captivante affecto á nossa Revista. Assim, verá no presente numero como nacionalisamos a culinaria, embora não nos abstenhamos de futuro de offerecer ás nossas leitoras, alternadamente, menus em francez, que é tambem a lingua universalmente adoptada pela gastronomia elegante.

O nosso lemma, n'este como em todos os assumptos, é satisfazermos todas as aspirações e agradarmos a todos os paladares.

Oxalá o consigamos!

LIVRARIA FERREIRA

Fundada em 1846

Ferreira & Oliveira Lim.^{ta} — Livreiros-Editores

132, Rua Aurea, 138 — LISBOA

FORNECEDORES DE S. M. EL-REI

DEPOSITARIOS DAS PUBLICAÇÕES DO ESTADO

SORTIMENTO DE LIVROS DE TODAS AS ESPECIALIDADES

Distribuição mensal gratuita aos nossos clientes da "BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA" catalogo dos livros publicados no paiz, e nos principaes mercados estrangeiros

MAPPAS GEOGRAPHICOS Portuguezes, Francezes, Inglezes e Allemães

MATERIAL PARA ESCOLAS E LYCEUS

Bancos, Carteiras, Lousas, Contadores, Quadros para o estudo das línguas, das sciências, da geographia e da historia. Espheras de diversos preços desde 500 rs. Apparelhos de demonstração. Estojos de desenho e pintura, lapis, tintas e papel.

DIVERSOS ARTIGOS DE PINTURA

Dão-se com solícitude todas as informações bibliographicas que nos sejam pedidas

Aberto pelos "SERÕES"

PRIMEIRO CONCURSO DE PHOTOGRAPHIAS

EM vista do largo desenvolvimento da photographia em Portugal, é por um concurso n'esta especialidade que os **Serões** inauguram a serie de concursos, prometidos no seu prospecto e tendentes a dar alento de todas as manifestações de arte, de sciencia, de industria, d'actividade intellectual do nosso paiz, em summa.

Attendendo á quadra do anno que actualmente atravessamos, o nosso concurso será especialmente limitado a

PHOTOGRAPHOS AMADORES

e a

Photographias tiradas nas praias e thermas de Portugal, incluindo paizagens, trechos da beira mar, aspectos do oceano, grupos de banhistas ou de typos regionaes, especialmente casando-se com o aspecto physico do meio ou suggerindo qualquer idéia dramatica ou comica, etc.

Devem além d'isso os concorrentes submitter-se ás seguintes

CONDIÇÕES

- 1.º — As photographias devem ser de qualquer formato conforme a vontade do concorrente, contanto que o minimo seja o de 9×12 centimetros.
- 2.º — As photographias premiadas serão publicadas nos **SERÕES** com o nome e a residencia do concorrente. Além d'isso a direcção dos **SERÕES** reserva-se o direito de publicar, com menção honrosa, todas aquellas que d'isso forem julgadas dignas.
- 3.º — A propriedade de todas as photographias premiadas, para os effeitos da publicação, ficará pertencendo aos **SERÕES**.
- 4.º — A direcção dos **SERÕES** não se compromete a devolver as provas que lhe forem remetidas, a não ser que para isso lhe enviem um envelope devidamente estampilhado.
- 5.º — A decisão dos **SERÕES** será definitiva.
- 6.º — As provas devem ser enviadas á direcção dos **SERÕES** com o boletim que abaixo publicamos, o qual se cortará d'esta pagina e se preencherá devidamente.
- 7.º — Haverá **TRES PREMIOS**, sendo o primeiro de **10:000 RÉIS**; o segundo **Uma collecção dos 4 volumes dos «Serões»** já publicados; o terceiro **Uma assignatura de um anno nos «Serões»** a qual póde reverter em favor de qualquer pessoa indicada pelo premiado, caso este já seja assignante.

(Boletim para cortar e remetter com a photographia)

PRIMEIRO CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS "SERÕES"

Ultimo dia de recepção — 30 DE SETEMBRO

Titulo da photographia

Local em foi tirada

Nome e endereço do photographo amator

Declaração. — Declaro que não sou photographo de profissão, e que a photographia, que junto remetto, foi tirada por mim e nunca foi publicada.

Assignatura

Endereço: Á Direcção dos **SERÕES**, Livraria Ferreira & Oliveira L.^{da}, Rua Aurea, 132 a 138

José Feliciano Alves d'Azevedo & C.^a
PHARMACEUTICOS

Deposito de drogas, productos chimicos,
pharmaceuticos e accessorios

Depositario dos productos do dr. MOUTON

33, Rua do Principe, 43
LISBOA

PAPELARIA PROGRESSO

M. A. Branco & C.^o

Sortimento completo de papeis
Nacionaes e estrangeiros

151, Rua do Ouro, 155 — LISBOA

Retrozaria DAVID
(Sobrinho)

Sempre as mais recentes

NOVIDADES

76, Rua Nova do Almada, 78

Pastelaria Marques

Almoços todos os dias das 10 ás 2

Fornece jantares, lunches e soirées

70, CHIADO, 75 — LISBOA

Se quereis empregar bem o vos-
so dinheiro compraes
sempre na loja UTILI-
DADES — **JOSÉ BRAGA & Commandita**
RUA DO OURO, 180, 182 LISBOA

**Novidades em chapéus
de senhoras e creanças**
PREÇOS RESUMIDOS

J. J. S. Seguro

Satisfazem-se todas as encommendas para
a provincia.

Rua do Carmo, 5 e 7 — Lisboa

OURIVESARIA Florindo

E
RELOJOARIA

COM

Officina annexa

99, RUA AUREA, 99

Pastellaria Raymundo

Especialidade em fructas,
dôces d'ovos, biscoitos seccos, chocolates,
bonbons, cognacs,
vinhos e licores nacionaes e estrangeiros
FORNECEM-SE LUNCHS E SOIRÉES

26, Praça dos Restauradores—LISBOA

Não ha ninguem que apresente BILHE-
TES POSTAES de
mais fino gosto, da maior e mais completa no-
vidade, e venda mais barato, que a casa

ROCHA da Rua do Arsenal, 98,
+*** LISBOA ***+

Talheres de cristofle

e mais artigos de meza

JOSÉ ALEXANDRE

Rua Garrett, 8 a 18

SILVA CARVALHO
(PHARMACEUTICO)

46, Rua de Santo Antão, 52

Completo sortimento de cintos elasticos, fundas,
artigos para pensos, esterilisações, etc., etc.
Especialidades nacionaes e estrangeiras, aguas
medicinaes, perfumarias, etc.

Vierling & C.^a

LIMITADA

Cambio e papeis de credito

Compram e vendem moedas estrangeiras

LOTERIA DO NATAL

Bilhetes, 80\$000. Decimos, 8\$000. Vigessi-
mos, 4\$000. Dezenas, 5\$500, 2\$200, 1\$100 e
550. Cautellas, 3\$150, 2\$100, 1\$600, 1\$100,
550, 330, 220, 110 e 60 réis.

Rua do Arsenal, 44 e 46

Praça do Municipio, 1, 2 e 3

Candieiros e Canalisações
T. de S. Domingos, 28, loja
LISBOA

JOSÉ D'OLIVEIRA & BARROS



MODAS E CONFECÇÕES
LUIZ COSTA

62 - RUA NOVA DO ALMADA - 62

ESTAÇÃO DE VERÃO com uma exposição geral

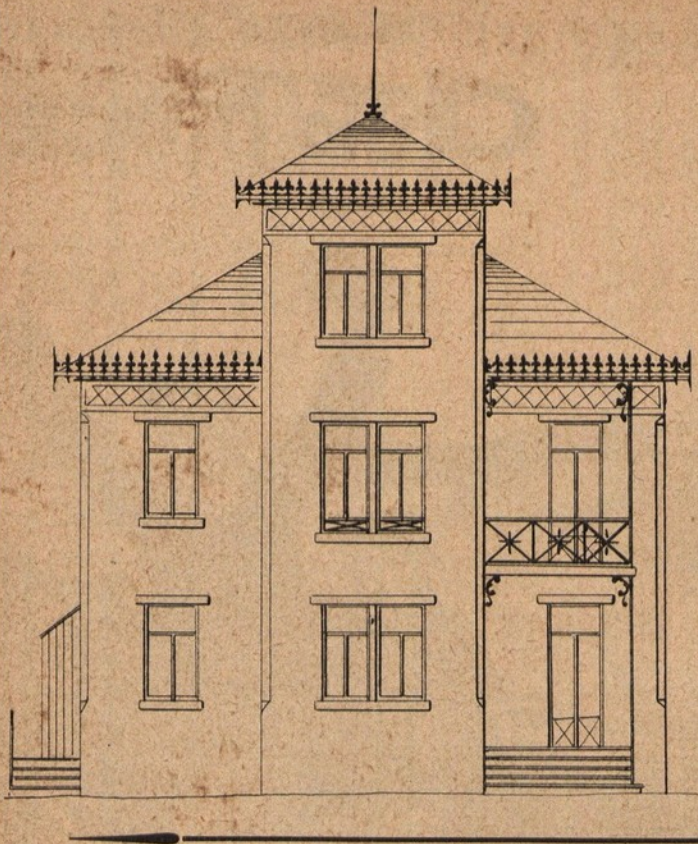
de todos os artigos mais "chics" e mais modernos, taes como:

Tecidos de lã, seda e algodão, lindissimos. Casacos e romeiras de seda e panno em preto e cõr Chapéos, Sombrinhas, boás, laços, fichus, cabeções, saias e blouses de seda, modelos exclusivos. Grandioso sortimento de guarnições modernas importante sortimento de tecidos pretos. Grande variedade de meias pretas e de cõr em fio de Escocia, tudo que ha de mais «chics» e mais moderno, por preços baratissimos. Ateliers dirigidos por modista alfaiate habilitadissimos.

Pede-se para citar os **Serões** ao responder aos annunciantes.

UM BRINDE PRINCIPESCO

Um appello coroado
do melhor exito!!...



Todas as Fabricas, aquellas que fornecem exclusivamente OS GRANDES ARMAZENS DO CHIADO, acabam de quotisar-se entre si para offerecerem aos freguezes d'estes importantissimos armazens um **BRINDE** que ficará memoravel nos annaes commerciaes de Portugal, ou seja

O CHALET IDEAL

Este **BRINDE** representa um bilhete de agradecimento ao Publico que tão bem soube comprehender os seus interesses, correndo em massa a este importantissimo estabelecimento; é uma demons-

tração de graúão para com os proprietarios d'estes armazens, que conseguiram triplicar-lhe a venda dos seus productos. Muito reconhecidos, offerecem pois,

O CHALET IDEAL

Para a construcção d'este chalet foi escolhido o melhor sitio dos arredores de Lisboa, isto é, a linha de Cascaes.

O CHALET IDEAL será construido no sitio de Cae-Agua, entre as estações de S. João do Estoril e Parede e ficará situado em frente da nova estação em projecto, isto é, a 50 metros de distancia d'esta; tem praia e todas as condições para que possa dar-se-lhe o nome de **Chalet Ideal**.

O CHALET IDEAL será de magnica construcção e possuirá todos os confortos d'uma casa moderna, terá 9 divisões e será cercado por um lindo jardim de 300 metros quadrados.

O CHALET IDEAL representa uma pequena fortuna e pobres e ricos podem aspirar a conseguil-o sem dispendio d'um unico real.

O CHALET IDEAL será entregue ao portador do bilhete com equal numero ao da sorte grande da Grande Loteria Portuguesa do mez de dezembro. Os bilhetes para conseguir **O Chalet Ideal** não custam nada, são **GRATIS**. Basta effectuar compras na importancia de cincoenta mil réis para obter um bilhete.

Todas as compras não inferiores a 2\$500 réis terão direito a uma senha e cada 20 senhas a um bilhete para **O Chalet Ideal**.

Alem d'este brinde, todos os portadores de bilhetes ficam habilitados aos **600** brindes que por seu turno os proprietarios dos Grandes Armazens do Chiado distribuirão ao mesmo tempo e pela mesma loteria, pois serão tantos os brindes quantos os premios sorteados na mesma. Todos os brindes representam uma verdadeira chuva de ouro e uma somma fabulosa. Eis a lista d'elles:

1.º BRINDE. **O CHALET IDEAL**. — 2.º Brinde, Um magnifico piano vertical, marca Frantz. — 3.º Brinde, — Uma rica mobilia para quarto. — 4.º Brinde, Uma esplendida mobilia de casa de jantar. — 5.º Brinde, Uma linda mobilia de sala. — 6.º 7.º e 8.º Brindes, 3 bicyclettes americanas, marca Reading Standard. 9.º a 30.º Brindes, 21 phonographos Pathé. Os restantes numeros premiados terão direito cada um a Meia duzia de lindas chavenas de phantasia para café.

O Plano detalhado será publicado opportunamente. A planta e alçado d'**O CHALET IDEAL**, serão expostas desde o dia 6 nas vitrines d'estes GRANDES ARMAZENS.

A distribuición das senhas principiou no dia 6

Pede-se para citar os **Serões** ao responder aos annunciantes

Ferreira & Oliveira, Lim.^{da} — Livreiros Editores

Rua Anrea, 132 a 138 — LISBOA

Acaba de publicar-se:

A VIDA SEXUAL

1.^a Parte — PHYSIOLOGIA

PELO

Doutor EGAS MONIZ

Lente de Medicina da Universidade de Coimbra

2.^a EDIÇÃO

Um volume in-8.^o de 350 paginas com gravuras, brochado 1\$000 réis

Encadernado 1\$250 réis

Pelo coreio, franco de porte

A primeira edição d'este livro esgotou-se em mezes. O assumpto é tratado d'uma fórma accentuadamente scientifica e ao mesmo tempo de facil comprehensão para todos os leitores.

DO MESMO AUTOR:

A VIDA SEXUAL

Pathologia

1 vol. in-8.,-br. 1\$000 rs. com encad. especial 1\$250

=== A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS ===

Pelo correio, franco de porte

TRATADO DO COTILLON

POR

Affonso de Pinho

Fabricante, fornecedor de marcas de Cotillon
de Suas Magestades e Altezas, de todos os Casinos e Clubs de Lisboa, Praias
e Estações d'Agua, etc.

Um elegante volume, contendo 114 novas marcas figuradas
Muito util e indispensavel a quem dança o cotillon.

Preço 300 réis—A' venda em todas as livrarias

— E NA —

Casa de Novidades—145, Rua do Ouro, 149

— LISBOA —

MOVEIS



EXPOSIÇÃO
DE
MOBILIAS

Em todos os estylos e de phantasia, completo sortimento de tapetes,
carpettes, oleados, estofos e todos os mais adornos para decoração de casas

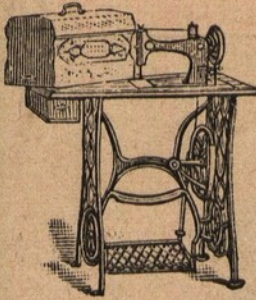
Barbosa & Costa

7 a 12, L. d'Annunciada, Lisboa

Telephone 1:006

MEMORIA

SÃO AS MELHORES



SÃO AS MELHORES

É a machina de costura mais perfeita, mais solida, mais silenciosa, mais elegante e mais veloz que veiu a Portugal.

Mais de 30 modelos diferentes.

Machinas desde 6\$000 réis para cima

Vendas a dinheiro com grandes reduções.

Vendas a prestações de **500 réis** por semana

Enviem-se a quem pedir catalogos gratis com os desenhos



BICYCLETTES

Clement Gritzner

E OUTRAS MARCAS

Desde **45\$000 réis**

A minha casa é a mais antiga do paiz na venda de bicyclettes

Nenhuma casa, pois, pôde competir em qualidade e preços.

Peçam listas de preços e condições, que as envio gratis.



Casa
Memoria
Santos
Beirão

7
Largo
da Rua do
Principe,
7
LISBOA

AUGUSTO PRIMAVERA & C.^{TA}
Cambio e papeis de Credito

35 A 37, RUA AUGUSTA * RUA DE S. JULIÃO, 117 A 119 - LISBOA

Endereço telegraphico: PRIMAVERA-LISBOA - Telephone 1160

Compra e vende moedas e notas de todos os paizes. Coupons, Acções de Bancos e Companhias. Fundos internos e externos. Operações na bolsa. Saques sobre o estrangeiro

OS UNICOS SEGUROS DE VIDA

COM SORTEIO

são os da

«EQUITATIVA» DOS E. U. DO BRAZIL

Peçam prospectos e tabellas

LARGO DO CAMÕES, 11-1.º

Pede-se para citar os **Serões** ao responder aos annunciantes.

ARMAZEM DE FAZENDAS E FATO FEITO

POR ATACADO E A RETALHO

J. NUNES CORRÊA & C.^A

Fornecedores da Casa Real

Especialidade d'uniformes



NOVIDADES

Gravatas, chapéus, camisolas, piugas, suspensorios, coberturas, malas de viagem, etc.

Pannos, casimiras, diagonaes, cheviotes e outras fazendas nacionaes e estrangeiras.

R. do Ouro, 42, 44, 46 — R. de S. Julião, 150, 152, 154, 156

LISBOA

Pede-se para citar os **Serões** ao responder aos annunciantes.



CASA CHINEZA

Antiga loja de chá e café

DE

JOAQUIM PEREIRA DA CONCEIÇÃO

CHÁS VERDES E PRETOS

Brindes permanentes a todos os freguezes

LEQUES DE NOVIDADE

Louças e charões da China e Japão

LENÇOS DE SEDA DA INDIA

234, RUA DO OURO, 236

(Em frente do Monte-pio Geral)

LISBOA

SALÃO DE JOGOS

Rua Nova do Almada

48, 50 e 52

LISBOA

Convidamos V. Ex.^a a visitar o Salão de Jogos, na Rua Nova do Almada, 48, 50 e 52, onde se encontra um sortimento monstruoso em Jogos de todo o genero.

Unica casa que garante os bilhares do seu fabrico com a celebre e authentica tabella americana **Monarch extra-rapida** unica garantida por 10 annos e usada por todos os professores de Bilhar do mundo.

VIUVA DE
J. A. de Senna



FORNECEDOR DE SS. MM. E AA.

B. gr.

OFFICINA
PHOTOMECANICA
S.^o AMARO & LISBOA
ESCRITORIO ✱
C.^o DO FERREGIAL 6-1.^o ✱
Photolithographia
e Photogravura.
THOMAZ BORDALLO PINHEIRO

BUCELLAS BOCKSandeman

E' o melhor vinho branco

ELYSIO SANTOS & C.^A

MOBILIAS E ESTOFOS

Oleados para sobrados, carpettes,
Capachos de cairo e de arame,
passadeiras, etc., etc.

83 a 93, Rua Augusta, 83 a 93

Filtro Chamberland

Systema PASTEUR

— Exposition de Paris de 1900 —

A melhor recompensa foi concedida aos filtros CHAMBERLAND systema PASTEUR

2 Grandes Premios

Na classe 111 (Hygiene geral) e 121 (Hygiene militar)

Um filtro premiado pela *Academia das Sciencias* e aprovado por unanimidade pela *Academia de Medicina de Paris* por ser o unico filtro industrial capaz de se oppôr efficazmente á transmissão das doenças pelas aguas destinadas á alimentação.

Os filtros **Chamberland** systema *PASTEUR* são adoptados em Portugal, na Casa Real, Ministerios da Guerra e da Marinha, Escola Medica, Real Casa Pia, Guarda Fiscal, Casa da Moeda, Hospitaes, Asylos, Hoteis, Associações, Casas particulares, etc., etc.



Fogareiros e Caloriferos Para petroleo

FLAMME BLEUE (chama azul)

Premiado na **Exposição Universal de Paris de 1900**

O fogareiro **FLAMME BLEUE** é o unico aparelho de torcidas que funciona **com chama azul sem fumo e sem cheiro, qualquer que seja a gradação da chamma**; tem o mesmo poder que um fogão a **Gaz**, o que o torna um verdadeiro fogareiro de cosinha.

Este aparelho é o mais rapido, o mais puro, o mais economico com segurança absoluta. As pessoas que já tenham um fogareiro, **CHAMMA AZUL**, podem transformal-o á vontade em um excellente calorifero.

Depositario especial para Portugal e suas colonias: **CARLOS LARCHER**

RUA NOVA DO ALMADA, 79 — LISBOA

NOTA — Remettem-se catalogos illustrados com os diversos typos dos filtros e dos fogareiros para petroleo **Chamma azul**, a quem os requisitar.

SÉRIES

OBRAS PRIMAS

O
ENGENHOSO FIDALGO

DOM QUICHOTE DE LA MANCHA

COMPOSTO POR

Miguel de Cervantes Saavedra

VOLUME I

Ferreira & Oliveira L^{da} Editores
Rua do Ouro, 132 Lisboa.

CADA VOLUME GUSTARÁ:

Avulso em todo o paiz

Em brochura..... 200 réis
Encadernado em panno, com ferros especiaes..... 300 »

Por assignatura

brochados..... 900 réis
encadernados..... 1.400 »
brochados..... 1.800 «
encadernados..... 2.700 »

Desnecessario nos parece justificar a escolha que fizemos do «Dom Quixote» para encarmos a nossa Bibliotheca, bastando dizer que depois da Biblia é este o livro que tem maior numero de edições em todo o mundo, e que ainda ha dias se festejou o tricentenario do apparecimento da 1.^a edição.

A OBRA COMPLETA CONTERÁ 3 VOLUMES



GOARMON & C.^ª

Fabrica a Vapor de Mosaicos hydraulicos

Azulejos nacionaes e estrangeiros. Ditos em cartão,

Tijolos em cimento

21, T. do Corpo Santo—LISBOA

Catalogos sob requisição

Formicida Progresso

O melhor e mais seguro remedio

CONTRA AS FORMIGAS

A' venda em todas as boas drogarías

DEPOSITO PARA REVENDA

Drogaria Progresso

RUA DA ESCOLA POLYTECHNICA, 109 A 113

Pacote 60 réis

Ferreira & Oliveira, Lim.^{da} — Livreiros-Editores

Rua Aurea, 132 a 138 — LISBOA

Fornecedores de S. M. El-Rei

Depositarios das publicações do Estado

ULTIMAS PUBLICAÇÕES:

| | |
|--|-------|
| Lopes d'Azevedo — Historia dos Eclipses, 1 vol. enc..... | 300 |
| Cervantes — D. Quichote, 3 vol. cada, br. 200, enc..... | 300 |
| Adelino d'Abreu — Serra da Estrella, 1 vol. br. 800, enc..... | 17000 |
| Francis Chassereau Coombe — The Tourist's and Visitors Illustrated Pocket Guide to Lisbon, Cintra and Cascaes, 1 vol..... | 300 |
| Egas Moniz — Vida Sexual (physiologia), 1 vol. br. 17000, enc..... | 17250 |
| Henrique de Vasconcellos — Flirts, 1 vol. br. 500, enc..... | 700 |
| Anthero de Figueiredo — Recordações e Viagens, 1 vol. br. 600, enc. | 800 |
| Maximiliano d'Azevedo — Em casa do filho, 1 vol..... | 200 |
| Henrique Lopes de Mendonça — Nó cego..... | 300 |
| Antonio Correia d'Oliveira — Parábolas, 1 vol. enc..... | 700 |
| » » » — Ara, 1 vol. br..... | 600 |
| » » » — Auto de Junho, poema..... | 100 |
| Maria P. Figueirinhas — Contos para as creanças, 1 vol. enc..... | 800 |
| Raul Brandão — A Farça, 1 vol. br..... | 600 |
| Arnaldo da Fonseca — Mulher amada, 1 vol. br..... | 500 |
| Candido Figueiredo — Lições praticas da lingua portugueza, 3 vol. br. 27100, enc..... | 27700 |
| Conde de Sabugosa — O Paço de Cintra, edição de luxo, 1 vol..... | 17500 |
| José Syder — O Jogo das Damas, 1 vol. br. 500, enc.... | 650 |
| Marcellino Mesquita — Almas Doentes, 1 vol br..... | 400 |
| Alfredo Keil — Collecção e Museus de Arte em Lisboa, 1 vol. br..... | 200 |
| Luiz Guimarães — Pedras Preciosas, edição de luxo, 1 vol..... | 17000 |
| Queiroz Ribeiro — Caminho do Ceo, 1 vol. enc..... | 800 |
| Conego Anaquim — O Genio Portuguez aos pés de Maria, 1 vol. br.. | 600 |
| Gonçalves de Sousa — A seccagem da fructa, 1 vol. br..... | 300 |
| Alexandre Malheiro — Chronicas do Bihé, edição de luxo, 1 vol..... | 17200 |
| Augusto Louza — Na Suissa, 1 vol. br..... | 500 |
| Freire de Campos — Guia Pratico do creador e amator de cavallos, 1 vol. br..... | 600 |
| Visconde de Villarinho de S. Romão — O Minho e as suas culturas, 1 vol. br..... | 27000 |
| José Joaquim d'Almeida — Coisas d'Africa, 1 vol. br..... | 400 |
| J. Mattos Braameamp — O Tiro de Caça, 1 vol. br..... | 400 |
| Augusto Fuschini — A architectura religiosa na edade media, 1 vol. br. | 17000 |
| Joaquim Madureira — Impressões de theatro, 1 vol. br. 17000, enc.. | 17200 |

NO PRÉLO

- João Chagas** — Bom Humor, 1 vol.
Justino Botelho — O Homem Primitivo, trad., 1 vol.
Emilio Garcia — Os que furam, 1 vol.
Figueiredo — Manual de Arburicultura, 1 vol.



Instrumentos de musica

Um eminente artista, gloria de Portugal pela superioridade e variedade dos seus talentos, compositor afamado, pintor insigne, poeta inspirado, ainda logra dispensar parte da sua febril actividade para uma obra verdadeiramente patriótica e meritoria. Alfredo Keil junta ás suas multiplices aptidões a paixão, para outros absorvente, do colleccionador. Assim as suas salas constituem um valioso museu cuja visita elle amavelmente proporciona. Museu variado, de arte e de archeologia, onde se encontram joias, leques, louças, caixas de rapé, miniaturas, utensilios de toda a casta, que passaram por aristocraticas mãos, que conservam a rescendencia extranha dos seculos idos.

Mas a parte seguramente mais completa é a que se refere a instrumentos de musica, e para a apresentar aos leitores escolheram os SERÕES um cicerone de indiscutivel competencia e de interessantissimo discurso, o sr. Ernesto Vieira, um dos mais abalisados criticos e historiadores musicas da nossa terra. Descrevendo varios instrumentos e dando a historia anecdotica de alguns delles, o sr. Vieira põe em relevo a benemerita tarefa realizada atravez de mil estorvos por um grande artista portuguez.

MUSEUS MAIS INTERESSANTES QUE BIBLIOTHECAS



ASSIM como já passou o tempo em que a historia politica das nações se aprendia decorando as datas do nascimento e morte de cada rei, os nomes dos filhos que teve e das mulheres que desposou, tambem a historia da arte já não consiste em saber que Zeuxis pintava uvas para os pardaes bicarem, e que Pythagoras descobria theorias musicas ouvindo martelar os ferreiros.

Fazer hoje a historia de um paiz é estudar a vida do povo que o habita; historiar uma arte é apresentar as obras que ella tem produzido.

Compete esta ultima tarefa menos aos

livros que aos museus. Por isso elles se multiplicam a par das bibliothecas. Um museu é um archivo de historia, e os exemplares que elle contém são documentos authenticos que nos attestam a vida da arte, mostrando-nos o seu desenvolvimento progressivo, as suas épocas de florescencia e de decadencia, dando-nos mesmo, em muitos casos, idéa da sua infancia nos exemplares de primitiva rudeza.

Ensino muito mais interessante que o dos livros, porque nos recreia a vista ao mesmo tempo que nos esclarece o espirito e nos apresenta o passado exactamente como elle existiu, fazendo-nos viver em alguns momentos muitas centenas — e até milhares, de annos.

Não se pôde dizer que o nosso paiz

seja absolutamente pobre de museus, pelo menos de pequenos museus reunidos por colleccionadores particulares, que até certo ponto supprem a insufficiencia do grande colleccionador official que deve ser o governo.

Entretanto tem existido até aqui uma grande lacuna; uma arte tem sido geralmente despresada por todos os colleccionadores, grandes e pequenos: a musica. Ninguem ainda se tinha dedicado a reunir numero consideravel de instrumentos musicos com valor historico ou archeologico.

Injustiça flagrante e dos mais desastrosos effeitos. Busca-se por todos os cantos, batem-se todas as povoações, entra-se em todas as casas, paga-se por altos preços um quadro, um movel, um crystal, uma faiança, um relógio e até um insignificante *biblot*, mas ninguem

procura nem mesmo aprecia quando se lhe depara, um instrumento de musica. «Não entendo d'isso», é o que geralmente dizem — por palavras ou por pensamentos.

Fatal ignorancia!

Quantos documentos irremediavelmente perdidos, que seriam preciosos tanto para a ethnographia como para a historia da musica em Portugal!

Quantas canceiras, e já agora quantas despesas, são e virão a ser necessarias para adquirir objectos que nada custariam algumas dezenas de annos atraz!

UM EMINENTE ARTISTA, COLLECCIONADOR
EMERITO

Alfredo Keil é o primeiro — cabe-lhe essa gloria a par de tantas outras — é

incontestavelmente o primeiro que reúne uma numerosa colleção de instrumentos musicos de todas as especies. E essa colleção, unica entre nós, é já de tal ordem que desperta cubiças a um grande museu especial e organizado de longa data: o do Conservatorio de Bruxellas, na sua especialidade um dos mais ricos da Europa, o qual lhe propõe trocas e lhe pede descrições, na falta de exemplares.

«Não se pescam porém trutas a bragas enxutas» diz o povo na sua sabedoria.

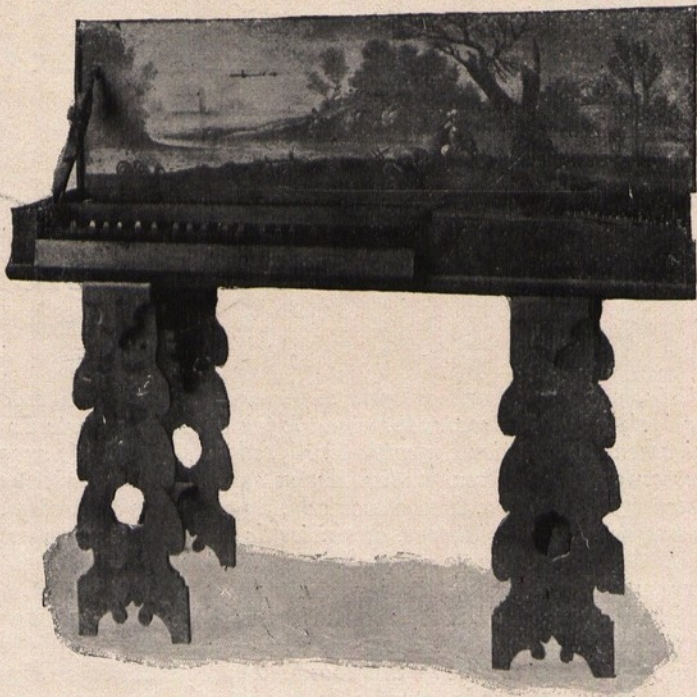
Alfredo Keil tem trabalhado e feito taes sacrificios pelo seu museu, que ninguem os poderá nunca avaliar e ninguem decerto lh'os recompensará jamais.

Apezar dos triumphos que alguns d'esses sacrificios lhe teem valido, apezar das intimas alegrias que as surpresas do acaso lhe teem proporcionado, não

poucas semsaborias veem a cada passo amargar-lhe o prazer da conquista feita á custa de renhidas lutas.

UMA RESTAURAÇÃO DESTRUIDORA

Este caso por exemplo: um dia viu um objecto servindo de encosto a uma porta, objecto que a sua vista perspicaz e sempre alerta lhe revelou como sendo um instrumento musico qualquer; comprou-o ao dono que o não considerava coisa de algum valor, levou-o para casa, examinou-o, confrontou-o com livros e estampas, concluindo que estava senhor de um *fagottino*, especie de antigo pequeno fagote, hoje só conhecido nos museus. Encontrou-o porém arruinado: chaves partidas, guarnições oxidadas, ca-



CLAVICORDIO DO CONVENTO DE SEMIDE

runcho e podridão a desfazerem-no; uma restauração intelligente poderia dar-lhe boa apparecia sem lhe tirar a veneravel vetustez, encanto dos archeologos e testemunho de authenticidade. Inculcaram-lhe musico habil em recomposições de instrumentos. Entregou-lhe Keil o seu precioso achado, que elle queria vêr limpinho mas tal como foi feito e como funcionava no seu tempo, pois está claro que só assim é que taes objectos teem todo o valor archeologico.

Succede porém, que ao cabo de dois annos de diligencias, esgotada a paciencia a ponto de pedir o auxilio da policia, o pobre Keil recebe o fagotino lindo e lustroso, coberto de tinta e verniz, augmentado no tamanho e com chaves que elle nunca tinha tido! Um velho casquilho de chinó e bigodes pintados!—Agora, disse o restaurador de fagottes, dá melhor a escala.—Uma escala de improperios até ao sobreagudissimo, lhe descarregou indignado Alfredo Keil, que ainda hoje chora lagrimas de desespero quando vê o venerando instrumento vestido de janota. E ás lagrimas do desolado colleccionador corresponderá o riso dos visitantes, perante aquelle hilariante exemplar de restaurações desastradas.

A HISTORIA VIVA DO PIANO

Felizmente que a sorte lhe tem sido mais propicia com outras restaurações. Assim os clavicordios, os cravos, as espinetas, a preciosissima virginal de Hans Rucker (1620), os pianos que nos mostram todas as phases por que este instrumento tem passado desde o seu nascimento, veem-se ali em estado de funcionar, com os seus machinismos renovados mas não alterados. É a historia viva do piano, sob uma fórmula bem mais

instructiva e attrahente do que tudo que possa ler-se nos livros.

Podemos ali ouvir os sons tenuissimos do clavicordio e da espineta, cuja doçura encantadora nos enleva; sentiremos as volatas saltitantes do cravo de penas, que nos fazem comprehender a razão dos *quebros* e *requiebros* tão usados pelos mestres cravistas. Poderemos tambem avaliar as diligencias empregadas pelos fabricantes para produzirem instrumentos *col piano* e *col forte*, vindo, de esforço em esforço, a cair no estrondoso *piano-forte*, tão diverso do suave clavicordio.



CRAVO DE PENNAS DE 1724

Ao agrado dos sons correspondia muitas vezes o prazer da vista, como nos mostram não só a virginal de Rucker, com as suas deliciosas pinturas no interior do tampo, mas ainda a espineta de 1724 e o clavicordio que pertenceu ao antiquissimo convento de Semide.

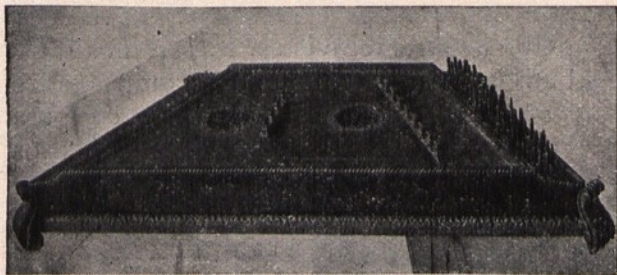
Para que nada falte na historia do piano, estão os antecessores do clavicordio representados por um canon arabe e por varios psalterios, um dos quaes

bem notavel pelas pinturas e outro por apresentar, ainda com o primitivo brilho, os finos doirados e cores purpurinas da época de D. João V.

A FLAUTA DO PRINCIPE AUGUSTO E A TROMPA DO CONDE DE FARROBO

Tudo isto são importantes documentos para a historia geral da instrumentação; mas tambem Alfredo Keil tem reunido alguns especimens que interessam em particular a historia artistica do nosso paiz. Falemos por exemplo, de uma flauta de ebano com oito chaves de prata e a marca *Haupt-Lisboa*. Tem uma historia curiosa: Ernesto Frederico Haupt, neto de um torneiro allemão chamado Frederico Haupt, que se estabeleceu em Lis-

boa no tempo do marquez de Pombal, era habil fabricante de flautas, clarinetes e outros instrumentos congeneres. Seu pae, Antonio José Haupt, tinha obtido licença em 1785 para abrir uma «fabrica de torneiro de madeira e metaes



PSALTERIO DA EPOCA DE D. JOÃO V

em que se fizessem instrumentos musicos, castões de ouro e prata, e outras obras delicadas que se guarnecem com os mesmos metaes, á similhaça das que n'este reino se introduziam dos estranhos...» (1) Conservou Ernesto a fabrica herdada do pae e tendo prestado serviços á causa da liberdade, batendo-se nas linhas de Lisboa, lembrou em 1835 a utilidade de se organizar no Arsenal do Exercito uma officina de instrumentos musicos para fornecimento das bandas militares. Aceite a ideia, Haupt quiz dar prova de competencia para dirigir essa officina, construindo um instrumento de fabricação esmerada que tivesse a approvação de alguém competente; ora como, exatamente n'esse tempo, se realisou o casamento da rainha D. Maria II com o principe Augusto de Leuchtenberg, que era amador de musica e flautista eximio, o director da nova officina do Arsenal construiu, para offerecer ao principe, uma flauta feita com o maior esmero, guarnecida de prata primorosamente lavrada.

Entretanto o pouco dito: o principe adoeceu e em breves dias morreu.

A flauta ficou pertencendo ao Arsenal, que a apresentou em diversas expo-

sições publicas como objecto digno de ser apreciado; mas ultimamente voltou-se o catavento, e ella deixou de merecer o menor apreço, sendo posta em almoeda. Comprou-a, por preço ridiculo, uma sociedade de *cabeças de pau*.

D'este modo, o cuidadoso trabalho de um excellente artista, feito para um principe, veiu parar ás mãos de sordidos ferro-velhos.

Felizmente pouco tempo se conservou em tão immunda posse, e o nosso colleccionador teve mais esta boa ventura de arrebanhal-a para o seu thesoiro, d'onde provavelmente não sahirá tão depressa nem tão despresada como sahiu do Arsenal.

A par da flauta que devia pertencer ao principe de Leuchtenberg, temos a trompa que de facto pertenceu ao conde de Farrobo.

Uma construcção tambem primorosa, embora não nacional; chapeada e guarnecida de prata, tem gravados o brasão e o nome do conde juntamente com o do fabricante, que é Raoux, celebre especialista em construir trompas e membro de uma familia que durante mais de



PSALTERIO DA EPOCA DE LUIZ XIV

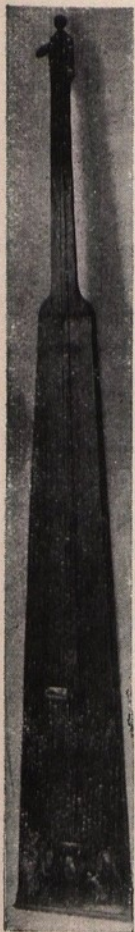
cem annos teve officina de instrumentos de metal.

A trompa do conde de Farrobo tem a data de 1835. D'esta data em diante foi ella decerto a companheira constante do nobre amador, primeiro trompa em todas as orquestras de amadores — e até de artistas — que se reuniam em Lisboa.

(1) Alvará existente na Torre do Tombo.

Estava talvez tocando com a esplendida trompa de Raoux, quando, tendo errado o tom, Frondoni o advertiu gritando-lhe: *Signor Conte, mettete il vostro corno in mi.*

Alem dos exemplares de valor historico, temos outros de valor puramente ethnico, como são a gaita de folle, o adufe, o pandeiro, o tamburil, as guitarras, violões, machetes e cavaquinhos, tudo de fabricação nacional.



TROMBETA
MARINHA

A FAMÍLIA DOS INSTRUMENTOS DE CORDA

Não é só a historia do piano que se encontra viva no museu de Keil. A familia dos instrumentos de arco ali patenteia a sua arvore genealogica, cujos troncos principaes estão representados pela *chrota* dos bretões e pelo *rebab* dos arabes. A rudeza d'estes avoengos torna mais frisante o contraste formado por uma formosa trombeta marinha pintada por Claude em 1627; uma esplendida *lira di gambba*, uma curiosa viola de amor, uma linda *rabequinha* e tantos outros exemplares interessantes d'esta numerosa familia.

Os instrumentos de cordas dedilhadas ostentam poeticos alaudes, grandes theorbas, um magestoso archilaude e uma enorme archicitara, tudo com monstruosos braços para sustentarem dois cravelhames e cordas de comprimento tal que é preciso mandal-as fazer de encomenda.

A complicação d'estes instrumentos, que obrigava os tocadores a mandal-os encordoar e afinar por especialistas, fazia dizer que era mais caro sustentar um alaude que um cavallo.

Pertence á grande familia de cordas dedilhadas a colleção de harpas, menos numerosa que a dos cravos, mas igualmente instructiva por nos apresentar todas as transformações que no seculo XVIII

soffreu o instrumento de David até chegar ao mecanismo duplo de Sebastião Érard.

Aqui, como nos clavicordios, tambem a ornamentação vem recrear a vista; são os ornatos de esculptura, as pinturas delicadas, os finos doirados e até as *chinoiseries*. Para nada faltar, vê-se ali tambem um exemplar da harpa eolia, cujo destino é pendurar-se nos ramos das arvores ou nos peitoris das janellas para o vento lhe extrahir aquelles accordes mysteriosos de que os poetas falam sem nunca terem ouvido. É o mais nobre dos instrumentos: só Deus o faz vibrar!

OS INSTRUMENTOS DE SOPRO

Nos instrumentos de sopro está a colleção menos completa mas ainda abundante e curiosa. Não faltam as flautas, os oboés, clarinetes e fagottes de diversas épocas, contando-se entre elles alguns exemplares de fabricação nacional. Lá está um grande e feio contrafagotte, fazendo contraste com o atraz citado fagottino, de linda figura e triste lembrança. Vê-se ali tambem o antigo serpentão, verdadeira serpente no aspecto, mas peor que serpente na voz, semelhante á de um burro. Não longe se encontra o seu successor, o ophicleide, cujo nome emphaticamente rebuscado no dictionario grego os nossos musicos ageitaram chamando-lhe figle.

Dispersos por diferentes logares, segundo permite a já deficiente capacidade das salas, o visitante encontra os seguintes membros da familia dos metaes: cornetas de chaves, dignas



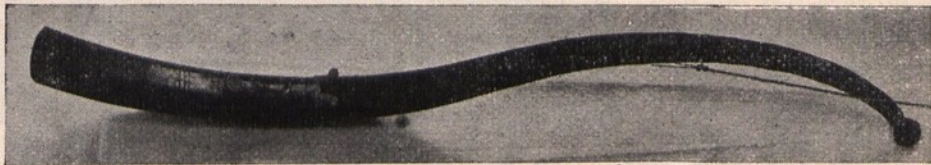
RIBECCHINO



RÉBAB

e desafinadas irmãs do fígale; trombones de varas, tendo um d'elles as varas mais com pridas que *la voluntad de Diós*, como disse um hespanhol; clarins e trombetas, com suas bandeirolas bordadas de insignias heraldicas. A vista d'estes instrumentos guerreiros, de sons estridentes e agudos, faz acudir á memoria o nosso grande épico:

«Deu signal a trombeta castelhana . . .»



CORNETA CURVA DE MADEIRA SECULO XVI

Da época das trombetas ha ainda que reparar n'uma trombeta de madeira, pertencente á familia dos serpentões e de egual *maviosidade* na voz; os nossos musicos chamavam-lhe *corneta torta* e davam-lhe tambem outro nome pittoresco: *corneta de boi*. Este nome emparelhava com o que o povo dava ás charamellas: *vaccas*.

Na familia das flautas tambem se devem notar dois exemplares de *flauta doce*, um dos quaes de marfim; estes instrumentos, cuja característica é a embocadura em bisel como no apito, foi denominado em francez *flûte-à-bec*, nome que certo professor traduziu por *flauta bicuda*.

A SECÇÃO EXOTICA DO MUSEU

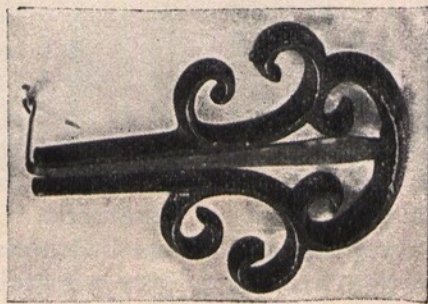
Emfim, porque é indispensavel haver um fim, mencione-se que os instrumentos peculiares a certos paizes pódem ser vistos, e até tocados, no museu Keil. Representantes da musica russa, temos a *domra*, cítara de costas bombeadas e forma de pera, como o alaude; o *gusli*, verdadeiro psalterio da idade-media; o *lojki*, instrumento de percussão usado pelos terriveis cossacos; a *balalaika* dos camponeses russos e a *kantela* dos finlandezes. Contrastando com tantos especimens, todos geralmente grosseiros, da arte russa, apresenta-se só, mas impondo-se pelo aspecto distincto, o *takigoto*

das damas japonezas; formoso instrumento construido de preciosa madeira mosqueada como pelle de cobra, sobre o qual se estendem treze longas cordas de seda verde, que se afinam por meio de cavaletes moveis, tudo primorosamente construido com um apuro e luxo de materiaes, que mostram bem o seu destino aristocratico.

Depois de notado o paralelo dos especimens musicas pertencentes aos dois paizes antagonistas, Russia e Japão, resta ainda citar os de outros mais pacificos na actualidade, como são: o *langleik* da Noruega; o *tamburil* e o *galoubet* do Bearn; o *biniau* da Bretanha; a *Nyckelharfe* da Suecia; o *Crout* de Galles; a *bagp'pe* dos escocezes; a *Zampogna* dos italianos e o *canon* dos arabes; o *tambôur* turco; o *schofar* hebreu; o *guenbri* dos marroquinos, a *zanza* do Congo, a *ingomba* da Guiné, etc., etc.

CURIOSIDADES EXTRAVAGANTES

Ultima curiosidade: um enorme berimbau, instrumento proprio para distrahidos e preguiçosos; os italianos chamam-lhe *scaccia-pensier*, como quem diz: *deixemo-nos de cuidados*.



BERIMBAU

Deveria ainda referir-me aos instrumentos de simples galanteria, como são os relógios, caixas de rapé e outras bijoutherias com musica; e aos accessorios, como estantes, batutas etc.; mas para

tanto não chega o espaço e a tanto não chegará a paciência de quem lê. Melhor será guardar essa paciência para ver minuciosamente o proprio museu, que o entusiasta colleccionador patenteia generosamente a toda a gente.

Preciosa prova de amor patrio dá o eminente artista, substituindo-se pela sua fecunda e laboriosa iniciativa á acção

absolutamente nulla dos governos n'este ponto especial. Graças lhe sejam dadas por nos proporcionar este delicado prazer do espirito.

Penetrar n'aquelle thesoiro de arte é entrar n'uma escola; passar ali algumas horas acompanhado pelo *mestre* é viver espiritualmente algumas centenas de annos.

ERNESTO VIEIRA.

Pobre amor!

*No parque, em pleno Abril ; mas que tristeza !
Elle, tão velho já, todo curvado,
Ella, velha tambem, no mesmo estado,
A sombra apenas da gentil marqueza.*

*Quarenta annos havia, com certeza,
Que a medo um beijo ali tinham trocado ;
Raiava, como agora, o sol doirado,
Despertava sorrindo a natureza.*

*E na doce visão d'aquelle dia,
Olharam de revez, sem dizer nada,
Para um marmoreo amor, que perto havia.*

*Mas ai ! que a pobre figurinha alada,
Cheia de laivos d'uma côr sombria,
Só tinha uma das azas... e quebrada !*

CELESTINO SOARES.





Ballada.

POR

JULIO BRANDÃO



RUIDOSO, entre os cavalleiros da montaria, el-rei apeara-se no castello, ao cair do sol fulgente. No ceu alto, na grande floresta, o poente estendia uma longa mancha de sangue. As matilhas ladravam, os corseis magnificos sacudiam as cabeças esbeltas.

—Senhor, grande montaria! Só em tempo de vosso Avô, que me lembre, houve outra igual—disse um velho fidalgo, servil, curvando o dorso.

E o rei contou, jubiloso e altivo, que as settas haviam sido certas, e a caça abundante: e que d'algum feito era avisado, d'amor ou de guerra, d'algum successo estranho em seus reinos, porque desde os mais velhos senhores do imperio, de feito sempre uma grande caçada vinha annunciar ou prodigio ou façanha.

—São os Fados que assim mandam—murmurou o velho—e invencivel é a força dos Fados! Bem certo, quando vosso Pae venceu os moiros, pouco antes tinha morto nas selvas mais gamos e javardos, do que a propria Diana seria capaz de ferir com as flechas de oiro... Mas tambem d'outra feita...

—Sei bem—respondeu el-rei, mais sombrio.—O destino anda encantado, como as

grutas do mar. Quem as conhece? Acaso as conheceis, velho agoirento?

O cortezão ficou-se silencioso. Alembra o desastre, em que o rei orgulhoso ficára mal ferido junto a umas velhas muralhas rebeldes. E a sanha do rei não se escondera, antes chispára no olhar negro, e se esboçára num sorriso frio como um gume. Melhor se houvesse calado; mas a bocca — pensava o cortezão — era igual ás fundas covas da terra, d'onde podiam vir os filões da riqueza ou os bafos pestilentes da morte. Ah! velha bocca de valído!—dizia consigo—velho sapo a barbar lisonja e mentiras! Caiam os dentes podres, mas não caia d'uma vez a palavra embusteira!

El-rei, bravo e mau, entrára brusco no castello, deixando o cortezão cabisbaixo.

O velho aulico, coçando as barbas, receava as suas palavras imprudentes deante de senhor tão perverso. Para que fôra elle, manhoso e sabido, avivar o desastre d'essa batalha, em que a melhor cavallaria phecêra, afogada no rio maldito, por uma noite de traição e sem lua? Então el-rei ficára mais bravo que as feras do monte; e foi uma era de horror e de matança... E pouco antes uma caçada lhe havia vaticinado a victoria! Ai! de que lhe servia ser velho, se nem sabia fechar na boca, como num sacco atado, as palavras que feriam os principes!...

Alguns cavalleiros fallavam ainda da montaria, agitando as lanças. O sol morrêra. Ao longe uma nesga de mar brilhava numa la-

mina—e a lua apparecia sobre as grandes arvores da floresta, como uma branca deusa amorosa.

*
* *
*

Numa camara escura, com as pernas cruzadas num estrado coberto de purpura, o Bobo cantarolava umas trovas, brincando com ans dados.

Amor e desgraça andaram
Como irmãos:
E nunca mais se apartaram...
Ah! ah! ah!...

A voz era ardente e hostil: o riso era a antiga casquinada do diabo, tinia como ferros hervados.

O Bobo ergueu-se, e foi a uma das ogivas espiar o vasto oceano triste das arvores, sobre que a lua estendia, num veu de fadas, a elegia eterna dos seus luares. O brilho argenteo batia agora na figurinha anã, corcunda e grotesca do Bobo, que tinha os olhos esbugalhados como contas de vidro preto.

Fóra, no eirado, uma figura branca e esbelta de mulher olhava o ceu. O homunculo poz-se de esculca, estendendo o pescoço magro, com os cantos da boca franzidos num sarcasmo angustioso.

Aquella mulher alta e branca era a Rainha. Com as vestes fluctuando como se fossem de nuvens, a cabeça de oiro erguia-se-lhe para os ceus, para o longe. Vagamente olhava em torno aquella natureza, semelhante a um grande sonho triste—aguas d'istantes, florestas, que gemiam de tristeza e de amor. De quando 'a, quando o perfil da Rainha cortava-se no luar: e não o haveria decerto mais doce e mais lindo no agiologio christão e nos sonhos dos bardos. O seu olhar era immenso, como immenso vôo a procurar alguma estrella, decerto, na poeira luminosa dos ceus. Era o paiz d'onde viera, numa nave cheia de saudade e de flores. Era o seu paço antigo e poetico, á beira d'um lendario lago cheio de cysnes... Como tudo lhe lembrava alli, ondê tão pouco florescia a graça, a pureza, a ventura El-rei era brutal—ou perdido em caçadas, ou fallando de guerras: e a sua alma voava para a terra florida onde nascera, e d'onde a trouxeram tão moça para junto d'aquelle rei de olhar funesto!

Nos seus paços perdidos, nas altas salas gothicas, as princezas passavam enlaçadas como lirios que voassem; os trovadores tangiam alaúdes; havia torneios e jogos. Uma belleza constante enchia o reino amado, onde em cada floresta havia uma lenda, e onde em cada nascente se escutava uma nympha. Lá appareciam as fadas, junto aos lagos, a lavarem o enxoval das noivas que seriam felizes; á sombra das tilias os namorados sorriam, emquanto os rouxinoes cantavam no alto...

Agora só havia feiticeiras malditas, temperando nas florestas presagas, á lua chorosa, as triagas de peçonha e de ciume... Ah! nos seus velhos paços sempre florira a ventura mais aurea, o amor mais lindo; aqui o mesmo perfume das flores entontecia como se tivesse veneno!...

Ora de uma feita que el-rei se andava nas brenhas praguejando e caçando, ella ouvira um troveiro cantar a alguns cavalleiros velhos, uma ballada que lhe encheu os olhos de agua, e o peito de saudades. Era uma lenda do seu paiz que o menestrel cantava, uma historia singela, tanta vez escutada pela Rainha no seu palacio antigo: a lenda de uma santa que onde punha os pés fazia nascer rosas, e quem as aspirasse sentia-se nascer para uma felicidade interminavel como a da morte, e balsamica como o mel divino, que as abelhas iam sugar, segundo a ballada, ás flores que nasciam ao luar na sepultura das noivas...

Mandou a Rainha chamar o troveiro andante, e ás tardes, debaixo d'um velho roble, elle lhe cantava esses poemas de sonho. Elle lhe fallava a sua lingua, como se lhe trouxesse em cada verso uma flor da sua patria—por isso a Rainha vinha agora olhar a noite immensa e placida, evocando a sua terra perdida e a sua perdida ventura.

A noite ia ficando uma seara de estrellas. Uma fonte chorava. No eirado, em silencio, a Rainha scismava...

*
* *

Então o Bobo, afastando-se da ogiva com um sorriso cansado e livido, veiu sentar-se de novo no estrado, onde batia o luar. A sua mancha pequena e corcovada aninhara-se, a scismar naquelle silencio. Como era linda essa Rainha melancolica! E elle feio e vil,



SENHOR, LÁ ESTÁ NO EIRADO...

escarnecido de todas as mulheres, aos tombo e aos momos nesse castello, para agradecer aos senhores!... E aos seus olhos accessos appareceu a visão de Ermegilda, a aia de olhos de treva, que elle amava... Ah! mas ao erguer para ella a vista ardente, logo Ermegilda tirava os olhos lindos, com desdem e com nojo.

Maldita sorte a d'elle! Maldita mil vezes—entre tanto esplendor, tanto amor que elle via nascer, medrar em flores purpureas! E o Bobo rangia os dentes, silvava umas risadas curtas e gelidas. Tanto oiro, tanta galhardia e esbelteza: só elle não tinha um bocado d'oiro, um ceutil de belleza ou de esperanza... Tinha de rir, tinha de rir!... Ermegilda era linda; elle era hediondo... Despresava-o como a um trapo—como a um sapo que pincha na lama... Ah! ah! ah!... E de avezado a rir, o Bobo ria-se, mas um odio horrivel, viscoso e peçonhento enroscava-se-lhe na alma como uma serpe enorme que assobia.

Um arruido de ferros despertou as abobodas, e como um vago incendio, um clarão foi enchendo a quadra.

—É El-rei!—murmurou o Bobo, erguendo-se.

E logo o rei entrou, entre luzes avermelhadas e tremulas. Ao ver o Bobo, desanuviou-se-lhe um pouco a fronte aspera. Gostava de lhe ouvir as facecias, as historias secretas dos paços, que elle sabia.

Sentando-se, el-rei disse:

—Bobo, conta-me uma historia que seja alegre!

Elle veiu deitar-se, como um cão, aos pés do senhor.

—Melhor saberei conto triste, que outros não tenho ouvido.

—Quem falla de tristuras?—perguntou o rei.

—O menestrel da Rainha, debaixo do roble canta de amor e faz chorar...

—Anh? Quem cantava debaixo do roble?

E elle contou-lhe então do troveiro, que, emquanto el-rei se andava nos montes, alli vinha tanger. Trazia o manto poento dos caminhos, tinha os olhos doces, e fallava a lingua da rainha... Depois sumia-se nos burgos, para reaparecer á sombra das velhas arvores, ainda a cantar d'amor...

Os olhos bravos do rei abriam-se scintillantes. A testa vincou-se-lhe de grossas rugas:

—E é moço? É formoso?—perguntou.

Oh! era como um principe: a sua voz era mais doce que o mel mais doce...

Num salto, o Bobo foi á ogiva espreitar:

—Senhor, lá está no eirado...

El-rei ergueu-se com má sombra. A figura branca e esguia lá estava ainda, olhando a fita argentea do mar longinquo. Ao luar surprehendente, dir-se-hia uma figura de marmore, immovel. Nos cabellos loiros pareciam estrellas ás pedras do diadema...

El-rei sahiu em direcção ao eirado. Agachado, o Bobo cantarolava:

Amor tem os olhos lindos,
Estrellas d'oiro.
Mas os olhos deitam sangue,
Mau agoiro!...

*

* *

O Bobo vertêra a peçonha. El-rei nem dormira, ciumento e iracundo. Quem sabia lá se era principe namorado, que vinha de longe como troveiro errante, fallar d'um velho amor?

Mais triste andava a Rainha, mais branca ainda; os seus olhos poisavam lentos em tudo, como lindas aves cansadas. El-rei, supersticioso, recordava-se da grande caçada, talvez agoiro da desgraça ou perjurio... E o seu olhar era mais torvo, e mais aspera a sua voz, mais assanhado o aspeito.

A Rainha chorava; a sua belleza emmurcheia. Nem ao menos voltára o troveiro contar-lhe, como num sonho, as lendas do seu paiz. O mau humor do rei assustava-a, á maneira da pequena ave fragil, que ouviu crocitar os bandos de pilhagem... No castello tudo era funereo, rude como armas que se chocam; velhos senhores andavam taciturnos, como se viessem de afiar espadas; só o Bobo cantarolava umas trovas frias, asperas como um grasnido...

Ah! que saudade do seu lago cheio de cysnes, do berço onde a mãe a embalára, tam distante, e sempre doirado como um sonho perdido!...

Um dia, no eirado, disse el-rei taciturno:

—Porque andaes triste? Acaso vos aborreceis dos meus beijos?!

—Senhor, porque o perguntaes? Não vedes que sou leda e ditosa!...

Mas logo, debaixo do roble (já a tarde caía, como uma immensa flor de luz que se desfo-

lha), um moço poento e errante veio pôr-se a cantar ao som de uma mandóra.

—Quem tange?—perguntou o rei, como se o mordesse um aspide.

Como alheada naquella musica de sonho



ACASO VOS ABORRECEIS DOS MEUS BEIJOS?

e de saudade, a Rainha apontou-lhe o trovador que ahi vinha dizer-lhe lendas do seu paiz longinquo.

—Lendas de amor? De guerra?!

—Ouvi! disse a Rainha, mais pallida.

A mandóra chorava. O menestrel cantava d'um grande amor sepulto no fundo argenteo d'um lago... Era uma princeza formosa como o sol, que se viu desditosa longe da sua patria, onde a primavera fazia constantemente florir as montanhas. Fugiu a princeza para o seu reino por uma noite estrellada e balsamica, em que as cigarras cantavam. Mas ao chegar ao seu reino, soube que tinha morrido numa guerra o moço que ella amava... E afogou-se no lago, onde desde então abrem grandes nunuphars côr da lua, que parece que choram, quando lhes dá o vento...

Ouvira el-rei, taciturno, o principio da ballada. Depois, pouco a pouco, o aspecto conturbára-se, os olhos chispavam lume... D'uma vez levára a mão crispada á adaga de oiro; mas logo se quedára, e no rosto passava-lhe uma nuvem tremenda. Na corôa, que lhe prendia os cabellos caidos, os rubis scintilavam como bagas de sangue...

A tarde caía. A Rainha sonhava. A mandora calara-se...

—Bem trovaste, menestrel, bem trovaste! Vaes ter o premio—disse o rei numa voz cava e tremula. E, chamando o Bobo, deu-lhe ao ouvido uma ordem rapida.

Os velhos cavalleiros empallideceram. A ultima luz do poente doirava agora no alto o roble antigo... Um silencio pesava, como se a noite que descia arrastasse um manto de infortunio.

Mas o Bobo voltava, adunco e livido—e ao seu lado, de negro e disforme, caminhava um homem espadaúdo, com uma longa corda.

Era o carrasco.

Branco como uma estatua, com a capa e os cabellos soltos, o menestrel adolescente perguntou em voz clara:

—Rei, porque vou eu morrer? Acaso vos falei de guerra ou de morte? Que mal vos fiz eu, que só canto d'amôr?...

De pé, silencioso, o rei apontou o roble antigo—e o carrasco atirou a um dos seus longos ramos a longa corda escura...

Então um velho senhor ergueu a voz já tremula—quebrando o silencio tragico:

—Senhor, deixae que eu me vá... A cova espera-me; tambem já amei... E custa-me ver morrer a juventude quando ella falla d'amor!

—Quedae, quedae!—respondeu el-rei com voz cava.—Vamos a ver se o troveiro ainda sabe cantar!...

Immovel, o menestrel deixára enrolar ao pescoço a corda assassina. Na mão pendente segurava a mandora. Cravára os olhos no ceu, onde abria uma estrella...

De pé, branca como os sepulcros de pedra, a Rainha parecia sonhar. Nos olhos, como extaticos, tremiam-lhe duas lagrimas.

Já a lua subia, esplendida e nua. O carrasco olhava, esperando um gesto de el-rei. Ao lado, semelhante a uma nodoa escura, o Bobo espiava.

Então o menestrel passou os dedos nas cordas... E começou a cantar, numa voz vaga

e meiga como a lua nascente, um solau de saudade... Mas o carrasco estrangulou-lhe os versos; a mandora caiu-lhe da mão pallida; e o corpo ficou oscilando, pendente do braço do roble gigantesco, atravez de cuja folhagem a lua viera beijar-lhe a fronte larga e pallida...

El-rei afastou-se, e com elle, lentamente, os cavalleiros e senhores.

O silencio e a lua enchiam o ceu e a terra. E apenas tres manchas destacavam ao luar

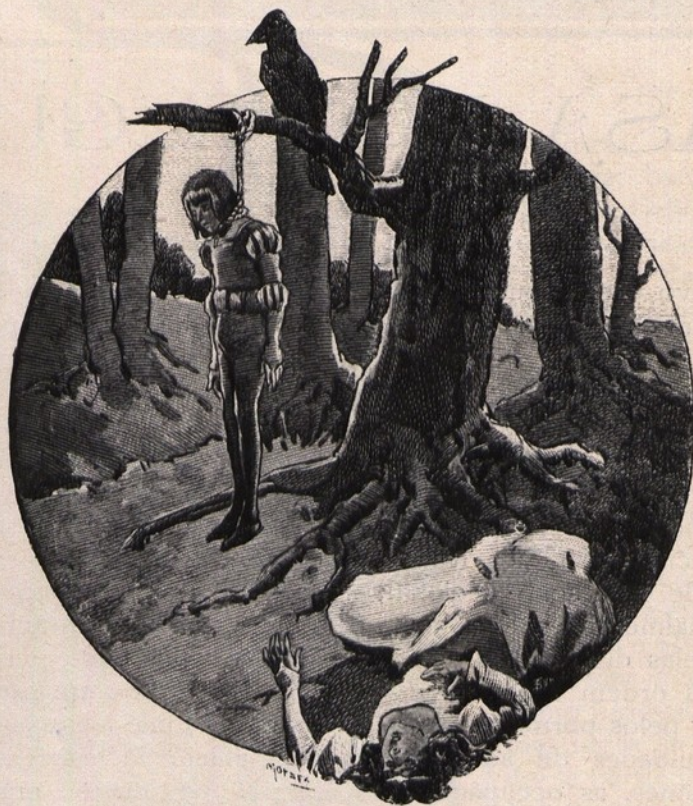
phantastico: a Rainha, branca, que tombára no eirado, como se fosse um pedaço do mesmo luar; o enforcado, a que o vento de leve ondeava os cabellos compridos, a capa negra e solta—e a mancha escura do Bobo, que cantarolava em surdina:

Amor tem os olhos lindos

Estrellas d'oiro...

Mas os olhos deitam sangue,

Mau agoiro!...



O CORPO FICOU OSCILANDO PENDENTE DO BRAÇO DO ROBLE..



EM CASTRO LABOREIRO

A CASA PORTUGUEZA

PRIMEIRA PARTE

Novo predio que um engenheiro illustre edificou na travessa recatada e quasi erma que é, no Porto, a rua do Conde, veio a dilatar, concreto e só assim persuasivo, o debil movimento promovido pela aspiração ainda indecisa da nacionalisação do domicilio portuguez. Ha um typo ou typos de habitação nacional, traduzindo materialmente, pelo schema architectonico, pelas disposições geraes da sua traça, pela ordem e ponderação das suas partes e pelos pormenores decorativos, as faculdades de adaptação regional, os costumes, as occupações e as tendencias do povo que as habita? E representa a nova casa um d'esses typos, discriminavel e irreductivel, por entre as vivendas ruraes e urbanas de importação alheia, de estylo cosmopolita ou sem estylo, de illogico transporte dos albuns para não importa que região de praia ou de cidade, de serra ou de ribeira, de sol ou de nevoa, de aridez ou de fragrancia? Um julgamento com asserto determina o previo exame ao que já foi denominado a «unidade cara-

cteristica», ou seja o padrão que vivamente exprima e em si resuma o typo ou typos da casa portugueza.

A habitação é a expressão final da convergencia de motivos interdependentes, como sejam a paisagem, a cuja influencia naturalmente se adapta, os recursos geologicos, os accidentes topographicos, as imposições climaticas e as necessidades e circumstancias sociaes e domesticas, á uma e parcellarmente imperativas. A geologia, primeiramente, dicta subordinções que logo emergem da physionomia exterior de um povoado. N'um sólo granitico onde a agua surge de nascentes com affluencia restricta, as casas dispersam-se; no calcareo, em que ellas são mais raras mas copiosas, agglomeram-se: é o caso extremenho, é o caso minhoto. Se a cal abunda a povoação avulta clara e vivaz, como na Beira littoral e no Algarve; se falta, dilue-se confusa e esparsa por entre a vegetação sombria, como no interior beirão e em Traz-os-Montes.

Ás vezes a pedra é cara e mais dispendiosas as communicações e os transportes: fabricam-se então os adobes, de Aveiro para o sul, e nos forros junta-se palha á argamassa (Baixo-Minho) ou en-

tretecem-se com cordas de palma os ripados de caniça divisorios (Algarve). Assim a architectura se submete aos recursos naturaes, uma vez que edificando-se com adobes não é possível erguer andares ou multiplicar os ornamentos.

Onde a rocha é schisto não raro as guarnições são de piçarra

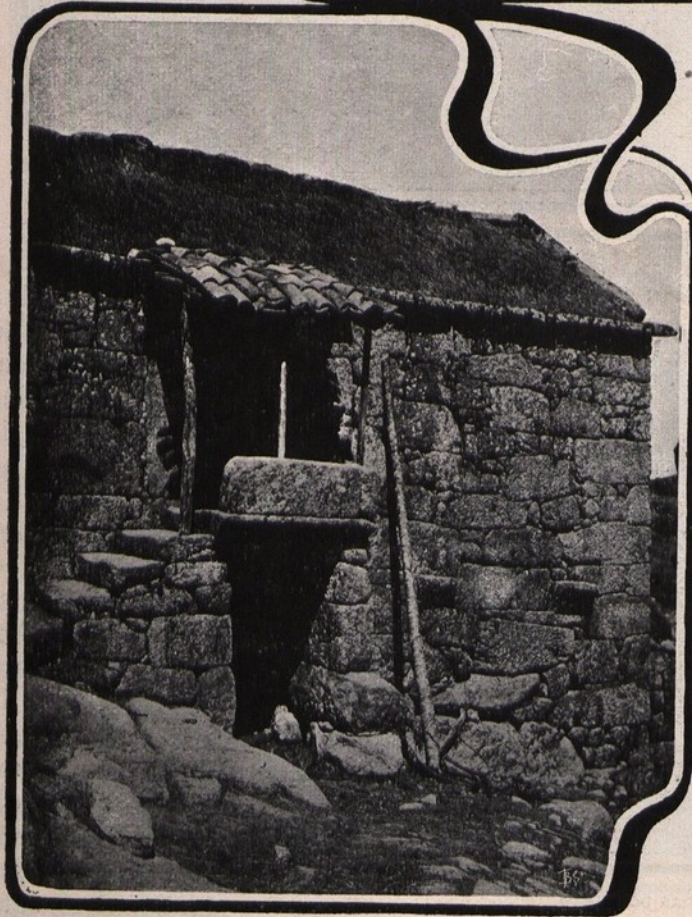


EM CASTRO LABOREIRO

e outras mesmo de madeira a verga, bombreiras e soleira (Bornes, Grijó, Valle Bemfeito). Nas zonas de contacto, como em Ovelha e Varzea do Marão e ainda em Montesinho, o predio é todo de granito, e de lousa, por facilidade e economia, só as coberturas ou beiradas; assentando o burgo sobre o proprio affloramento, uma e outra rocha indistinctamente se misturam, como em Abreiro, na junção do granito com o precambrico; e por fim a exuberancia do granito fino e alvacento faz solidas e garridas mediocres povoações como Lindoso, com as suas amplas lages de cantaria exhibindo-se particularmente ao longo das varandas e a toda a altura indivisa das pilastras.

As ondulações do solo, principalmente nas regiões serranas, aproveitam-se muitas vezes n'uma parte da parede ou

mantem-se no pavimento, tortuoso (Gavieira, Peneda, Campo do Gerez); e os blocos com que o predio se última, em harmonia com a natureza envolvente, dispõem-se quasi sem apparelho, sem preoccupações de fiadas, nem rebocos (Gralheira, Serra da Amarella, Adrão no Suajo).



NA GRALHEIRA

mais rija ou de granito (Campeã, Penaguião, Fozcôa), se a pedra de cantaria está perto e se os recursos não limitam mesmo o luxo da alvenaria até ao nível do sobrado; porque muita vez o andar é só de taipa (Lobrigos, Fontes, Sanhoane)

Ainda do dominio da geologia é a formação incessante de medões que do littoral para o interior mordem a terra de lavoura. Para attenuar a instabilidade do solo e sobretudo onde ella mais vivamente se accentúa, o pescador da costa de Mira, na Ria de Aveiro, o da Cova de Lavos, para além da foz do Mondego e o de Vieira, nas proximidades de Leiria, erige uma parte dos seus palheiros sobre estacas. É por entre estas, um metro e mais acima do pavimento moveção que a areia passa para ir formar

alongado e balcão avançando, attenua os effeitos das ardencias e nevadas; para que os gelos se não demorem tem a cobertura um rapido pendor (Marão); e os ventos desabridos da montanha, a des-



NA CAMPEÃ



EM GONDAR, FALDAS DO MARÃO

peito da escolha em recantos de encosta abrigada, demandam as fiadas de pedras fixando a telha, as grossas placas de schisto cobrindo os telhados e igualmente schistosos (Marão, Arga), os barrotes e grossas vigas fixando os colmos (Barroso, Campeã, Montemuro). Para protegerem do frio, as varandas são baixas e veda-

distante a duna; e assim insulado entre o medão e a linha das marés, o burgo assume o aspecto estranho e imprevisito das antigas povoações lacustres.

A adaptação ao clima obriga a providencias e previsões que se exhibem, em escala variavel, na physionomia exterior dos edificios. O telhado de beiral

das (Serra de Arga, Labruge), estreitos os respiros e postigos, muito chegadas ao beiral as janellas diminutas e escassas (Ermida e Germil, na Amarella) e colmados os chapeus com palha-centeia, giesta ou feno secco. É o que se observa em todas as povoações da serra e, com extensa amplitude, no famoso planalto bar-

rosão, a começar em Basto ou em Boticas, seguindo até á Serra das Alturas, abrangendo os numerosos povoados da vasta chã de S. Vicente, compreendendo as povoações das margens do Cá-

EM MOREIRA DE LIMA, FALDAS DA SERRA DE ARGÁ



no mez do Natal para junto do rio, que na estação dos frios se expande e rugue desabrído entre o fraguado; e pela Paschoa, quando pelas bombas abrigadas já as belgas reverdecem e se desenham os

mosaicos de feno que os vidoeiros enfeixam e limitam, as populações voltam das cubatas—da Entalada, Dorna, Mareco, Varziella, e Canheiras—para o granjeio das leiras altas e só agora apenas supportaveis.

vado perto das origens, avançando até ás faldas de Larouco e penetrando ainda nas terras hespanholas de Videferre, Gironda, Villa Mayor, Rendim e mais além.

Por vezes, emtanto, a ventania é persistente e violenta e com ella o abaixamento da temperatura constituem um flagello; então, como em Castro Laboreiro, os povos mais altos de Portos, Seára, Rodeiro e outros mais, mudam das *verandas* ou habitações de verão, para as *inverneiras*, residencias mais baixas, situadas n'um valle profundo e abrigado da tormenta. O exodo começa



NO SUAJO

Com a influencia das razões orographicas, hydrographicas, geognosticas e meteoricas vem a da paisagem, que d'ellas deriva, e que explica o contraste dos aspectos das povoações funebres e sombrias das abas das Serras de Bornes, da Nogueira ou do Alvão, por exemplo, e

as alvas e cantantes aldeias dos valles minhotos. Assim ainda na architectura, na esbelta gracilidade de alguns pormenores, nos desmandos mesmo da polychromia, em opposição ás linhas hirtas e simples dos «montes» das herdades transtaganas, por entre uma natureza onde não ha bruscos resaltos, imprevistos relevos, exuberantes seivas, riachos que desedentem a charneca ardida e fulva.

Quando todos ou alguns d'estes factores se não oppõem, o instincto da sociabilidade determina o agrupamento do casarío e sobretudo em regiões de planicie, outr'ora principalmente abertas a ciladas sortidas. A concentração era uma necessidade collectiva para a defeza; com a disseminação e o isolamento avultavam os riscos de ataques e incursões, contra as quaes a previdencia de algum dos moradores fizera abrir orificios aos lados das sacadas para o facil despedir dos zagalotes e dos quartos na hora ousada ou traiçoeira dos assaltos. Entretanto o regimen da propriedade interfere na compacidade ou affastamento, agglomerando os visinhos nas zonas dos dominios restrictos, como no norte, ou dispersando as moradías, como nos latifundios do Alemtejo.

Para a aglomeração concorrem ainda

certas formas do commercio e da industria, como a da pesca, juntando nas proximidades da abra ou da enseada mais humilde os que se entregam á piscicultura, ou ainda á funcção mixta de pescarias e lavoura (Apulia, Aguçadoura, Lavra); o fabrico das loiças, nos solos productivos de argila plastica (Prado, Tondella, Aveiro); o transito de mercadorias e viajantes, como no Pico, Famalicão e Amarante, depois diminuidos ou estaveis com o desvio dos trajectos pela viação accelerada.

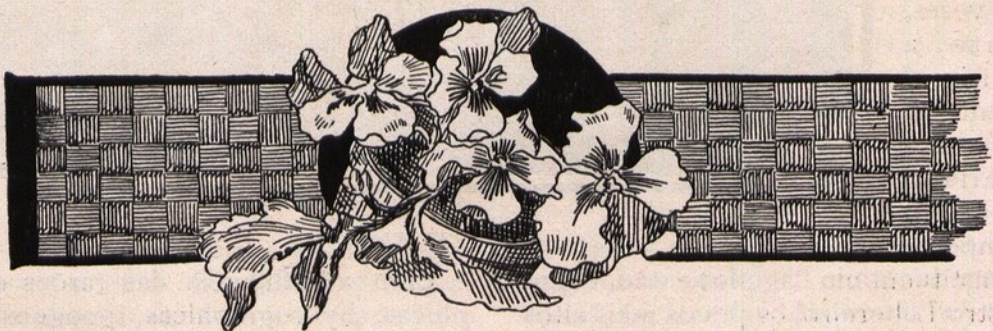
A desagregação do nucleo central em logares distantes, aliás enquadrados na mesma similitude de aspectos e costumes, effectua-se quando circumstancias economicas determinam a busca de outras facilidades de subsistencia que no burgo inicial já se não logram. Todos podemos assistir agora a um d'esses interessantes casos de desintegração na *villa* do Suajo, distante da qual embryonam o logarejo da Açoreira, com dois ou trez casaes e o de Campo Grande, já com seis: como outros, aqui e em toda a parte, são a viva imagem e a continuidade do agglomerado d'onde veem.

Annotados abreviadamente os conjunctos, destaquem as formas e desentranhemos d'ellas, se é possivel, os typos.

PORTO.

ROCHA PEIXOTO.

(Clichés do autor)



Educação de um príncipe

MA certas figuras históricas, predestinadas a uma vida de obscuridade, que se somem no tumulto sem deixar vestígios de haverem transitado na terra.

E pode o acaso tel-as collocado nos lugares mais eminentes, dirigil-as na curta existencia através dos acontecimentos mais memoraveis. A sombra persegue-as implacavelmente. A mão da providencia vela sempre, aos olhos desatentos da posteridade, a luz que passagieramente as illumina.

Na historia dos ultimos annos do seculo XVIII, em Portugal, caracterizada pela decadencia do poder da realeza e da fidalguia, perpassou uma pallida, quasi esvahida figurinha de príncipe, retocada de commovedoras infelicidades, que o olvido matou antes da morte e de que o tempo fez quasi uma personagem sem authenticidade.

E comtudo esse príncipinho do tempo da Revolução, essa sombra fugaz e esquecida, que brincou nos jardins de Queluz, que perseguiu os gamos na tapada de Mafra, que se apoiou nas amuradas das náos portuguezas,

usofruiu um titulo pomposo. Era o infante de Hespanha e Portugal, D. Pedro Carlos de Bourbon e Bragança, almirante general da marinha portugueza, marido da Infanta D. Maria Thereza, neto do rei Carlos III de Hespanha e da rainha D. Maria I de Portugal, nascido em Aranjuez, aos 18 de junho de 1786.

Ainda creança, já orfão, enfermizo e fragil, a Hespanha faz d'elle presente a Portugal, e a côrte portugueza, já tão sobrecarregada de príncipes e princezas, adopta-o, dá-lhe a dignidade de Infante, cria-o, educa-o, casa-o, vê-o crescer, vê-o morrer e esquece-o.

Filho do casamento da Infanta portugueza D. Marianna Victoria com o Infante de Hespanha D. Gabriel, irmão do príncipe das Asturias, que foi depois, no throno das Hespanhas, o rei Carlos IV, esse pobre predestinado deveu a luz

as consequencias do tratado funesto de 24 de março de 1778, que igualmente concertou o casamento de D. Carlota Joaquina com o Infante D. João.

Com uma cortezá e um epileptico compen-



sou-nos generosamente a Hespanha da perda da colonia do Sacramento, dos territorios do Paraguay, das ilhas de Fernando Pó e Anno Bom, arrebatadas á posse da corôa pelo tino



politico de Florida Blanco, que deixara de encontrar na sua frente as ameaças e os talentos do marquez de Pombal.

Seria hoje difficil ao historiador escrever duas paginas sobre essa pallida figura, seguil-a no seu caminhar ephemero pela vida, acompanh-a do berço hespanhol ao tumulo brasileiro, se a piedade quasi paternal de um professor não tivesse escripto, entre lagrimas saudosas, com uma ingenuidade enternecedora, o elogio historico d'esse joven e malogrado almirante das esquadras portuguezas.

Chamava-se o professor José Maria Dantas Pereira e foi o elogio impresso no Rio de Janeiro, residencia da côrte, em 1813, e dedicado á Infanta viuva D. Maria Thereza.

Para quem conhece o estylo gongorico, guindado, palaciano, que o seculo XVIII creou em Portugal para glorificação de principes e reis, e que ainda em 1806 produzia o elogio do professor regio de rethorica e poetica, Antonio Lourenço Caminha, á sempre grande, sempre immortal senhora D. Carlota Joaquina, serenissima princeza de Portu-

gal, gloriosa heroína do estado luso,—um dos documentos mais valiosos do cortezanismo indecoroso da época para os que, por investigações e estudos pacientes, tenham penetrado a vida portuguesa no declinar do grande seculo de Pombal,—o elogio do professor Dantas Pereira distingue-se pela emoção sincera com que o mestre obscuro procura retratar o discipulo querido.

Á ingenuidade d'esse culto piedoso devem-se detalhes que, para o tempo, podiam parecer attentatorios da majestade e grandeza do defunto: tão minuciosos, que constituem a historia mais elucidativa e completa da côrte devota de D. Maria I.

Pobre principesinho! Quem mais do que esse professor lacrimoso, a viuva quasi donzella e o sogro infeliz, sentiram a tua morte e a choraram?

Fazer conhecer aos portuguezes, ao mundo e á posteridade quem foi na realidade o senhor Infante D. Pedro Carlos de Bourbon e Bragança, era, para o teu professor, uma obrigação indispensavel, uma precisão imperiosa!

E como se desobriga d'essa missão, digna de um Plutarcho, o teu professor inconsolavel? Como te mostra elle á posteridade e ao mundo?

Pinta-te physicamente de uma delicadeza extremosa, como de esperar da criação entre braços de senhoras. Descreve-te, ó debil almirante das esquadras portuguezas, de saude tão mesquinha, debil e infectada, quanto se pode deduzir do desenvolvimento do teu physico!

Conta á posteridade que foste um epileptico. Retira-te o culto das mulheres, dizendo-lhes que eras marcado das bexigas. Que provas do teu grande talento legou á historia o teu panegyrista? Que em 24 de setembro de 1803 estudaste, reproduziste e demonstraste, sem soccorro e sem erro algum, o calculo das tres equações da hyperbole e de algumas propriedades d'esta notavel curva. Que no dia 28 de setembro de 1804 estudaste e repetiste muito bem, sem auxilio e sem emenda, as primeiras cinco paginas da luz reflexa, que se encontram na primeira edição de Jacotot!

Que feito notavel, digno de se transladar aos compendios de civismo, designou o teu chronista fiel ao assombro dos vindouros? Tu deste a mais decisiva prova de adhesão e amor a teu augusto tio, o regente de Portugal, deliberando acompanh-o ao Brasil, sem

te importares—ó desherdado!—com a perda da tua grande casa; sem te importares—ó exilado!—com a tua eminente representação na Hespanha!

E nem uma hora de heroismo e de gloria, almirante? Sim; embarcaste na náó *Principe Real*, um dia em que os semaphoros da barra do Rio de Janeiro assignalavam ao largo uma escuna francesa. Mas o vento teve inveja da tua gloria. A esquadra não poudo levantar ferro para perseguir a escuna errante e perdida no mar. E por tão pouco, és comparado ao Infante D. Henrique! Em vão, esse pobre homem procurou motivos para te egualar a todos os varões illustres da historia, aos conquistadores romanos, aos sabios de Alexandria, aos grandes deuses do Olympo. Mas como almirante, não te coadjuvaram os ventos; como presidente da Academia apenas tentaste os primeiros bosquejos de uma traducção dos *Annaes* de Tacito. Debalde, o teu unico amigo pesquisou a tua vida, quiz ser o novo André de Resende de um novo Infante D. Duarte. A tua vida não deu assumpto para o panegyrico. O teu nome fluctua apenas como uma nevoa impalpavel n'essas paginas inconsolaveis. Mas uma cousa se aprende no teu elogio historico e para isso elle serviu as curiosidades de uma posteridade, que não pode admirar-te:—a maneira como se educavam, no tempo da Encyclopedia e da Revolução, no seculo de Diderot e de Voltaire, os principes portuguezes; a maneira como se preparava, na hora das conflagrações dos povos com as realezas, para as culminancias do mando, um Infante de Portugal!

A côrte portuguesa era uma côrte triste.

Presidia-a uma rainha louca. O Regente, devorado de desgostos domesticos, andava recolhido, dias inteiros, a um isolamento taciturno. Era um homem tristonho, bonacheirão, complacente e tibio, casado com uma mulher grosseira, intrigante, luxuriosa e estúpida. Vagueava ainda pelas salas dos paços uma viuva a chorar o esposo morto e o throno perdido. Em redor d'essa côrte caduca, enfermiça e devota, onde havia de tudo, desde a comborça á doida, evolucionava uma nobreza em decadencia, insidiosa e soffrega, illetrada e hypocrita, vivendo dos ultimos privilegios, salvos de entre o sangue, sob o castello de Belem. Emquanto a guilhotina trabalhava em França, Portugal construia a basilica da Estrella e o theatro de S. Carlos.

O Intendente conseguira atrazar por vinte annos a revolução, inaugurando a repressão do philosophismo. Os sabios eram desterrados; os livros eram perseguidos. Essa sociedade vigiada, espiada, escondera-se nas alcovas. A democracia invadiu a unica provincia do sentimento, que o Intendente se esquecera de policiar: o amor. As princezas amaram os almoxarifes. A philosophia, encontrando todas as portas fechadas, refugiara-se nos quartos de cama. A republica escondeu-se debaixo dos leitos da nobreza e esperou que a fossem accordar em 1820.



De Cintra para as Caldas, das Caldas para Salvaterra, de Salvaterra para Queluz, de Queluz para Mafra, de Mafra para Caxias, da Ajuda para a Bemposta, da Bemposta para a Praça do Commercio, vagueava a côrte com os seus bôbos, as suas validas pretas, os seus parasitas, os seus maestros, as suas damas de honôr e as suas açafatas, sem encontrar alojamento condigno da Majestade. Os entulhos do terremoto difficultavam ainda o transito das ruas. Por toda a parte se viam escombros. A monarchia absoluta agonisava n'uma capital cheia de ruinas, que o governo pombalino não tivera tempo de reconstruir por completo. Ao poder varonil de Pombal, succedera a tibieza de Cerveira. A energia entregára o sce-

ptro á incuria. A prosperidade corrompia-se na decadencia. Na phrase pittoresca do proscripito, *Portugal ia á vela*. Ao ministro genial substituiu-se o arcebispo confessor. Só a execução da nobreza continuava,—não já com o apparato tragico e com os solemnes horrores do cadafalso, mas com as humilhantes affrontas de Thessalonica, que dizia a lord Beckford, na sala dos Cysnes, indicando com a mão plebêa a maior fidalguia de Portugal:—*Meu caro inglez, tudo isto é uma sucia de marotos e aduladores. Não acredite nem uma palavra do que lhe disserem. Apesar de brilharem como oiro, a lama não é mais vil. Eu conheço-os bem. Aqui está uma prova da prudencia ingleza. Este botõesinho para segurar a algibeira é uma invenção preciosa, especialmente na grande sociedade. Não o tire, não adopte nenhuma das nossas modas ou terá de se arrepender*. E a nobreza de Portugal,—os descendentes dos heroes, dos conquistadores, dos vice-reis,—curvava-se, sorria, dobrava o joelho, beijava o anel do antigo soldado de Chaves! Sim; *Portugal ia á vela*, contra um penedo, por um mar de lama! Por toda a parte lavrava a desorganisação. A provincia de Minas Geraes sublevava-se. Os milhões de cruzados, que a providencia de Pombal juntara no erario para custear as despesas da guerra imminente com a Hespanha, eram applicados na construcção do convento e da basilica da Estrella. D. Pedro de Cevallos apparecia, de subito, em frente da ilha Santa Catharina, em som de guerra. A Inglaterra tratava-nos desdenhosamente como um paiz tributario, fazia a guerra de côrso nas nossas aguas e nos nossos portos. As ruas de Lisboa eram infestadas de maltas de ladrões. Pallidos de medo, os embaixadores faziam e desfaziam os tratados de paz. A Hespanha roubava-nos Olivença. É entre esse desabar de tradições, n'esse verdadeiro terremoto de um passado, abrindo fendas e desmoronando-se, que crescia o Infante D. Pedro Carlos, o futuro almirante das esquadras portuguezas.

Os seus passatempos resentiam-se da natureza enferma e fragil com que nascera e dos cuidados mulheris com que fôra creado, entre as saias das açafatas e das camaristas, n'uma atmospheria morna de sacristia e de alcova. Os seus recreios consistiam na cultura de jardins e hortas, no trabalho do tórno e na confecção de theatrinhos e presepios. É curioso verificar a influencia das doutrinas

de Rousseau, evidenciada n'essas recreações campestres e mechanicas, de mistura com os divertimentos devotos. *Diversões innocentissimas!*—exclama o seu panegyrista. Nunca ninguém lh'as conheceu criminosas ou remotamente suspeitas. Entretanto, a côrte não era logar de virtude. Os leitos de páo santo das açafatas tinham fama de acolhedores. Lord Beckford corria atraz d'ellas nos jardins da Ajuda e o proprio Arcebispo ás beliscava. Mas o principesinho, picado das bexigas, não era de feição a tentar as dançarinas languidas dos *lunduns*, que tanto captivavam pelos me-neios lubricos a sua tia Carlota Joaquina.

Quando falleceu o seu confessor e mestre de primeiras lettras, padre João Marim, o infante sabia já de cór o cathecismo e ia pouco adiantado em escripta e taboada. Não importa! Dantas Pereira, que é humanista e rhetorico, leva-o para o latim e para a metaphysica de Genuense. Simultaneamente, são dados a sua alteza mestres de dança, esgrima, inglez e desenho e ensinam-lhe *alguns brincos militares, que no progresso dos tempos virão a constituir-se mais serios e mais instructivos*.

Resumidamente, o Infante estuda o francez; a geographia; a historia geral e particular de Hespanha; as mathematicas puras, exceptuando o calculo superior; as noções elementares da mechanica, da cosmographia, da artilharia e as das evoluções da infantaria e cavallaria; grande parte dos *Elementos Botânicos* de Brotero; todo o curso phisico-chimico de Jacotot; as artes de pensar, raciocinar e escrever de Condillac.

Traduzindo o cathecismo de Fleury, as fabelas de Florian e La Fontaine, os dialogos de Fenelon e o *Telemaco*—livros consagrados na pedagogia palaciana, aconselhados por Maria Antonietta, que os fazia ler ao Delfim,—aprendeu sua alteza o bastante de francez para consentir no mestre a esperanza de que a pratica lhe substituisse com vantagem as lições! A esse tempo, o principe falava uma algaravia castelhana e portuguesa, dado o uso em que se estava na côrte de cuscuvilhar em italiano, a linguagem de sua alteza, com os progressos no francez, tornou-se embaraçosa. Mas o professor era habilissimo e paciente. Não se prendeu com futilidades. Começou o ensino de geographia... em francez, e como julgasse preferivel, *ir como que marchando de um centro e dilatando-se de periferia em periferia, com attenção a passar, gradual e conse-*

cutivamente, do conhecido para o desconhecido e do menor para o maior, fez principiar o senhor Infante pelo mappa de Lisboa, após o qual considerámos o dos arredores d'esta capital até Mafra, cuja estrada, por sua alteza muito conhecida, foi por sua alteza mesmo transladada a outro papel! Para que enfasiar o principe com o estudo da innumeravel e desunida multidão de nomes barbaros, relativos a paizes, povoações, lagos, rios, montes e vales? Por tanto, no jardim geographico—confessa o professor,—demorámo-nos sómente com os bustos e os obeliscos principaes. E velozmente,—porque a morte, n'esse findar de seculo, parecia caminhar mais depressa do que a sciencia nos palacios dos reis,—o professor sagaz, de uma tão exuberante fantasia pedagogica, entra com o seu discipulo nos domínios da historia: a sciencia dos principes, por excellencia, como lhe chamou Machiavelo.

Discreteando com jactancia e finura sobre o seu methodo de ensino, escreve Dantas Pereira:

Segui n'este estudo, tanto quanto julguei praticavel, o systema de adquirir ideias individuaes, para depois as classificarmos e ligarmos entre si; passando do individuo á especie, d'esta ao genero e d'este ao total complexo da Sciencia. N'estes termos aprendeu Sua Alteza, primeiro, a historia individual de Plutarcho, em cuja leitura tive presente a formação do caracter e do coração do senhor Infante: objecto essencialissimo, que nunca deixei de considerar, ainda mesmo nas acções que pratiquei e nas palavras que proferi na Sua Real Presença. De Plutarcho passámos á historia universal de Milot, d'esta á de Condillac e d'esta aos Annaes de Tacito, occupando intervalos com o grande Atlas de le Sage. Combinado com Pons e Bowles, entretiveram-nos em cousas de Hespanha, Bourgoing, Colmenar, Xavier e o censo de 1778. A traducção de Duchesne foi lida com grande reflexão e o seu resumo em verso foi decorado e repetido.

Finalmente, como de Hespanha tivessem vindo numerosas gravuras representando trajes, edificios e terras mais notaveis, o principe, com grande applausos do professor, resolveu amenisar o estudo de Tacito e Plutarcho, entretendo-se a pregar nas paredes os retratos dos homens insignes, desde Homero, innocente occupação que tanto o adiantou em conhecimentos, que o mestre entendeu por concluida a educação humanista do Infante,

dando-lhe a ler a *Historia Geral das Viagens*—adivinhem de quem?—do auctor galante da *Manon Lescaut*, do esmoler do principe de Conti, do aventureiro abbade Prévost: esse Fleury do romance, na phrase de Sainte-Beuve.

Passando agora á quarta e ultima parte dos estudos de Sua Alteza, que elle devia dirigir, conforme as ordens regias, que lhe foram intimadas pelo Marquês Mordomo Mór em agosto de 1797, as attenções de Dantas Pereira occuparam-se nos progressos do principe na *Sciencia* por antonomasia. Em compendios por elle elaborados, o principe aprendeu a arithmetica e algebra elementar, com



assás investigação sobre a doutrina das series, dando depois uns elementos geometricos, ambas as trigonometrias, um tratado de secções conicas, o de mechanica, escripto por Jentet e a cosmographia de Mentelle, addicionada com extractos dos principios Newtonianos, com a astronomia de La Lande e a gnomonica de Wolf, advertindo que o mestre procedeu com todo o rigor Euclidiano, coherente com a opinião do immortal Archimêdes, que não achou em mathematica estrada privativa para os monarchas.

No tocante ao calculo superior, propunha-se o mestre explical-o ao discipulo querido, quando os acontecimentos politicos aconselharam a familia real a embarcar para o Bra-

sil em 29 de novembro de 1807, na frota comandada pelo vice-almirante Manoel da Cunha Souto Maior.

Teve Sua Alteza outros professores, como o de esgrima—que foi Jacques Lebon, mais tarde expulso pela policia, como jacobino; e o de inglez—que foi Cartwright, parente do actual primeiro secretario da legação de Inglaterra em Lisboa. Mas a sua educação, confiada a um mestre carinhoso e incompetente, resente-se de todos os vicios, que o obscurantismo da *viradeira* trouxera á vida intellectual portuguesa, n'esse memoravel fim de seculo, ainda aggravados pelo preconceito da religião e da realeza.

A historia resumida d'esta educação de um principe, pode servir, com poucas variantes, para explicar a ignorancia dos futuros monarchas D. Miguel e D. Pedro, um pouco atte-



nuada, n'este ultimo, pela convivencia com homens eminentes na politica, nas sciencias e nas letras.

É legendaria a boçalidade de D. Pedro III —o capacidonio—preferido ao duque de Lafões para o casamento da herdeira do throno. Pombal pareceu recear-se da illustração e dos talentos de D. João de Bragança, da preponderancia que o duque assumiria no animo do rei ao elevar-se á dignidade poli-

tica de marido da princeza real, e sacrificando á sua vaidade e soberba de valido a paixão averiguada, de D. Maria, afastou de Portugal e do throno o unico homem capaz de lhe continuar a obra prodigiosa. Tardiamente, o grande ministro comprehendeu o seu erro e ainda tentou, pela educação de D. José, preparar um novo sucessor á corôa. O seu conhecimento dos homens deixava-lhe adivinhar e prever os dias de desgraça, que se avisinhavam com a sua velhice e a enfermidade do soberano. Quiz ainda salvar o paiz e salvar-se. Pela derradeira vez, pôz em movimento os machinismos complicados e tão seus conhecidos de uma verdadeira conspiração contra a futura rainha. Ou a abdicação no primogenito ou a lei salica: era o dilema, que o ministro poderoso proporia ao monarcha, se a morte não viesse inutilisar os seus calculos!

Quantas vezes no seu exilio de Pombal, o Richelieu portuguez não teria pensado com tristeza e amargo arrependimento n'esse outro exilado, que a sua inveja afastara do throno, n'esse brilhante D. João de Bragança, o amigo dilecto do imperador da Austria, que havia de ser o generoso conselheiro d'aquelle seu bem amado principe D. José, e unico, apesar de inimigo, que mais tarde faria justiça á sua obra e ao seu genio!

A substituição de D. João por D. Pedro no thalamo da princeza D. Maria é a causa remota da decadencia da monarchia portuguesa no fim do seculo XVIII.

Pombal pagou cruelmente o seu crime de Estado, para que nos detenhamos a accusal-o. Este foi o maior delicto da sua vida de politico. Os dois reis imbecis, a rainha doida, a princeza dissoluta, o regente poltrão e manhoso, são os filhos d'esse erro condemnavel. O que teria sido a historia portuguesa do seculo XIX, se a o lado de D. Maria I se houvesse sentado no throno, em lugar do rei D. Pedro, o rei D. João Carlos; e se á rainha tivesse succedido esse principe energico e revolucionario, que as vagas palavras de Thessalonica a lord Beckford deixam adivinhar tenha sido a ultima victima da *viradeira*?

Mas o nosso proposito é apenas o de accentuar as causas que influiram n'esse desprezo pela educação, que caracterizou no alvorecer do grande seculo XIX a familia real portuguesa, collocando-a abaixo da sua missão, preparando as conflagrações intestinas e temperando as energias revolucionarias.

Viu-se, n'esta exposição apressada, que podia lucrar em claresa, se a desenvolvessemos mais do que é consentido a um simples artigo, a falta de escrupulo com que se fazia de um rapazinho de vinte e um annos, pelo simples privilegio do nascimento, um almirante general, n'essa hora excepcionalmente perigosa para as monarchias, quando a Revolução Franceza, preparada pelo philosophismo e pela livre critica, advertia os reis dos perigos a que os expunha a soberana vontade dos povos, a consciencia novissima da sua importancia social e a experiencia terrivel do poder destruidor das suas coleras. Seria proveitoso comparar ainda essa educação de um principe portuguez á educação que tinham recebido em França os inimigos da monarchia. Lá, como em Portugal, o humanismo era o alimento mais nobre dos espiritos. A igreja exercia o monopolio do ensino. As artes latinas, universitarias e theologicas, povoavam as imaginações de heroes, exercitavam as faculdades oratorias e desenvolviam os recursos casuisticos. A mocidade descobrira na historia de Roma a Republica. Uma sede de saber curvava sobre os livros esses moços inquietos, de uma energia de predestinados. Os padres exaltam essa geração pertinaz e estudiosa, difficilmente estabelecem limites a essa curiosidade avida de saber, que a empallidece em vigílias perseverantes. Essas feras, como depois hão de chamar-lhes, teem o culto apaixonado da elegancia e da forma. Á ignorancia da nobreza, oppõem os primores de uma illustração classica e academica, que prepara a eloquencia oratoria da Revolução. Aos quatorze annos, Mirabeau é um excellente discipulo do pensionario militar do abbade Choquart e surprehende os camaradas pela sua paixão pelas linguas antigas; Vergniaud excita a admiração de Turgot nos exames do collegio de Limoges. Os padres oratorianos de Marselha, criam um premio de honra para Barbaroux. O partido da *Gironda* distingue-se pelo seu gosto apaixonado pelas humanidades. Fouché ensinara philosophia a Billaud-Verennes. Saint-Just era o melhor alumno do collegio de S. Nicolau de Soissons. O abbade Proyart, vice-reitor do collegio de Luiz-o-

Grande, diz de Robespierre: *o estudo era o seu Deus!* No concurso geral de 1778, o primeiro *accessit* d'amplificação franceza é concedido a *Camillo Benedictus Desmoulins*. O primeiro premio pertence a André Chenier. Danton improvisa discursos em latim e lê Shakespeare em inglez. Muitos d'elles, como Chenier e Desmoulins, sabem grego, traduzem Xenophonte e Aristophanes. Todos elles conheciam a Encyclopedia, tinham estudado Montesquieu, Voltaire, Rousseau, Beccaria e Buffon.

Esses selvagens eram, no fundo, uns lettrados. O sanguinoso Marat idolatrava Virgilio. Brissot era um sabio.



Por esse tempo, em Portugal, os principes mal sabiam escrever. A instrução do Infante D. Miguel era confiada a frei Antonio da Arabida. A Infanta D. Maria d'Assumpção ignorava quem fosse Camões. A descendencia do *capacidonio* arrastava o paiz á vergonha, á miseria e á guerra. Pombal inutilisara toda a sua obra n'uma hora de fraqueza, de inveja e de ciume.

CARLOS MALHEIRO DIAS.





AS
ARVORES
DA
CIDADE *

*Tristes arvores, coitadas,
que descorada tristeza
nas suas pobres ramadas...
que sabem da natureza?*

*Não dão a sombra a quem passa,
sua sombra fresca e verde;
o claro manto da graça
na de altas casas se perde.*

*Lá longe, o campo... e bebendo
o chão p'las fortes raizes,
vão suas irmãs crescendo,
— arvores livres, felizes.*

*Perdem a rusticidade,
sua fecunda beleza,
as arvores da cidade...
que sabem da natureza?*

*Pódam-nas. Tesoiras frias
aparam ramos espertos,
que são os braços abertos
da alma das ramarias.*





*Brotam das calçadas duras,
da sua crua dureza,
e não das leves escuras...
que sabem da natureza?*

*Em suas braços, — as traves
que amparariam cem lares, —
nunca se amaram as aves
com chalreados cantares.*

*E cada braça sósinha
mal sabe dessa pobreza,
ou quem sabe se a adivinha ..
que sabem da natureza?*

*Lá longe, o Campo... , as florestas,
que são famílias unidas
de criaturas honestas
no trabalho recolhidas.*

*Dos pinhaes na fresquidão,
ou no cheiro dos pomares,
o bom silencio dos ares
convida á meditação.*

*E estas cresceram ouvindo
ranger, com brava fereza,
a cidade uivando e rindo...
que sabem da natureza?*

AFFONSO LOPES VIEIRA.

Se a mocidade soubesse...

II

ROSAS DE TRIANON



STEVAM LEF, conde de Waldorf-Kilmansegg — inglez por educação e por herança materna e austriaco por seu pae e em razão de ser proprietario de terras na

Silecia—rapaz difficil de contentar e de gostos epicuristas, escolheu para viajar, por motivos que o seu lacaio julgava incompreensiveis, uns invios e negregados logares da Westphalia, no mez de abril de 1813, anno de cruentas guerras. Em vez de se dirigir para a alegre capital do rei Jeronymo, onde poderia viver á lei da nobreza, encaminhou-se para as cercanias da floresta thuringiana e foi pousando nas estalagens de villas então meio desertas e de miseraveis aldeias espalhadas ao longo da estrada Imperial.

Emquanto os postilhões e lacaios maldiziam do vinho fraco e da comida grosseira, e os cavallos da sege de viagem passavam horas e horas em cavallariças ordinarissimas, o amo e dono, á procura não se sabia de quê, dava a pé e sósinho longos passeios, de que voltava emproado, como de costume, fatigado e descontente.

Ouvindo-lhe dar ordem para pernoitarem no logarejo de Wellenshausen, quando bastaria andar um pouco mais para irem ficar á razoavel cidadezinha de Halberstadt, o lacaio Franz entendeu que a situação excedia o que o seu espirito irrequieto de viennense podia supportar, e resolveu demittir-se do cargo. Logo depois bateu na testa de modo significativo, porque o amo sahiu da hospedaria forrada de videiras e veiu para a rua, onde ficou olhando para a direita e para a esquerda, como se esperasse alguém.

—Temos mulher no caso—opinou o Pedro postilhão, fazendo uma careta sobre a caneca de cerveja—ou anda o diabo de volta com elle.

Mais longe não podia ir no diagnostico do estado mental de seu patrão.

*
* *

Posto que situada, em parte, na orla da planicie, a aldeia ainda se estendia pela montanha: cavalgando o aspero contraforte da distante cordilheira coberta de arvoredo, escudava-a, pela banda septentrional, uma grande rocha, que sósinha se erguia no meio do campo, tão empinada e alterosa, que a julgariamos inacessivel se não a coroasse um castello. Torrente de escuras aguas, em todo o tempo frigidissimas, precipitava-se espumante pela encosta, havendo manado de mysteriosa e sombria caverna, e, correndo com estrepito ao longo do leito, ia cortar em duas a aldeia, no seu caminhar em direcção á planicie.

Estevam Lee ergueu os olhos para o Burgo, carrancudo de aspecto a maior parte do tempo, mas que, n'aquelle instante, illuminadas as suas estreitas janellas pelo sol poente, despedia clarões côr de rosa. O pensamento, nas azas da phantasia, alçava-se-lhe para o castello roqueiro, quando o clamor de vozes infantis lhe desviou a attenção para outra parte. Era um bando de gaiatos que ia correndo para o lado da ribeira, em cuja ponte vinha a passos ligeiros avançando um homem. Parou, por instantes, sobre a parte mais alta do arco de pedra tosca, e os sons alegres de uma rabeca fizeram-se ouvir acima do vozear da gaiatada e do murmurio das aguas. Bailando, cantarolando, pinchando, os pequenos rodearam o musico e seguiram após elle, agarrando-se-lhe alguns ás abas da casaca. Fazia lembrar o magico flautista da lenda.

Parado no meio da estrada, o conde tinha os olhos a brilhar e reflectia no semblante risinho os clarões do sol quasi a occultar-se.

O rabequista encaminhou-se para elle e cumprimentou-o, inclinando o corpo sem afastar do peito a rabeca, porque ainda não tinha acabado o que estava tocando.

—Já nos encontrámos—disse elle.

—E eu já não esperava tornar a encontrá-lo—redargui Estevam, com ligeira commoção.—A sua musica não me sahiu da cabeça estes dias. Parece que me enfeitiçou!

A despeito do tom de amigavel censura com que foram ditas estas palavras, o conde estava envergonhado por se mostrar tão affavel para com um musico ambulante, e córou.

— Com que então — disse o outro, petulantemente— não deixou ainda de ser macambuzio! Oh grande Apollo! Quem me dera que podessemos trocar os nossos destinos, e affianço que não me faria falta a companhia de um velho. Quietinhos, meus pequenotes, e deixem um fidalgo falar . . . com outro fidalgo.

Calou-se e, após instantes de meditação, olhou para o interior da estalagem através da porta aberta de par em par; ergueu depois a vista, rapidamente, para a mansão acastellada, cujas torres coroavam o cume do morro.

— É possível que pessoa tão fina queira ficar n'esta aldeia miseravel!— exclamou.— Vejo acolá adeante os seus cavallos já desapparelhados. Convida-me para ceiar . . . collega viajante?

Como, ao dizer isto, cingiu com a coçada manga a do conde, que era do mais fino estofa, os garotos soltaram grandes gargalhadas.

Estevam estremeceu e franziu o rosto, mas dominou-se promptamente e acompanhou de boa vontade Hans até á sala da estalagem da Cegonha de Prata, onde abancou em frente d'elle, com grande pasmo do hospedeiro.

Era o musico homem dos seus cincoenta annos, magro, alto, de feições bem pronunciadas e de aspecto singular. No fato, embora pobrissimo, revelava uma tal ou qu distinctção: calções de fazenda ordinaria, sapatos com fivela de metal e camisa de panno de linho grosseiro, muito cavada no cox, de modo que deixava bem á vista as cordoveias do pescoço. O emmaranhado cabello formava por traz um *chicote*, muito em moda vinte annos antes. Os olhos grandes e occultos em

orbitas profundas, pareciam melancholicos e scismadores, quando não exprimiam implacavel zombaria.

O certo era, em todo o caso, que o conde de Waldorf-Kilmanssegg, apesar de sen-



SIDONIA DEBRUÇOU-SE POR CIMA DO HOMBRO DA TIA

tir-se um tanto embaraçado, tinha por convivida um reles musico ambulante, que todos conheciam n'aquelles sitios pelo «Rabequista Hans».

— Sabe — dizia este — que não posso dar-lhe parabens? O pão é azedo, e mais que azedo o vinho. Gabo-me de ter bons dentes, mas não sou capaz de rilhar esta salchicha. Assim com fome e com sede—e bateu com a mão no deprimido estomago— não terei espirito para to-

car, logo á noite, uma unica nota... Guarde as suas pragas para melhor uso, pois com ellas não tira o azedume a esta zurrapa. E eu, pobre de mim!—acrescentou, olhando pensativo para as pernas, que estendera commodamente—eu que estava antegosando uma ceiasinha de capão assado, regada com uns copos de velho Borgonha! Que diz? Que já ceou? Não? Outro tanto digo eu. Venha comigo, sr. conde. Convido a sua seriedade para cear n'um sitio, onde a meza será opipara e onde gosará a presença de uma linda mulher.

Calou-se para gosar o espanto do auditorio, e continuou com animação:

—A nobre ingleza e o fidalgo austriaco responsaveis pela sua existencia, meu caro, estragaram o acepipe, faltando-lhe um nadinha com os temperos. Com a fortuna! Pois não tem em si, ao menos, um sorriso... uma centelha, que o anime perante o aspecto jovial das coisas? A mocidade deve ser o riso da vida. Ande comigo! Tem muita coisa que aprender.

E deixando de parte a comida, tomou o mancebo pelo braço e levou-o pela porta fora. A aldeia já começava a envolver-se em sombras, mas o castello alcandorado no cimo da penha ainda scintillava como um rubi. Apontando para lá, o musico disse:

—Já uma vez o puz em contacto com uma sociedade muito ordinaria. Foi no dia em que travámos conhecimento. Hoje vou apresental-o a uma sociedade das mais selectas.

O dono da estalagem, que tinha estado de bocca aberta, e que ria sempre ás gargalhadas com as facecias do musico, resmungou:

—Valha-te Deus! Julgas que assim entras no castello, onde o burgrave tem sempre a mulher fechada a sete chaves?

—Está claro que entramos!—respondeu o outro, imperturbavel.—Anda, empresta-nos o burro e o garoto do Georgi e dá ordem para que a mala do fidalgo seja posta, com todo o cuidado, ás costas do animal. Passamos a noite no castello. Vae!

A ideia pareceu-lhe uma simples brincadeira, porém o dono da Cegonha de Prata não resistiu á intimação, reforçada, de mais a mais, com um gesto imperioso.

—Não faça de mim um tolo—disse Estevam ao musico, em voz baixa, quando viu o hospedeiro ir cumprir a ordem.

O outro atalhou com impaciencia:

—Na mocidade mostra mais juizo quem fizer mais tolices. Que tenha, ao menos, o privilegio de fazel-as com graça... Oh! Tomara eu poder ensinal-o!

E voltando-se para os garotitos, disse-lhes jovialmente:

—Hoje não, amanhã toco para dançarem até não poderem mais... Hoje sou uma grande personagem, vou cear com o burgrave!

Os garotos, que eram já como tordos em volta d'elles, responderam em côro:

—Pois sim, tio Hans! Pois sim!

E o dono da estalagem d'ahi a instantes, quando os hospedes já se afastavam da Cegonha de Prata a caminho do castello, dizia com os seus botões:

—Levado da breca este Hans!... Faz o que quer dos grandes e dos pequenos! Nem que fosse um feiticeiro! Pois se entrarem no castello, talvez não voltem de lá! Valha-lhes Deus!

É que o estalajadeiro, como toda a gente da aldeia, tinha na massa do sangue o terror do velho Burgo, que lá no alto se erguia ameaçador, povoado talvez de portas falsas, de alçapões e de masmorras...

*

* *

—Sidonia,—disse a burgravina, no quarto da torre—isto não se pode aturar!

Como esta affirmação se fazia, pelo menos, cinco vezes em cada dia que Deus deitava ao mundo, a ouvinte não ficou tão impressionada quanto pedia o apparente desespero da mulher do burgrave. As lamentações continuaram com grande intimativa:

—Um dia atiro-me d'esta janella abaixo!

Por causa das duvidas e como quizesse olhar para fora sem perigo de despenhar-se, encostou com cuidado os cotovellos á cantaria do peitoril.

—Se a tia quizer, pode sahir comigo uma vez por outra—lembrou Sidonia, amavelmente.

—Para passeiar? Ai, filha, teu tio bem sabe o que fez encarcerando-me despoticamente no cimo d'este infernal rochedo. Já não tenho sequer um par de sapatinhos, com que deitasse até meio do caminho, que vae d'aqui até lá abaixo. Só de olhar para a rampa que sobe para o castello, sinto vertigens...

Tapou os olhos com as mãos e teve uma tremura por todo o corpo.

Para distrahil-a, Sidonia disse-lhe:

—Sabe, tia?... A floresta está um verdadeiro encanto. Os morangos já começam a florir...

—Os morangos!... Pois é n'isso que deves pensar na tua idade?... Às vezes chegas a ser cruel...

—Não imagina como estão crescidas as corças... E são tão meigas!...

—As corças!... Meigo seria para ti o homem a quem amasses... Ah! Se eu também amasse!... Nasci para ser desgraçada!

Sidonia, esbelta, fina, e beijada do sol como coisa que na floresta sempre tivesse estado, tornou-se carmezim por traz da tia, que deixara a cabeça descahir sobre o peito. Perguntou:

—Porque nos tem aqui fechadas o tio Ludovico?

A esposa do tio Ludovico agitou-se violentamente na cadeira onde estava sentada.

Dos olhos despediu chammass e dos labios, vermelhos como cerejas, deitou uma torrente de palavras, tão inflammadas como os olhares.

—Porque tendo gasto a maior parte da vida a estudar o nosso sexo, se lisongea de que possui larga experiencia das fragilidades femininas! Porque tendo demonstrado tantas vezes que é facillimo quebrar os votos do matrimonio, não acredita que alguém os possa cumprir á risca! Porque—e o seio palpitou-lhe de indignação—Cassel é hoje o logar mais divertido de toda a Europa, e nenhum marido, que se preza, pode divertir-se com commodidade se não tiver a certeza de que sua mulher, no entretanto, se aborrece de modo proporcional.

A estas palavras Sidonia objectou:

—Lembre-se de que o tio desempenha na côrte os deveres de chancellor...

—Os deveres de chancellor!—disse a fidalga, batendo furiosa com as pontas dos dedos contra a vidraça.—Sim, filha, o rei Jeronymo impõe deveres penosissimos aos seus ministros e talvez Ludovico os desempenhe *con amore*.

N'isto os dedos deixaram de bater, e a burgravina abriu um pouco mais a janella e debruçou-se tanto, como se estivesse com tentções de levar a effeito o annuciado suicidio. Depois gritou com voz alterada:

—Não vêes? Olha! Vêem na estrada dois ho-

mens e um cavallo carregado... Não! É um burro!

Sidonia debruçou-se também, muito pressurosa, por cima do hombro da tia. Duas creanças de idade differente é o que eram afinal.

—É o jardineiro e o pastor—disse ella.

A outra respondeu ironicamente:

—Isso mesmo! Vê-se perfeitamente a corcunda de João e a perna coxa do Peperl! Ora que á tarde sempre ha de haver nevoeiro!... Agora! Agora! Se não vem acolá um fidalgo, podem chamar-me guardadora de gansos... e avósinha, se elle não fôr um rapaz novo.

—É Hans, o rabequista—disse, com espanto, Sidonia. Porém não foi, com certeza, o musico ambulante que lhe fez subir o rubor ás faces.

—Que rabequista é esse?

—Quem não o conhecerá? A tia já ouviu por força falar n'elle. Se fosse ainda novo e trouxesse penna no gorro e florete á cinta, julgal-o-hiam um trovador. E toca de um modo tão commovente!...

—Calate, filha! Sabes o que elle me parece? O farroupilha de um mendigo. Mas o outro... Até que vou ter... e tu também quem nos faça companhia!... Uma vez, ao menos, hei de ser dona d'esta casa! Anda! Vae chamar a Elisa... e veste, pelo amor de Deus, um vestido rasoavel. Eu ponho o de tafetá côr de rosa... E tu?... O que quizeres, menos o branco... Não te fica bem...

Emquanto dizia isto, a burgravina tinha-se retirado apressadamente da janella e corria, com grande espalhafato, para o toucador.

*

* * *

—O sr. burgrave não está no castello e a sr.^a burgravina não recebe visitas.

Foram as palavras que proferiu o guarda-portão Martim, deixando ver atravez das grades a horrenda carantonha.

A ultima claridade do sol tinha esmorecido. Cinzentas e côr de rosa, as muralhas e as torres do Burgo erguiam-se por cima da cabeça dos viajantes, a cujos pés se desenrolava a encosta do monte cinzento e côr de rosa.

—Repare! Estamos aqui em plena Edade Media—segredou o musico a Estevam, e, notando que Martim ia sorratamente a desviar-se do postigo, intimou-lhe em voz muito alta:—Um minuto, ó amigo, e trata de ouvir as nossas razões. Não me deste nenhuma no-



UM MINUTO, Ó AMIGO, E TRATA DE OUVIR AS NOSSAS RAZÕES

vidade, quando me disseste que teu amo não está no castello; mas que tua ama não recebe estas visitas, é que ainda não está provado. Como pode ser isso, estando nós aqui por convite do proprio sr. burgrave?

Atravez da escuridão que se ia adensando, Estevam fitou a vista nas feições escarninhas do musico, ao passo que o guarda-portão ficou silencioso por momentos. Ouviu-se o ranger das trancas de ferro e das chaves, e viu-se a grande porta soabrir-se, não para dar en-

trada aos visitantes, mas para Martim poder vel-os de mais perto.

—Antes devias chamar-te Thomé do que Martim, já que és tão incredulo—disse-lhe Hans.

—Tenho ordem de não admitir ninguém.

—As ordens que recebe um creado não são como os dez mandamentos: estão sujeitas a variações conforme a vontade alheia. Ora se eu, conhecendo o teu amo, te disser...

O guarda-portão mostrou a dentuça, como um cão velho, e com um sorriso meio de duvida meio de desprezo, perguntou:

—Conhece o meu amo? Você!...

—Separámo-nos ha pouco tempo ainda. Para prova, dir-te-hei que se acha a estas horas em Halberstadt e que tambem lá passa o dia de amanhã. Como o tempo está muito humido e já é quasi noite fechada, deixa-nos entrar para o teu cacifo de pedra, onde quero sentar-me um bocado, e olha bem para nós, antes de impedir que o amigo do burgrave e o primo da senhora burgravina entrem no castello, para onde tinham sido convidados. Olha bem, homem de Deus, para este senhor, e verás que é fidalgo desde o cocoruto da sua nobre cabeça até á planta dos seus aristocraticos pés. E olha bem para mim. Ah! Já me reconheceste!... Sou ou não sou o Geiger-Hans? Cuidado, Martim, muito cuidado! Sabes tão bem como eu que os grandes costumam disfarçar-se.

O tiro acertou no alvo: a prova é que Martim, em serios embaraços, acabou por ceder. O outro, mantendo-o sob o predominio do seu olhar motejador, levou por diante a argumentação:

—Vamos! Já basta de coçar o grisalho matagal, que te vou dizer como podes tirar-te de uma posição má. Corre á presença de tua ama e previne-a da vista de dois cavalheiros, por quem ella esperava talvez, visto que nos apresentámos em obediencia ao convite do marido. Enquanto vaes e voltas, ficamos sentados a descançar, n'aquelle banco de pedra, eu e o meu presado companheiro, a quem procurarei amenisar a fadiga com uma ariinha do meu repertorio.

Sem dizer palavra o guarda-portão retirou-se vagorosamente, voltando-se, mais de uma vez, para lançar aos dois visitantes olhadelas de desconfiança.

—Mas como se atreveu?... perguntou Estevam, cheio de pasmo, ao rabequista, que, mui-

to fresco da sua vida, apertava uma cravelha do instrumento.

—A que me atrevi eu?... E porque não havia de atrever-me?—Fez soar a corda, abanou a cabeça e tornou a apertar a mesma cravelha.—Que tinha eu que receiar ou que perder? Vamos ser muito bem recebidos, digo-lh'o eu! E verá a optima ceia e os momentos deliciosos que nos esperam!

—Que pasmosa audacia!—E tendo soltado esta exclamação, o austriaco sentou-se cautellosamente n'um dos extremos do banco, sem poder desfitar os olhos do rosto do musico, exactamente como se tivesse deante de si o Principe da Mentira.—Se eu mesmo cheguei a crer que era verdade o que lhe ouvia!

—E era a pura verdade!...

—Explique-me então como sou primo da mulher do burgrave!

—O sr. conde é austriaco e ella, sei-o com certeza, tambem é austriaca. Pertencem ambos á flôr da nobreza do Imperio. Se não forem parentes, obrigo-me a comer esta rabeça... e até o arco!

—Ora! Ora! Esse parentesco é tão verdadeiro, como o seu conhecimento com o burgrave.

—Somos conhecidos, acredite!

—E elle convidou-o para vir ao castello?—perguntou Estevam, já perdido de riso.

—Pois convidou!

Levantou a rabeça e tirou d'ella um som prolongado, que era como a imitação musical da inflexão, que Estevam dera á voz. E foi dizendo:

—O marido que fecha n'uma torre inacessivel a esposa apaixonada por divertimentos, convida, nos termos mais claros e positivos, qualquer homem de coração e de intelligencia para que venha consolal-a. O senhor de Wellenshausen está em Halberstadt... Eu fui lá tocar ao hotel da Corôa... e em Halberstadt fica até amanhã. Ora elle disse-me: «Amigo...» Note que me chamou seu amigo... «Amigo, ha de ir tocar essa aria ao meu castello!» Como vê, tem a paixão da musica. Foi um convite ou não foi?... A unica pessoa que em tudo isto mentirá, é a nobre esposa do burgrave. Está morta de aborrecimento e vae afirmar ao guarda-portão... *afirmar*, ouviu?... que já estava ao facto da nossa visita. Este procedimento, embora lastimavel, é o que tem sempre as mulheres fechadas a sete chaves pelos respectivos maridos.

Encostou o peito á rabeça e a mais fluente melodia soou no vestibulo e foi echoando pelos corredores e sob os tectos abobadados. Á laia de coelhos curiosos que despontam da coelheira, um moço de cozinha deitou a cabeça de fóra, surgindo de escuro recanto, e uma rosada moçoilã entreabriu uma porta e espreitou o que era, com o riso a bailar-lhe no rubicundo carão. D'ali a pouco tudo foi despertando no somnolento castello, ao som de falas trocadas rapidamente e em voz baixa, de risadas mal reprimidas: agora ouvia-se o palmilhar de uns pés descalços, logo o tropear de umas botas, que nenhuma precauções logravam abafar. Afinal a figura majestosa do mordomo appareceu aos dois visitantes, esplendida á custa das cadeias de prata e das meias de seda. Hans parou com a musica, e, curvado para Estevam, segredou-lhe:

—Veja! Revestiu-se com as suas mais preciosas galas, para vir dizer-nos a mentira da patroa.

O mórdomo, depois de fazer uma grande cortezia ao conde, fallou-lhe n'estes termos:

—A minha nobre ama esperava para amanhã a honra d'esta visita.

No entrementes deu com os olhos de xarrôco no rabequista e ficou verdadeiramente banzado, mas ainda assim proseguiu:

—Quer Vossa Honra acompanhar-me até aos seus aposentos?

Como despedisse nova olhadela ao musico, este ergueu-se promptamente e cumprimentou, dizendo ao mesmo tempo com suavidade:

—A minha honra tambem o acompanha. A nossa bagagem está lá fóra, ás costas de um burro. Mande buscal-a.

*
* * *

Se o musico estava surprehendido com o seu triumpho, só o deu a perceber por um leve repellão, que a alegria lhe imprimiu aos sobrolhos. Apparentemente era d'aquelles que tão bém sabem aproveitar-se das oportunidades, que chegam a convencer-se de as terem creado por si mesmos.

—Os companheiros devem repartir entre si o que teem, e repartil-o irmãmente—disse Hans, largando a escova de Estevam, com que estivera sacudindo o pó do seu fato já no fio.—Empreste-me uma fita para o chicote da minha cabelleira. É moda que passou, mas que eu adoro. Barbearam-me hoje à ve-

lours... Foi uma inspiração! Para não me faltar nada, seria necessario uma nuvem de pó... mas os elegantes do seculo actual desconhecem estes requintes. Deixe-me ver... Oh! Parece-me que esta andaina de fato preto, aqui dobrada ao canto da sua mala, talvez conviesse admiravelmente á minha gravidade. Sim! E esta camisa de rendas... Obrigado! Ah!... E estas meias de seda roxa!—Vendo Estevam como hypnotizado, disse-lhe que se arriscava a ficar sem olhos continuando a miral-o assim; depois, tirou uma caixa de rapé de uma das algibeiras do seu velhissimo collete, deu-lhe uma pancadinha com o dedo e disse:

—Triste coisa é uma pitada, se quem a tomar não tiver uns bofes de renda, d'onde possa depois sacudir o rapé não aproveitado.

Olhou para Estevam e não lhe desagradou que elle estivesse a admirar-lhe a graça, com que fazia ondular as rendas emprestadas, e os ares, com que sacudia dos punhos um invisivel atomo de rapé. Deu alguns passos e dir-se-hia que toda a vida tinham aquellas pernas trazido meias de seda. O fato de Estevam, se lhe ficava um pouco largo, cahia-lhe todavia com certa elegancia.

—Palavra de honra, é um fidalgo!—exclamou o conde de Waldorf-Kilmansegg, rindo ás gargalhadas, com a alegria de ter feito uma descoberta.

Franziu o musico as negras sobranceiras, e, com o seu habitual riso sardonico, respondeu seccamente:

—Quer dizer, um seu igual. Faz-me demasiada honra!

Dando novamente expressão suave á physionomia, passou, por sua vez, a examinar o companheiro e disse-lhe:

—Sabe? Dava todos os annos que ainda me restam de vida, por alguma das suas incapacidades juvenis. Não acalento illusões a respeito da escolha que entre nós vae fazer a formosa burgravina, para alvo dos seus desvelos.

E realmente, quando os dois foram introduzidos na sala comprida, sombria e forrada de pesadas tapeçarias, os olhares da castellã mal perpassaram por Hans, que, vestindo o alheio, estava prodigiosamente distincto, e foram fixar-se complacentes no mancebo que o seguia.

Estevam tinha bem levantada a cabeça, que, sendo d'aquellas em que a Natureza imprimi-

miu um nobre cunho, parecia bem n'uma tal attitude. Se havia orgulho na arcada do supercilio e no franzido dos labios, tambem havia a nobreza de raça para justificar-o. Isto pode observar a burgravina n'uma rapida olhadela que despediu por entre as pestanas, notando que elle não usava as recentes e odiosas calças á cossaca, mas que, pelo contrario, seguia a moda das épocas em que valia a pena a um homem ter perna bem torneada e airosa. Viu, além d'isso, que a casaca côr de milho e o calção côr de peito de rôla se harmonisavam excellentemente com o vestido de tafetá côr de rosa que tinha acabado de pôr. Educada para brilhar nas côrtes, agora mesmo, qual aguiasinha empoleirada no alto burgo, agitava-se no ambiente alegre e frivolo que lhe era proprio. E o conde Estevam, destinado tambem pelo nascimento ás elevadas posições sociaes, sentiu, quando lhe retribuia aquelle olhar, que se achava mais uma vez no seu elemento.

— Os cavalheiros! — annunciou Nicklaus, suffocando uma risadinha nervosa. Conhecia perfeitamente o rabequista Hans, como toda a gente d'aquelles sitios, mas a familiariedade não era tal que lhe permitisse, nem a qualquer outro, dirigir perguntas ao mysterioso ente.

Tivesse este querido que o annunciassem como sendo o Archanjo Miguel, o Principe Lucifer, o Imperador Napoleão, ou o Judeu Errante, e Nicklaus pouco se admiraria.

A dama de vestido côr de rosa avançou o delicado sapatinho e fez uma profunda reverencia. Sem embargo de ser preto de azeviche o cabelo, que formava sobre a nuca o apanhado classico e vinha assombrar as faces



ENTROU SIDONIA QUASI DE CORRIDA

avelludadas, os olhos eram azues — reconheceu-o surprehendido o conde, no instante em que a burgravina, ao fazer-lhe a mesura,

vagarosamente os erguia para elle — azues como myosotes!

—Meus senhores! disse ella, substituindo o grosseiro germano-saxão de Nicklaus por fluente francez, que era então a lingua falada nas côrtes allemãs. As flores azues dos seus olhos desabrocharam de surpresa, quando se voltaram para Hans. Não tinha visto dois *cavalheiros*, quando espreitara da janella da torre, mas só o encantador mancebo e um guia, que lhe indicava o caminho. Porém aquelle homem edoso, era sem duvida uma pessoa finissima. Só fazia pena que fosse tão velho!...

O rabequista, conforme convinha á sua idade, é que se encarregou de dirigir a conversação.

—*Madame la burgravine*—disse elle, n'um francez cuja requintada pureza não passou despercebida a Estevam, apezar do seu ouvido anglo-austriaco — permitta que dois viandantes lhe manifestem a mais profunda gratidão, por terem sido aqui recebidos com tão hospitaleira bizarria. Tinha-mos perdido no caminho e...

—Perdido!...

Esta exclamação foi acompanhada por um sorriso, que a castellã não pôde soffrear a tempo, e que lhe fez arripiar os labios.

Hans continuou imperturbavel:

—Sim, minha senhora. A noite vinha imminente, e Deus sabe o que nos teria acontecido, n'esta região bravia e montanhosa...

—Ignoro o destino que levam—disse ella recuando, com altivez mal perceptivel—mas extranho itinerario seria certamente o que os conduziu para um monte isolado de todos os caminhos.

—Só com grande trabalho conseguimos chegar a estas alturas.

O rabequista acompanhou as suas palavras com um certo olhar, levando ao mesmo tempo a mão ao coração e curvando-se respeitoso, de modo que lhes deu o sabor do mais delicado cumprimento.

Novamente oscillou o contorno encantador d'aquella bocca.

—Descer para o valle ser-nos-hia totalmente impossivel—proseguiu Hans.—O nosso itinerario é talvez de difficil explicação, mas se eu dissesse que nos tinhamos transviado, o meu companheiro não deixaria de emendar. Porquê?... Porque, sem a menor duvida, está absolutamente convencido de que o verdadeiro caminho era este, que o trouxe á sua

presença, minha senhora, ou, para melhor dizer, aos seus pés.

Estevam limitou-se a fazer uma cortezia, mas fel-a com graça tão juvenil e despediu dos olhos tão ardente lampejo, que a severidade da castellã se fundiu immediatamente n'um sorriso.

—Senhor... disse ella com acanhamento, o que mostrou ao condesinho que tivera sufficiente eloquencia a sua linguagem muda.

O musico apresentou-o, fazendo com o braço um d'esses ademanos, que denunciam o corteção:

—O sr. conde Estevam Lee de Waldorf-Kilmansegg.

—Lee... Waldorf?—perguntou ella, com vacuidade.

—Estevam Lee, em Inglaterra; Waldorf-Kilmansegg, na Austria.

Ainda se não tinha acabado a explicação, e já a burgravina exclamava, cheia de enthusiasmo:

—A minha querida Austria!

E uma lagrima de sensibilidade marejou-lhe os olhos côr de myosote.

—Waldorf-Kilmansegg de Waldeck.

Emquanto o mestre de cerimonias fazia esta enumeração, conservou-se o conde muito apurado, conscio das suas honrarias.

—Mas então somos primos!...

E bateu uma contra a outra, as macias palmas das mãos pequeninas, e esqueceu no riso a commoção que principiava a dominal-a.

—Somos primos, sim—continuou a dizer—porque pertenço á familia Schwartzember... sou Betty Schwartzberg... E um primo de minha mãe, Rezy Lutzof, desposou Tony Kilmansegg. Seja bem vindo, meu caro primo! Ao proferir estas palavras, a mulher do burgravê estendeu a mão ao conde, que lh'a beijou cerimoniosamente, o que ella retribuiu pousando-lhe, ao de leve, os labios na testa. Embora isto fosse pratica vulgar no paiz de seu pae, Estevam, por haver estado muito tempo em Inglaterra, tinha-a quasi esquecido, de modo que sentiu o coração contrahir-se-lhe n'um espasmo delicioso e o sangue zunir-lhe nos ouvidos.

Antes de ter perfeita consciencia do que fazia, apertou entre os seus os dedos afusados da castellã e beijou-lhe a mão segunda vez.

Talvez ella não gostasse, mas se assim foi, disfarçou a impressão com um rubor que lhe dizia muito bem, e, como os dois ficaram de

parte a conversar, devia concluir-se, com provas irrefragáveis, que a posição do moço visitante se achava solidamente estabelecida.

O rabequista olhava-os benevolmente, batendo na caixa do rapé e tendo uma das pernas avançada, segundo o estylo.

A burgravina esperava ouvir outra apresentação, que lhe fosse não menos agradável, mas como a demora já era tanta que os collocava em certo embaraço, perguntou:

—Primo Kilmansegg, não imita a amabilidade do seu companheiro, apresentando-m'ó também?

Chegou ao conde a vez de ruborizar-se.

Hans fitou n'elle, por instantes, um olhar implacavel, mas fartou-se afinal de gosalo e acudiu-lhe dizendo:

—Se o meu amigo acceitou como util e divertida a minha companhia, sem tratar de saber préviamente quaes tinham sido os meus antepassados, egual indulgencia não posso impetrar de quem nos acolheu com a mais requintada amabilidade. Como sei que de mistura com o sangue nobilissimo que lhe corre nas veias, sempre haverá uma gotinha do que animou a nossa mãe Eva, deixe-me participar-lhe que sou *Jean, Seigneur de la Viole, Marquis de Grand Chemin* . . . e que me limito, por emquanto, a depôr aos seus pés estes dois dos meus pobres titulos.

Ficou meditando a castellã, com as sobrancelhas contrahidas pelo esforço de se recordar. Disse afinal, cheia de gravidade:

—Esses nomes teem um certo sabor antigo.

—Oh! Se quizesse gabar-me, diria que nenhum outro os excede em duração.

Tornou a ficar pensativa, remirando o bico do elegante sapatinho. Reanimaram-se os bellos olhos azues, espancando o sol as nuvens que se iam adensando n'aquella fronte. Com simulada indifferença, retorquiu a fidalga:

—Seja bemvindo, sr. meu hospede.

—Oh! Minha senhora! Sabe o que lamento de veras? Que esse titulo, o mais bello de quantos possuo, deva ser também o menos duradouro.

Foi n'esta occasião que Sidonia entrou quasi de corrida, ainda acabando de atar a fita azul, que trazia á cintura. Tinha-se demorado na tarefa de formar, com as lindas e fartas madeixas, o penteado da moda, mas alcançando um resultado, que a tia criticou severamente por um simples olhar de compaixão. Estacou mais envergonhada que uma collegial, com o

sangue a purpurear-lhe o rosto e sem ousio de levantar os olhos.

—Creança!—disse-lhe Betty.—Apresento-te meu primo, o conde de Kilmansegg, que, passando perto d'aqui, teve a amabilidade de vir saber da minha saude.

Sidonia olhou a furto, e logo percebeu—oh cruel momento!—que elle não a reconhecia.

A castellã continuou a falar, mas agora com um risinho sarcastico:

—E também veiu este cavalheiro . . .

Ainda cheia de confusão a recém-chegada ia fazer outra mesura, quando se deteve repentinamente e deu um grito de espanto:

—O «Geiger Hans»!

—É outro dos meus titulos,—explicou o musico, muito serio, á burgravina—o que me dá a pequenada, para quem não são totalmente desagradaveis os sons da minha rabeca.

—Emquanto aqui estiver, será *Monsieur de la Viole*—disse Betty á sobrinha, com a mesma seriedade.

—*Marquis de Grand Chemin*! insistiu o vagabundo, acompanhando o dito com uma rasgada cortezia.

—*Marquis de Grand Chemin*—repetiu de boa feição a burgravina.

Apezar d'isto, foi o braço do primo, simples conde, que tomou quando se encaminharam para a sala de jantar.

* * *

Tinham-se retirado os creados, depois de servirem a ceia promettida pelo rabequista, e tão abundante e succulenta como elle annunciara.

Segurando com o segundo e terceiro dedo o alto pé de um calix de crystal, olhava Hans distrahidamente a transparencia do vinho generoso. Onde tinha o pensamento? Porque se tornou taciturno perante o espectáculo das flores em profusão, da custosa baixella, dos crystaes, das porcellanas? E conservava no copo o rubi do admiravel «Clos Vougeot», em frente do qual Bonaparte, ainda republicano, mandara, na marcha para Italia, os seus soldados fazerem alto e apresentar armas, como ao principe dos vinhedos! Pois era o mesmo homem que tanta vez, atolado na poeira dos caminhos, cantava deante de uma codea de pão, ou dava graças a Deus, se podia beber uma sede de agua nas correntes que desciam das monta-

nhas!... Se tivesse na mão o violino, seria agora de lagrimas a sua musica.

Mexeu com os olhos. Primeiro descançou-os, com singular expressão de carinho, no rosto de Sidonia, de uma frescura de rosa silvestre; depois fixou-os na burgravina. Era realmente como que um altar para a adoração a formosa mulher, com o farto seio emergindo do decote do vestido, e a petulante cabeça—uma cabecinha de boneca—a offerecer-se ardentemente, em extasis, ao fogo que se ia ateando no semblante de Estevam, até então subjugado pelo respeito das conveniencias. O musico viu isto e os labios arrepanharam-se-lhe n'um sorriso de mofa. Olhou para o conde, que tinha as faces incendidas e o olhar chammejante, e ainda se tornou mais funda aquella contracção. Não lhe eram agradaveis semelhantes enthusiasmos.

Voltou-se e attentou na silenciosa creança. Havia um quê de austero no manto de orgulho e modestia, em que ella se envolvia. Disse-lhe meigamente:

—Menina Sidonia! ..

Só teve em resposta um breve olhar, lançado por olhos rasos de lagrimas. Perguntou, com a physionomia distendida pela ternura:

—Quer que toque?...

Sidonia disse-lhe que sim com a cabeça. Os cantos da boca tremiam-lhe; se pronunciasse uma palavra só que fosse, romperia em soluços.

—Poz-lhe uma almofada debaixo da cabeça—pensou o musico—e foi quanto bastou para que o amor florescesse no seu coração. Ah! mocidade!... Pobre creança!—E olhou para os outros que estavam conversando em voz baixa. Gritou-lhes:

—Depois do banquete, a dança! Não acham?...

—Sim! Sim! Vamos dançar!

Mal disse isto, a burgravina ergueu-se rapidamente, n'uma alegria doida. Que mulher, que boneca para ter nas suas mãos a honra de um homem!...

—Pois então vou tocar—disse Hans, com riso amarello. E mandou o Niklaus buscar a rabeca. Depois de uma pausa, murmurou estas palavras, que mais pareciam o echo de um suspiro:

—Ha de ser um minuete.

E o *Marquis de Grand Chemin* floreteou com o arco á feição de esgrimista, fazendo adejar as rendas dos punhos, e avançou um

passo donairosamente: era como se o aroma das rosas mortas de Trianon perpassasse por entre as rudes tapeçarias gothicas do Burgo.

—O minuete é a dança das damas da alta aristocracia e dos gentis fidalgos—disse elle, começando uma melodia dos tempos passados, em que havia um mixto de travessura e de melancholia subtil. E foi tocando, e as palavras que pronunciava a modo que se entrelaçavam, com a sua harmonia especial, na grinalda dos sons. «Incline-se, senhor, levando a mão direita ao coração. Pegue na mão do seu par, a quem deve encarar, os olhos bem fitos nos olhos.—Ah! dirá em silencio, mas eloquentemente. Apertar essa mão delicada... apertal-a por toda a vida!... Gosar a sua deliciosa companhia sempre, sempre!... Assim é que todos os dias da existencia deslisariam como suave melodia!.. Oh senhor! responderá a dama na mesma linguagem, confunde-me!—E ao dizer isto esquiava-se-lhe com uma reverencia toda encanto e dignidade. Faz-lhe outra mesura... se bem que ella realmente não a mereça!... Mas que é isto? A mão d'ella voltou para a sua... Oh! Agora approxime-se um pouco da linda feiticeira... Levantam bem alto as duas mãos enlaçadas. O setim do elegante vestido cicía de encontro ao damasco da airosa casaca... O hombro d'ella tocou-lhe. Fal-a rodopiar da direita para a esquerda... com que orgulho... Ceos! Com que respeito! Como gira aquelle corpinho gentil, pelo simples instincto d'uns dedos apaixonados, indo d'um lado para o outro, para que todos o vejam, para que todos admirem o premio que lhe coube em sorte!...

—Agora já se não dança o minuete—interrompeu Estevam, com timido resentimento.

Os compassos de *Jean de la Viole*, que tinham soado meio alegres, meio dolorosos, mas sempre suaves, como a saudade de um passado encantador, pararam de repente. O musico deitou um olhar mau para o conde, no instante em que levantava o arco da rabeca.

—Sim, tem razão—disse-lhe depois.—O minuete foi á guilhotina. A França poz em moda outras danças... *Ça ira, Ça ira! Dansons la carmagnole!*—Tinha aspecto sinistro quando as notas d'estas ensanguentadas canções do enxurro lhe brotaram das cordas.—Ahi tem as novas danças dos francezes! Que as dançam até á morte!

—Acabe com essas musicas tão feias!—atallhou Betty, em cujo semblante não se refle-

ctiu a mais leve sombra da tragica paixão que animava o rabequista.—Toque-nos uma valsa, *Monsieur le Marquis!*—E agarrando-se a esta inspiração repentina, como a creança se agarra a um brinquedo, exclamou:—Uma valsa! Uma valsa, *beau cousin* de Kilmansegg! Ouço dizer que é a dança, que faz agora furor! E Deus nos livre dos velhos minuetes!

—Pois seja uma valsa!—disse o rabequista, que dominado pela ira a deixou transparecer juntamente com a ironia brutal do *Ça ira*, no rythmo de uma valsa phantastica. «Anda á roda, coração inanimado e cabeça vazia! Segura-a bem, e leva-a comtigo no rodopiar furioso, para que sintas crescer essas pernas de cabrito montez, tu que podias erguer a cabeça a topetar com os deuses, e conhecer a inestimavel vertigem das alturas! É para isso que tens mocidade!

Mais rapido, sempre mais rapido foi sendo o compasso da musica, executada com doidos e asperos arrancos; mais rapido o turbilhão da dança! *Beau cousin* já principia a estar arquejante. Leva a *Belle Cousine* tão apertada a si, que mal a deixa respirar. O cabello meio solto, fluctúa ao desdem; o hombro, de tanto solevar-se, ameaça romper a manga curtissima. Sem animo de continuar a vel-os, Sidonia foi para a janella: encostou aos vidros a face que escaldava, e fitou os olhos, que ardiam como lume, nas estrelas tremeluzentes. Havia uma coisa que lhe empolgava a garganta e o coração, apertando-os ferozmente.

Sem os advertir, o artista passou o arco nas cordas produzindo um som dilacerante, e, como se uma espada tivesse cahido no meio d'elles, Estevam e a burgravina separaram-se, attonitos, confusos. O conde cambaleou e amparou-se a uma cadeira. Ella levou a mão ás desalinhas madeixas e ás rendas do decote, tornando-se escarlata na testa, nas faces, no pescoço, nos hombros.

—Não querem dançar mais o minuete?—perguntou Hans, soltando uma gargalhada secca e arranhando novamente as cordas da rabeça.

Afigurou-se ao mancebo que o riso d'aquelle homem tinha o que quer que fosse de diabolico, e que succedia outro tanto ao riso que se reflectia do instrumento.

O musico proseguiu:

—Dou-lhe toda a razão, sr. conde, e o mesmo lhe digo, minha senhora, porque a

valsa tem andamento mais veloz. Quanto sinto vel-a assim, sem quasi poder tomar respiração! Permitte-me que me assente, por um instante, ao seu lado? E porque não explica, sr. conde de Kilmansegg, os principios d'esse... d'esse gracioso e elegante passatempo a *Mademoiselle?*... Foi para longe de nós, mas a sua mocidade está ainda a tempo de aprender a nova moda. Não lhe parece, burgravina, que as duas creanças fariam excellente companhia uma á outra, debaixo das nossas vistas?... Temos toda a competencia para guardas: eu como velho que sou, e a burgravina por ser uma senhora casada e cheia de sisudez.

Não obtive resposta, a não ser o olhar que ella, entre admirada e offendida, lhe relanceou.

O musico sentou-se e foi dizendo:

—Não tem razão, creia, para se zangar com o seu marido e senhor, por elle a conservar fechada n'este castello. Valha-nos Deus! Não lhe provará com isto o amoroso apreço em que a tem?

Betty deu ao rosto uma expressão de profundo desprezo e replicou:

—Sem duvida!... Não pode mostrar com mais eloquencia a sua enorme afeição!

—Occultando o seu thesouro onde os ladrões não podem chegar-lhe? De accordo! Assim ao menos o pobre do homem fica inteiramente descansado.

—E o infeliz thesouro que se vá estragando, no emtanto, por obra da traça e da ferrugem!

Retorquiu em voz baixa o musico ambulante:

—Não são esses os peores inimigos! O dono do thesouro receará mais ainda alguma nodoa...

—Que audacia!...

Ainda ella não lhe tinha atirado á cara esta exclamação, e já o rabequista fazia gemer no violino uma toada melancolica. De repente encarou a formosa mulher e disse-lhe a sorrir:

—Ah! Que se por graça especial da divindade, eu fosse o possuidor de uma ave de tão brilhante plumagem...

Calou-se e por isso a burgravina lhe perguntou, com ar triumphante:

—Que faria?... Vamos! Explique-se!

—Abria de par em par todas as portas e dizia-lhe que voasse!



MAIS RAPIDO, SEMPRE MAIS RAPIDO FOI SENDO O ANDAMENTO DA MUSICA

—Que audacia!—disse a fidalga outra vez, e ficou tão sentida, que chegou ainda a soltar do peito um soluço.

—Vê?—perguntou o rabequista, dando ás suas palavras um acompanhamento de notas

quasi imperceptíveis.—É apenas o ponto de vista do sr. burgrave que lhe pareceu menos cortez.

—Devia ter confiança em mim—acudiu ella, a meia voz.

—Quem sabe, minha senhora, se estão para succeder coisas extraordinarias?... Pode ser que ainda algum dia a avesinha deixe de suspirar pela liberdade, e só deseje o ninho...

Movia os dedos suavemente. O arco tinha a flexibilidade de uma vergonça muito verde, que cresce em plena primavera. Eram compassos do mais insinuante rythmo e alegria, tão doces e tão meigos como as notas com que a andorinha, debaixo do beiral, saúda a madrugada.

Presa da fascinação, Betty perguntou-lhe, sem quasi poder falar:

—Que vem a ser isso?

—Esta musica?... É para se cantar ao pé dos berços.

Novamente se calou. Tinha a physionomia transtornada, fixo e pensativo o olhar, que de ordinario não parava um momento. A encantadora Madame de Wellenshausen deixou pender a cabeça para o peito e as lagrimas deslizaram-lhe silenciosas e abundantes.

*

* *

Emquanto o musico ia obtendo este resultado em relação á dona do castello, Estevam Lee, atravessou a sala a passos vagarosos e dirigiu-se para o vulto gracil da raparigueta, que estava no vão da janella. Ia dizendo consigo mesmo que o rabequista Hans possuia indubitavelmente qualquer mysterioso poder para sujeitar-lhe a vontade, como esse de que dispunha Mesmer, então muito celebrado.

Mal o sentiu para ali perto, Sidonia voltou-se de repelão e com os olhos a faiscarem. Disse-lhe o conde:

—Pois é realmente a pessoa com quem me encontrei n'aquella casa da floresta?

—Ah! Não vê bem ao longe, nem promptamente?... É talvez consequencia de ter vivido sempre nas cidades.

Sidonia foi descórando a pouco e pouco e tomando um aspecto rigido e cheio de altivez. O conde, ainda enlevado na descoberta, continuou:

—Já sei que me levou uma almofada, quando eu estava ferido...

—O mesmo faria a qualquer outra pessoa... até mesmo a um cão.

—E commoveu-se muito, por julgar que eu tinha morrido!—acrescentou o austriaco, es-

pantado com o desprezo que ella lhe mostrava.

—Ah! Se eu o conhecesse melhor!...

Tinha os olhos brilhantes e dura a expressão physionomica, ao mesmo tempo que franzia os labios com desprezo. Logo, porém, elle viu que, por baixo do vestido de cintura curta, lhe pulsava o coração como o de um passarinho que, louco de medo, se vê fechado na rêde do caçador. O peito arfando desordenadamente fazia dançar o laço de fita azul, que ornava a frente do corpete. Assaltou-o o desejo terno e cruel ao mesmo tempo, de sentir debaixo da mão aquelle coração palpitante. Deu uma curta risada, e perguntou, inclinando-se:

—Quer que lhe ensine a valsa? É facil. Deixe-me cingil-a com o braço e á musica fará o resto.

Sidonia recuou, lançando-lhe um olhar que parecia querer fulminal-o, e gritou-lhe:

—Não me toque!—Embora com o coração a palpar-lhe na voz, mantinha alta a cabeça, como a corça da floresta. Proseguiu:—Aquelle minuete, tal qual Hans o tocou, é possivel que eu o dançasse. Mas não gosto do seu modo de dançar, sr. conde, e ainda menos das suas maneiras inglezas. Era muito melhor que cada um se deixasse ficar no seu paiz!

E enquanto elle permanecia no mesmo sitio, como se aquella mão de creança lhe tivesse dado uma punhalada, Sidonia atravessou a sala e parou por momentos ao pé da tia e do rabequista, que estavam sentados a par um do outro, em estranho silencio.

—Vou-me deitar—disse rapidamente, e retirou-se com a mesma sobranceira.

O musico, que já tinha parado de tocar, desatou a rir e perguntou:

—Então a menina Sidonia não o quiz para mestre de valsas, depois d'aquella brilhante prova?...

Madame baixou os olhos e de novo os fixou nas pontas dos pés, que mal surdiam da fimbria do vestido. Estava subjugada, quasi com medo.

O *Marquis de Grand Chemin* levantou-se com os seus ares majestosos e disse:

—Temos que desfazer a companhia, minha senhora. Tanto eu como este cavalheiro devemos estar a pé ao romper do dia. Permitta-nos, pois, que lhe offereçamos os protestos da nossa gratidão e que nos retiremos.

A burgravina estendeu-lhe a mão e elle tomou-lhe as pontas dos dedos e fez-lhe uma

profunda cortezia, que ella retribuiu. Para que fossem bem do minuete estes dois movimentos, só faltava a musica.

—Adeus, primo!—disse timidamente a castellã. E elle respondeu:—Adeus, prima.

Estavam muito direitos em frente um do



PAROU EM FRENTE DE ESTEVAM

outro, como duas creanças que fizeram travessura e foram apanhadas em flagrante. Tomara ella poder segredar a Estevam que não era um adeus o que lhe queria dizer!...

Mas o Hans não a perdia de vista um só momento.

*

* *

Sem embargo de estar no alto de um monte, Estevam achou que este mundo é a coisa mais baixa que imaginars-e pode, quando se viu no seu pomposo quarto de cama, e, bo-

cejando, principiou a desfazer as voltas que a gravata lhe dava em torno do pescoço. No quarto contiguo ficava o rabequista, mas tinha fechado por dentro a porta de communição. Estava em maré de infelicidade o conde de Waldorf-Kilmansegg—elle proprio o reco-

nheceu. De subito Hans abriu a porta e entrou. Vestia outra vez o fato miseravel e trazia na mão o rico trajo, que o companheiro lhe tinha emprestado e que elle foi arrumando, peça por peça, dentro da mala, pondo ao de cima as meias de seda roxa.

Deu depois algumas voltas pelo quarto, e afinal parou, de braços cruzados, em frente de Estevam, que baixou a cabeça e se fez muito córado.

—Sim, senhor! Collocou-me n'uma situação desgraçada! Pois eu merecia-lhe aquillo? Eu que tive a amabilidade de trazer-o aqui, para lhe fazer gosar uma delicada comedia de côrte... ao gosto de um seculo que não volta!... E o sr. conde, afinal de contas, converteu-a n'uma verdadeira fôrça da hora actual. Trouxe-o de uma estalagem para um castello, e o sr. conde, sem poder separar-se do seu Teniers, estragou o meu Wateau! Toquei-lhe um minuete, e o sr. conde só quiz dança que lhe permittisse agarrar bem o par, e ir com elle aos saltos!...

—Para que tocou aquella musica?—perguntou Estevam, desculpando-se á laia de pequeno

de escola.—E foi ella que pediu uma valsa...

—*Mon Dieu!* Talvez os rapazes do meu tempo não fossem melhores que os de hoje, mas ao menos sabiamos fazer as coisas com distincção. Se colhiamos uma rosa, não era com a mão fechada, mas apenas com dois dedos. Dama com que dançassemos, não ia apertada em nossos braços, como se fosse uma vaqueira, e fineza que nos concedessem, sómente de joelhos a recebiamos! Que aroma pode expandir a flor, que sem dó machucámos? Ha tres coisas em que uma pessoa experiente da vida só deve tocar com dedos mais leves que

plumas: um gracejo subtil, a discrição feminina, e as illusões de um coração de vinte annos. Em todas tres o sr. conde poz mão brutal, durante o tempo que estivemos na sala. Ápage! Estragou a minha noite!

Causou tanta surpresa a Estevam o contraste que havia entre o fato humilde d'aquelle homem e a arrogante cultura das suas palavras, que nem pensou em irritar-se com a censura, e procurou apenas decifrar o curioso enigma. Porém Hans notou-lhe os olhares e os sorrisos e calou-se. Desde que se conheciam, era a primeira vez que parecia menos senhor de si. Por fim deu uma risada de bom humor e disse já com o semblante desannuviado:

—Foi um cego, fique-o sabendo, um perfeito cego! Pois não lhe merecia um olhar, ao menos, aquella creança de graça virginal? Quando, hoje á tarde, nos avistámos novamente, debaixo da sombra do Burgo, encaminhei-me para o conde com o coração a pular como uma gazella, e disse comsigo mesmo: «Bem sei o que procuras. Até que achaste o caminho da mocidade!» Fiquei certo de que o tinha traçado... de accordo com o romance, que a fortuna lhe deparou no meio da floresta. Por fim reconheço que eram castellos no ar, construidos pela phantasia de um velho... para um rapaz, por quem tomei passageiro interesse, e para uma rapariguinha de quem sou verdadeiro amigo. Mas o conde nem sequer a reconheceu!... Pois teve a cabeça no collo d'ella, quando estava ferido n'aquella noite! Sidonia julgava-o um paladino, todo galanteria, e agora...

—É muito pouco delicada...

—É encantadora, como a floresta ao raiar da manhã. Quando me approximo de Sidonia, é sempre de chapéu na mão. Se tivesse a sua mocidade, ajoelhava-lhe aos pés. As linhas d'aquella cabeça, a curva do seu peque-

nino regaço... — Subitamente enrouqueceu, mas repetiu pouco depois:—O seu pequenino regaço... E Estevam, sem saber porquê, teve uma impressão de tristeza tão pungitiva, que baixou os olhos e não mais se atreveu a encarar com o musico.

Ao cabo de uma pausa, disse-lhe Hans, com a voz já mudada:

—Venho acordal-o ao nascer do sol. Prometti aos pequenos tocar-lhes umas coisas antes de irem para a escola, e além d'isso quero deixal-o são e salvo lá em baixo, no sopé do monte, para então me separar do meu caro companheiro, a quem fiz subir tão alto... Sabe Deus o que ainda lhe estará reservado!

*
* *

Levantou-se contra vontade Estevam Lee, depois de noite tão desagradavel, e sahiu de muito mau humor do castello, mais o rabequista e o burro, e com o estomago a chorar pelo almoço. O outro pouca attenção lhe dava, de absorvido que ia nas suas cogitações.

Quando atravessaram a ponte, uma carruagem surdiu do meio da nevoa e passou por elles com ruido de trovão, para ir trepar a ingreme encosta.

O musico disse com riso sarcastico:

—Lá vae o Barba-Azul do burgrave surprehender a apaixonada esposa. Chega mais cedo que eu imaginava. Fiz bem ou não fiz em apressar-lhe a *toilette*, meu caro?... De contrario talvez o obrigassem a sahir ainda mais depressa e de modo mais desagradavel. Bem! Está acabado o episodio, e embora o seu procedimento me causasse profunda desillusão...

—Que lhe dirá ella, a respeito da nossa visita?—perguntou o conde.

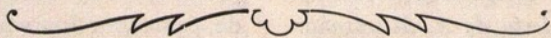
O musico foi andando silencioso, e, alguns passos mais adeante, respondeu:

—É assumpto para illimitada phantasia.

(Continúa.)

AGNES E EGERTON CASTLE.

(Traduzido do inglez por MAXIMILIANO DE AZEVEDO).





UM AUTO DE GIL VICENTE — PROCESSO
DE VASCO ABUL

Depois da epopêa a farça. A rainha D. Leonor, mulher de el-rei D. João II, é uma das mais luminosas figuras da Historia de Portugal.

Bella e elegante na sua mocidade, segundo a pintam as chronicas, a sua estatura moral é de primeira grandeza, e a sua influencia decisiva na sociedade do seculo XVI.

Á sua iniciativa e intelligente impulso deve Portugal a instituição da Misericordia, a introducção da Imprensa, e, por assim dizer, o theatro nacional.

Foi ella quem, cooperando com D. Beatriz, sua mãe, appellidada a *Rainha Velha*, trouxe ás festas da côrte o poeta Gil Vicente, o iniciador do theatro portuguez.

Em 1502, uma quarta feira, 8 de junho, representou-se na camara da rainha D. Maria, que dois dias antes tivera um filho (que veio a ser D. João III), o monologo do *Vaqueiro*, que se póde considerar a primeira peça dramatica com fórma litteraria, representada entre nós.

Depois, vê-se pelas rubricas das obras do poeta, a grande influencia que na sua factura teve a rainha D. Leonor.

É perante ella que em 1504 é representado na igreja das Caldas o *Auto de S. Martinho*.

E' por seu mandado que em 1505 se representa nos Paços da Alcaçova em Lisboa, o *Auto dos Quatro Tempos*.

(Continuação)

É em 1506 que em Abrantes, tendo nascido o infante D. Luiz, filho de El-rei D. Manuel, foi pelo mesmo Gil Vicente feito no serão do Paço um sermão á christianissima rainha D. Leonor. E em 1508, é representado nos Paços da Ribeira perante a mui devota rainha D. Leonor e a seu mandado o *auto da Alma*.

E ás representações que a ella directamente não eram dedicadas, ou por seu mandado feitas, assistiu muita vez como protectora que era do poeta, e como principal elemento da animação e brilho dos serões reaes, a cuja organização já presidia em tempo de seu marido, nos Paços de Santarem, de Setubal, etc.

Nascimentos de principes, casamentos reaes, recepções e despedidas, eram quasi sempre acompanhadas com alguma representação do Gil, *que fazia os aytos a El-Rei*. E muitas vezes, sem motivo de festa, ou acontecimento publico, e unicamente por desfastio nas continuas mudanças da côrte, que fugia aos assaltos da peste, tão frequente n'essa epoca, Gil Vicente representava um Auto, ou uma farça que o seu genio animava com a graça viva das concepções, com o engenho dos argumentos, com a critica mordente dos costumes, com o desenho dos caracteres, com o bem achado das situações.

Foi durante um d'aquelles recrudescimentos de peste em Lisboa, que a rainha D. Leonor, em 1509, se retirou para Almada. E ali, fiel ás suas predilecções, chamou Gil Vicente para lhe representar um auto.

Accudiu elle prompto ao chamamento, e ali mesmo compoz a farça chamada o *Auto da India*.

Diz a rubrica assim: Á farça seguinte chamam Auto da India.

«Foi fundado sobre que hũa mulher, estando já embarcado para a India seu marido, lhe vieram dizer que estava desaviado, e que já não ia, e ella, de pezar, está chorando.



GIL VICENTE E A RAINHA D. LEONOR

Foi feita em Almada, representada á muito catholica rainha D. Leonor, era de 1519». Esta data está errada na edição de Hamburgo, pois que na edição de 1562 se lê: Era de MDIX. E assim deve ser. Em 1510 ainda a Rainha ali estava, quando foi do processo do Vasco Abul, como adeante veremos.

Accresce tambem que n'um dialogo d'esta farça a *Moça*, diz:

Tres annos ha

Que partiu Tristão da Cunha

Ora a partida da armada de Tristão da Cunha para a India, foi em abril de 1506, o que dá positivamente os tres annos em 1509.

Diz o sr. Theophilo Braga que o poeta dá a entender que esta farça era já conhecida

do vulgo por que n'ella se diz: Á farça seguinte chamam *Auto da India*.

Salvo o devido respeito ao douto professor, parece-nos que aquelle dizer não indica senão que ao tempo que o poeta ajudado por sua filha Paula Vicenta, a *Tangedora*, coordenava as suas obras na quinta do Mosteiro, em Torres Vedras, a esta farça, que já era então muito conhecida, chamavam *Auto da India*. Como se sabe, n'esse periodo inicial do theatro raramente se repetia nas representações a mesma peça. E na rubrica d'esta claramente diz o poeta: Foi feita em Almada.

Gil Vicente, em muitos dos typos de seu theatro, é o precursor de Molière. É facil o paralelo, já mais de uma vez apresentado, entre os dois genios. Apontam os mesmos ridiculos, como na farça dos Fisicos, em que o nosso poeta, com dois seculos de avanço, enche de epigrammas uma classe depois tão caricaturada pelo comediographo francez. Um e outro debicam no clero e na nobreza. E n'esta farça da India, as figuras da Ama e do Marido são perfeitamente de um Molière do seculo XVI.

Como vimos na rubrica, a anecdota sobre que a farça assenta, tomada nos costumes portuguezes a que as partidas das armadas para a India tinham dado feições novas, põe em relevo um facto decerto frequente na classe baixa em que elle se passa; e confirmando o proverbio que diz: *les absents ont toujours tort*, aponta com graça e ironia a fragilidade e a perfidia do coração feminino.

Personagens são apenas cinco:

A Ama, que rejubila com a partida do marido para a India.

A Moça — creada acomodaticia, que lhe diz:

Dae-me alviçaras, Senhora,

Já lá vae de foz em fóra,

(Ama) — Dou-te uma touca de seda,

(Moça) — Ou quando elle vier

Dae-me do que vos trazer.

Figuram mais dois galantes, um castelhano e outro portuguez, o Lemos, que, aproveitando a ausencia do marido e a leviandade da mulher, se introduzira na sua habitação, com seu assentimento, e finalmente o marido, que chega bem fóra de proposito e bem pouco desejado, mas ainda a tempo talvez de não ter ardido Troia, e de ouvir de sua mulher os hypocritas protestos de afeição.

N'um dialogo rapido, em versos cheios de

conceitos, e com a genuina graça portugueza, Gil Vicente define promptamente os caracteres dos cinco, e desenvolve a anecdotas sem delongas que enfatiem.

A Ama diz á Moça, sua confidente:

Quem se vê moça e formosa,
 Esperar pola ira má,
 Hi se vae elle a pescar
 Meia legoa pelo mar,
 Isto bem o sabes tu
 Quanto mais a Calecut:
 Quem ha tanto de esperar?

 Para qe he envelhecer,
 Esperando pelo vento?
 Quant'eu por mui necia sento,
 A que o contrario fizer.
 Partem em Maio d'aqui
 Quando o sangue novo atiča...

E ella, moça e formosa, a quem o sangue novo atiča, sente com prazer que pela escada lhe sobe o castelhano, que emphaticamente se declara quando ella lhe pergunta:

(Ama) — Bem que vinda foi ora esta?
 (Cast.)—Vengo aqui en busca mia,
 Que me perdi en aquel dia
 Que os vi hermosa y honesta.

Continua o castelhano a alardear o seu sentimento:

Supe que vueso marido
 Era ido.
 Al diablo que lo doy
 El desestrado perdido.
 Que mas India que vos,
 Que mas piedras preciosas,
 Que mas alindadas cosas
 Que estardes juntos los dos?...

Ella defende-se com requintado *coquetismo* e acaba por lhe conceder uma entrevista ás nove da noite, dizendo-lhe que dê signal com uma pedrinha na janella.

Apenas elle sahe, entra o Lemos, que:

Andava aqui
 Meu namorado perdido,
 (Moça)—Quem? O rascão do sombreiro?
 (Ama)—Mas antes era escudeiro.

E o Lemos, que se declara:

Vosso captivo, senhora,
 (Ama) — Jesu! Tamanha mezura!
 Sou a rainha, por ventura?
 (Lem.)—Mas sois minha imperadora!

E assim piegas e alambicado, continua cortejando, quando se ouvem na janella as pedrinhas do castelhano. Querem metter o Lemos para a cozinha, o castelhano impacienta-se, e depois de peripecias varias, exclama a moça:

Quantas artes, quanta manha,
 Que sabe fazer minha ama,
 Um na rua outro na cama...
 E logo partiu a armada
 Domingo de madrugada,
 Não póde muito tardar,
 Nova se ha de tornar
 Noss'amo pera a pousada.
 Tres annos ha
 Que partiu Tristão da Cunha

Volta d'ahi a pouco esbaforida e exclama:
 (Moça) — Ai, senhora! Venho morta:
 Noss'amo he hoje aqui.
 (Ama) — Má nova venha por ti,
 Perra excommungada torta.

E quando depois o marido entra, esperando encontrar n'ella *mulher de recado*, ella descreve-lhe o que soffreu com a ausencia:

Jesu! Eu fiquei finada,
 Tres dias não comi nada,
 A alma se me queria ir.

Juro-vos que de saudade
 Tanto de pão não comia,
 A triste de mi cada dia,
 Doente era uma piedade.

Aonde não ha marido
 Cuidae que tudo é tristura,
 Não ha prazer nem folgura
 Sabei que é viver perdido,
 Alembra-vos eu lá?

(Mar.) — E como?

(Ama)— Ágora, aramá
 Lá ha indias mui formosas;
 Lá fariéis vós das vossas
 E a triste de mi cá,
 Encerrada n'esta casa...

Com que conhecimento do coração humano não é lançada esta nota perfida destinada a socegar o confiado marido, e a lisongear-lhe a vaidade!

E com estas fallas lá o leva a ir juntamente com ella ver a náu que o trouxera, e assim, diz Gil Vicente, na rubrica, *fenece esta farça*.

Divertiu ella por certo, distrahiu, e alegrou o escolhido auditorio dos refugiados em Almada, por causa da peste que ardia defronte em Lisboa. Mas não deixa de ser curioso ver uma rainha, já a esse tempo tocando nos 52 annos, entregue habitualmente á vida severa a recatada do seu palacio de Enxobregas, e o escol da sociedade que a acompanhava comprazerem-se e folgarem com as aventuras algo libertinas da astuta e leviana mulher do embarcaçõ, com a ingenua e cega confiança d'elle, e com os requebros amorosos dos dois rufiões, tudo expresso em linguagem crua e sem rebuços.

É que no seculo XVI havia menos convencionalismo. Diziam-se as coisas pelos seus nomes, sem escandalisar ouvir o que hoje se chamaria um *palavrão*. Os personagens de Gil Vicente fallam deante da cõrte com a liberdade isempta de circumloquios com que hoje as regateiras e collarejas da praça da Figueira discutem entre si.

E não só a linguagem era rude, e as pragas, as chufas, as exclamações brutaes eram pronunciadas claramente, como a ideia do pudor era diversa da que hoje impera.

Gil Vicente entrava vestido de Vaqueiro, na camara em que dois dias antes a Rainha D. Maria tinha dado á luz um filho, e referia-se sem euphemismos ao facto physiologico que n'esse quarto se passára.

Os amores dos clerigos, as proezas dos frades rufiões, a interferencia das alcoviteiras, e os infortunios dos mal maridados, eram contados por claro, a Rei, Rainha, infantes e cortezãos.

Mas não era só Gil Vicente quem tomava estas liberdades nas suas peças.

Nos serões do Paço, onde se discutiam subtilidades d'amor, e se versejava sobre as intrigas da cõrte, não só as palavras eram claras, e as expressões d'então parecem hoje indecorosas, mas os factos sobre que se faziam apodos e se rimavam coisas de folgar, eram, segundo o criterio d'agora, sujas ou escabrosas.

Quem quizer ler no cancionero de Rezende as trovas do Brazeiro, as trovas do conde de

Vimioso ao Barão do Alvito, porque vindo com El-rei de Almeirim, se lhe destemperou o estomago, etc. terá uma ideia da pouca limpeza na linguagem corrente d'esse tempo. E quem ler as trovas de Fernam da Silveyra a D. Rodrigo de Castro, que beijou uma dama, ou as de D. Joam de Meneses, e varios poetas a outra dama que beijava D. Guiomar de Castro, terá ideia das surpresas d'aquelle D. Rodrigo, e das proezas d'aquelle dama de sapfica memoria.

Mas o que hoje faria córar muitos que ouvissem taes desmandos n'uma sala, era admitido como fina essencia de espirito em toda aquella epocha, e n'esse serão do paço d'Almada, no anno de 1509.

Onde se aposentava a Rainha D. Leonor, n'essa villa? E onde era representada perante ella e a sua cõrte a farça da India?

Palacio com grandeza e magnificencia não havia.

Durante toda a Edade Media a cõrte deslocava-se muito frequentemente, e a não ser em Lisboa, Santarem, Cintra, Estremoz, Coimbra, Almeirim, Setubal e Evora, e ainda outras terras onde havia paços verdadeiramente reaes, de resto escolhia-se uma casa boa ou soffrivel para aposentação dos reis, e a comitiva accomodava-se pelas habitações dos principaes d'essa localidade.

Em Almada não havia paço, mas é de presumir que a Rainha D. Leonor teria ali, herdada de sua mãe a infanta D. Beatriz, alguma morada de casas pertencente ao almoxarifado.

E foi n'essas casas, de que hoje não ha vestigios, onde se refugiou da peste, onde hospedou Gil Vicente, e os comediantes, e onde reuniu a sua cõrte, para ouvir e se deleitar com as graças da farça da India.

Foi ali tambem que no anno seguinte se deu o caso que na litteratura ficou com o nome de Processo de Vasco Abul.

*

* *

Nos serões do Paço era vulgar debaterem-se entre poetas, ou simples versejadores, algumas questões amorosas, anedotas pessoaes, casos da cõrte em fórmula de pleito judicial, ou processo o que foi para assim dizer o rudimento de uma especie de arte dramatica.

No cancionero de Rezende encontram-se varios torneios metricos tratados por esta fórma como a questão do *Cuidar e Suspirar*, esta de Vasco Abul e outras mais.

Quer-se ir procurar a origem d'esta maneira de versejar na intenção que tiveram os juriconsultos da Italia (depois da passagem do papado para Avinhão) de tornarem conhecidas as fórmas do processo, compondo debates entre grandes personagens da antiguidade, que se atacavam e defendiam pelo ministério dos procuradores e advogados, usando dos recursos das discussões judiarias.

O processo de Vasco Abul, que se debateu nos serões da Rainha D. Leonor, estando ella ainda em Almada, em 1510, tem esta fórma usada nas discussões dos tribunaes, e n'ella entram varios poetas, como vamos ver.

O que d'eu origem a este caso diz-nos uma rubrica do cancionero geral que reza assim:

«Anrique da Mota a Vasco Abul, porque andando uma moça baylando em Alemquer, «deu-lhe, zombando, uma cadeia d'ouro, e depois a moça não lh'a quiz tornar, e andaram «sobre isso em demanda, e veo Vasco Abul falar sobre isso ha raynha, estando em Almada «e haly lhe fez estas trovas.»

Vasco Abul era um cavalleiro que vinha de nobre gente, e parece certo ser aquelle mesmo Abul que annos antes, em 1488, fôra como capitão d'uma caravella na armada da «ida e passagem de D. João de Bemoim» o principe Jalofo, que visitara D. João II. A essa opinião se inclina o erudito escriptor o sr. Anselmo Braamcamp Freire. E a nós parece-nos essa opinião confirmada nos versos:

Andais ledo em grão guisa
Como quem veio da Myna».

Não era portanto d'uma grande mocidade o Vasco Abul posto que fosse *bem disposto*, isto é, bem parecido ainda, quando, segundo dizem as trovas:

Uma gentil bailadeira
De Alemquer
fermosa, gentil mulher,
me chofrou d'esta maneira:
Por me não parecer feia,
vendo-a bailar um dia,
lhe mandei por boa estreia
uma cadeia
que eu no pescoço trazia.

Depois, quando a quizera
recolher,
quizeram-me fazer crer
que eu por sua lh'a dera.

O folião do velhote, vendo a mocetona dançar, e sentindo ferver-lhe o sangue, com amor, galanteria ou concupiscencia, tira do pescoço uma cadeia d'ouro que valia «cincoenta bons cruzados», cerca de cento e trinta mil réis, e enfia-a no pescoço da rapariga, que das trovas se parece deduzir ser senhora e orfã, e que decerto tomaria o offercimento como declaração de namorado. Ella, segundo a allegação que elle depois offerece:

Bailava bailo vilão
ou mourisca
mas chamo-lh'eu carraquisca,
Mais viva que tardião.

O caso é que elle, acabada a dança, quiz recuperar a sua cadeia, mas a bailadeira recusou-se a dar-lh'a, e começando assim a demanda, o velhote veio queixar-se á Rainha D. Leonor, a Almada, onde Henrique da Motta, poeta satyrico, e mais outros ajudadores, lhe dirigem trovas n'uma chacota que o deixou mal ferido:

«Que buscaes cá n'esta terra
Com tal sul
Meu senhor Vasco Abul?»

E o poeta das trovas figura um dialogo em que o Abul responde defendendo-se que parece terem-lhe declarado guerra, mas que tudo são mexericos ou intrigas que lhe levantaram.

Replica Anrique da Motta:

Vós andais esmorecido,
Eu não sei que vós haveis,

Responde o Abul:

E' um caso tão subido
Que duvido
Se vós o entendereis.

Motta:

Não cureis de duvidar
E dissei-m'ó,

Abul:

Não no digo porque temo
Que hão de mim de zombar.

E tinha razão de temer que zombassem d'elle, porque este dialogo todo, composição do Motta, revela notavel graça pela facilidade em improvisar. É uma troça pegada ao cavalleiro e capitão da caravella que depois de, em um impeto de enthusiasmo, ter sido generoso com a ladina bailadeira, se arrepende, e quer voltar atraz, tirando-lhe a cadeia.

Depois, quando quizera
recolher,
Quizeram-me fazer crer
Que eu por sua lh'a dera.

Responde-lhe o Motta:

E vós ficais d'hi honrado,
Não deveis dizer hi al,
Que o homem bemcriado
Namorado
O bom é ser liberal.

Mas de liberal e generoso é que Abul não tinha fama, pois no seguimento do processo é sempre apodado pela sua avareza. Dizem-lhe que não crie fama de *escasso* e mais:

Usai liberdade
e quiçá, se vos não ama
Essa dama
amavros-ha de verdade.

E hi levar boa vida
A vossa casa,
qu'isto é vergonha rasa
Avareza conhecida.

Aperta-o o Motta por tal fórma, que figura elle declarar:

Ataes-me por tal maneira
que me pesa,
e não posso achar defesa
que preste, posto que queira
a verdade não me vale,
Por escasso me apregôo.

E acabando em *vilancete*, exclama Anrique da Motta:

Todos vós, outros, senhores,
Que sabeis aqueste feito,
Sede meus ajudadores.

Estes ajudadores são varios. Uns, poetas da côrte. Outros poetas de profissão, como Gil Vicente, que tambem entra n'este processo. Outros são empregados na casa da Rainha D. Leonor, como João Alvares, o secretario, Sebastião da Costa, o cantor, Branca Alvares, crastaleira, e até o *mestre Gil*, que parece ao sr. Theophilo Braga ser o celebre ourives, auctor da custodia dos Jeronymos, que por muitas vezes tem passado por ser o proprio Gil Vicente do theatro. O sr. Theophilo Braga nos seus recentes estudos affirma ser um primo do poeta que foi *ourives* tambem da rainha D. Leonor, que tinha o mesmo nome e que tambem metrificava, como tambem ao poeta não eram estranhas as regras da arte da ourivesaria. E d'aqui nasceu facilmente a confusão. E um dos argumentos do sr. Theophilo Braga para a existencia da dualidade do ourives e do poeta é, n'este proceso de Vasco Abul, apparecer uma copla de *Mestre Gil*, ao passo que adeante se lê no cancionero e n'este mesmo processo o *parecer de Gil Vicente*, sem lhe chamar Mestre. Ao sr. Anselmo Braamcamp parece que este Mestre Gil será o cirurgião-mór a que os documentos sempre dão esta designação e que morreu em 1511.

Fechado aqui este parenthesis, que tem o seu interesse, e accetando que o *ourives da Rainha* ou o cirurgião-mór tambem fosse trovador com o nome de mestre Gil, vejamos quem são mais os ajudadores. É Agostinho Gyram, é Affonso Fernandes Montarroio, é Diogo de Lemos, é Diogo Gonçalves, é Fernão Dias, é finalmente o proprio Gil Vicente, que dá o seu parecer com uma arte e uma firmeza que demonstra a sua superioridade sobre os precedentes, a maior parte dos quaes são versejadores de occasião n'este divertimento palaciano, e que não mais figuram entre os poetas do tempo.

Todos estes entram no processo, por assim dizer, como testemunhas de accusação, e os seus depoimentos teem mais ou menos interesse. Um, porém, o do cantor Sebastião da Costa, é digno de reparo, pois que diz:

Andais ledos, em grão guisa
Como quem veiu da Myna,
Galante, cheio de frisa,
Com vossa gentil devisa
De cruz vermelha mui fina.
E pois já se determina
Que percais este colar
Não vos deve de lembrar.

O facto de dizer: como quem veiu da Myna, isto é de S. Jorge da Myna que fica ao sul do paiz dos Jalofos, para onde partira em 1488 a caravella commandada por um Abul, confirma, emquanto a nós, a supposição do sr. Anselmo Braamcamp, de que este Abul do processo é o mesmo da viagem, o que faz com que elle em 1510 fosse já proximo dos sessenta, concordando isso com o verso que Anrique da Motta lhe põe na bocca:

pois que sei e vós sabeis
que sei mais por ser mais velho.

É impossivel trasladar aqui todo o processo embora curioso. E dos *embargos de Anrique da Motta pera se non entregar o colar a Vasco Abul, ffeito a rraynha dona Lyanor*, apenas transcrevemos o começo que diz:

Senhora,
Bem posso eu com razão
por ser dos orfãos juiz
acceitar a tal acção;
o direito assim o diz
nas Sergas d'Espradiam.

Estes ultimos dois versos são notaveis, porque determinam por assim dizer a data do processo, conforme nota o sr. Theophilo Braga, que primeiro o julgou passado em 1493, e que depois se convenceu de que o foi em 1510, pois é d'esse anno a primeira edição das conhecidas — Sergas d'Esplandiam. Segue-se o parecer de Gil Vicente, onde facilmente se reconhece *la griffe du lion*.

Começa elle:

Senhora,
Vossa Alteza me perdoe
eu acho muito danado
este feito processado,
em que manda que razoe,
vae a cura tão errada,
vae o feito tão perdido,
vae tão fora da estrada,
que a moça condenada
Vasc'Abul fica vencido.

Como quem diz que se a sentença obrigasse a moça bailadeira a restituir o colar, quem moralmente ficava vencido e condemnado era Vasco Abul.

E de facto, na replica que depois do parecer

de Gil Vicente apresenta Anrique da Motta acaba por dizer-se:

E tanto que lhe foi dado
não seja aqui mais ouvido,
seja d'aqui degradado
não se chame namorado,
pois d'amor não foi vencido.
Mas eu certo não duvido
por isto que se cá fez,
qu'elle não seja atrevido
em praça nem escondido
a emprestal-o outra vez.

Assim, esse Vasco Abul, nobre e cavalleiro, que commandara uma caravella, e que navegara pelos mares d'Africa até á costa da Mina, é crivado de chufas e de motejos, troçado, alvo da chacota dos poetas, dos cantores, e das cristalleiras, e finalmente escorraçado d'Almada, só porque faltara ás leis da galanteria, tão presadas n'esses seculos de cavallaria, em que o culto da mulher era a lei suprema.

E o pobre Vasco Abul, que merecia talvez pelos seus feitos ter o nome registado entre os dos nossos navegadores, fica apenas conhecido com o processo de Almada, por ter negado um colar de cincoenta cruzados a uma bailadeira d'Alemquer!

O FREI LUIZ DE SOUSA

Agora um drama verdadeiro.

Nos fins do seculo XVI e principio do XVII, passa-se em Almada o mysterioso e pungente episodio sobre o qual Garrett architectou o mais bello poema em prosa da nossa litteratura, a mais poetica definição da alma portugueza, ao mesmo tempo apaixonada e cavalheirosa, repassada de mysticismo e vibrante de amor, accessivel a todas as ideias generosas, namorada e supersticiosa, dilacerada pela fatalidade do destino, energica na resolução do supremo sacrificio.

E porque os personagens existiram, e porque viveram, e se amaram, e os dois principaes se separaram ao cabo de uma união feliz, para irem acabar a existencia, distanciados nas cellas dos seus conventos, o «Frei Luiz de Sousa» tem além do prestigio de symbolisar o genio d'uma nação, o interesse que despertam as scenas vividas.

Quem não conhece o drama de Garrett não é portuguez.

Inutil portanto recordal-o.

Que ha de realidade n'essa obra?

O episodio fundamental é verdadeiro. Verdadeiros os principaes personagens. Exacto o desenlace. É de Garrett a escolha da mais artistica e delicada das versões sobre os motivos de separação, a psychologia das figuras, e o sopro de genio que anima o drama.

Pelos annos de 1575 residia em Almada e tinha ali propriedades D. Maria da Silva, mãe de D. Magdalena de Vilhena.

Esta casou com D. João de Portugal, da casa dos condes de Vimioso, por volta de 1568, vivendo com elle dez annos até á partida para Alcaccer Kibir.

Ficaram tres filhos, D. Luiz, que veiu a morrer em Tanger, n'uma escaramuça depois de 1592. Duas meninas, D. Maria de Vilhena e D. Joanna de Portugal, que vieram mais tarde a casar, esta ultima com D. Lopo de Almeida, dos quaes nasceu uma filha que acompanhou sua avó para o convento quando a elle se recolheu. D. João de Portugal desapareceu na batalha. Os documentos officiaes deram-n'o como morto.

D. Magdalena, conta-se, espaçara por alguns annos o segundo casamento com Manuel de Sousa Coutinho, com receio de não ser na realidade viuva. Afinal as razões que lhe deram os proprios parentes do primeiro marido convenceram o seu coração, já de ha muito dominado pelo encanto do brilhante cavalleiro Manuel de Sousa. Casaram entre 1584 e 1586. Elle tinha todas as qualidades que seduzem as mulheres. Era bravo e destemido, tentava-o a aventura longiqua. As coisas banaes passadas pela sua palavra adquiriam a harmonia que nos embala quando lêmos periodos da Historia de S. Domingos e da Vida do Arcebispo. Usava no airoso chapéu de aba larga a pluma branca a la moda, e na imaginação tremulava-lhe a pluma ligeira d'uma phantasia romanesca.

Generoso, valente e poeta, captivou a linda e opulenta viuva.

Alguns auctores teem avançado que essa riqueza tinha em grande parte resolvido o cavalleiro de 30 annos a desposar uma viuva bem mais velha do que elle. Entretanto essa hypothese é destituida de fundamento pela razão de que uma grande parte da fortuna e toda a que vinha do primeiro marido, pertencia aos filhos que d'elle tinham ficado. E Manuel era rico, e cavalleiro, e namorado!... Em

que repugna que elle se deixasse apaixonar pela bella e seductora viuva, que além de tudo não era talvez tanto mais velha do que elle?

Tiveram uma filha — a Maria do drama de Garrett, a que alguns escriptores chamam D. Anna de Noronha.

Em Lisboa viviam os conjúges a S. Roque, na freguezia do Loreto. Mas a sua residencia predilecta era Almada, onde, segundo affirma Barbosa Machado, Manuel commandava um corpo de setecentos infantes e cem cavallos.

A casa que habitavam n'esta villa era na rua Direita, como se vê d'uma escriptura publicada pelo erudito escriptor sr. Sousa Viterbo, na sua memoria apresentada á Academia Real das Sciencias.

Qual ella fosse torna-se difficil averiguar. Não só porque o incendio, cavalheiramente ateiado pelo proprio Manuel, a teria destruido, e as confrontações indicadas na escriptura nada elucidam, como por não haver indicio na rua Direita de reedificação nenhuma que indique ter havido ali habitação nobre.

Percorrida essa rua, apenas uma morada de casas mais importante onde se veem uns bellos azulejos, permite á imaginação conjecturar ter sido ali a pousada dos dois protogonistas do drama.

É certo que elles habitavam n'aquella rua e que já então Manuel de Sousa Coutinho cultivava as letras em prosa e em verso, quando no anno de 1599 a peste grassava em Lisboa.

Resolveram os governadores do Reino, em nome de D. Philippe, virem estabelecer-se em Almada, e para palacio do governo escolheram a casa em que D. Magdalena e Manuel residiam.

Foi então que o fogoso cavalleiro e ardente patriota respondeu á importuna intimação, incendiando a sua casa, episodio com que Garrett fecha tão brilhantemente o acto do seu drama «*Illumino a minha casa*», diz Manuel de Sousa «para receber os muito poderosos e excellentes senhores governadores d'estes reinos.»

O factó é verdadeiro. Elle proprio o narra no prologo que em latim escreveu ás obras de Jayme Falcão: «*In fumum et cineres abiere*».

E é mesmo de crer que esse atrevido reptó atirado aos governadores do Reino, influisse para a sua resolução em se expatriar.

Retirou para Madrid, onde encontrou o acolhimento protector de D. Pedro e D. João de Borja, e d'ahi seguiu para a America.



ACCRESCENTOU QUE FORA ELLE QUEM ALLI O MANDARA

N'este ponto se affastou da realidade Garrett, no seu drama, que faz succeder immediatamente ao incendio de Almada a catastrophe que decidiu os dois esposos a tomarem o habito.

Entre um e outro facto mediaram perto de 13 annos.

Foi em 1600 que elle partiu para a America, em 1604 que d'ali regressou, e em 1613 que se realisou o divorcio.

O que motivou a sua volta a Portugal? Qual foi a causa da separação?

Diz o bispo de Vizeu, D. Francisco Alexandre Lobo, e confirma-o Barbosa Machado, que o trouxera arrebatadamente á patria a noticia da morte de sua filha.

Outros affirmam que viria por saber que os governadores que ultrajara já tinham sido substituidos, e que saudades da familia e da sua Almada, que tanto estremecia, o tinham repatriado. N'esta hypothese, sua filha ainda viveria, e a sua morte, mais tarde, teria grande influencia na resolução de os paes se recolherem ao convento.

A mysteriosa causa do divorcio, interessante problema de psychologia, que tanto preoccupa os escriptores que d'elle teem tratado, está ainda hoje para resolver.

Seria a morte da filha unica?

Não ha uma data que nos possa guiar. Não ha uma citação que nos elucide.

Seria, como se inclina a crer o sr. Sousa Viterbo, um phenomeno de suggestão, que teria actuado no espirito dos dois, levando-os a esta especie de duplo suicidio?

É facto que, pouco tempo antes, o conde e a condessa de Vimioso se tinham separado, para professarem, ella no convento do Sacramento, em Alcantara, que instituiria, e elle no convento de S. Paulo, em Almada.

A coincidencia de serem os mesmos conventos em que Manuel de Sousa e D. Magdalena de Vilhena vieram a professar, a amizade e parentesco que existia entre o Vimioso e Manuel de Sousa Coutinho, a inclinação ao mysticismo da alma de D. Magdalena de Vilhena, que foi creada e educada por uma mãe excessivamente devota, n'uma epocha de profundas crenças religiosas, e supersticiosos terrores, que facilmente levariam o seu animo a procurar abrigo contra as tempestades da vida no convento que a condessa de Vimioso instituiria e onde se escolhera, tudo teria influido no espirito dos dois esposos, já ambos no começo

do inverno da vida, a procurarem no claustro paz e tranquillidade.

A aparição do peregrino, facto que aos eruditos repugna e aos poetas seduz, foi o motivo escolhido por Garrett para explicar a subita resolução do divorcio. Tirou-o Garrett da narrativa de Frei Antonio da Encarnação, que, por ser contemporaneo dos acontecimentos, tem em favor da sua versão um grande saldo de probabilidades.

Conta elle que em 1613, estando D. Magdalena de Vilhena em Almada, lhe apparecera um peregrino que vinha da Terra Santa, trazendo novas de um portuguez que ha muitos annos vivia em Jerusalem, e que escapara aos desastres de Alcacer Kibir.

E dando os signaes certos de D. João de Portugal, o primeiro marido, accrescentou que fôra elle quem ali o mandára.

Aterrada com tão fulminante acontecimento, contou a seu segundo marido o que se passára, e o que Frei Jorge seu irmão presenciára.

Elle então dizem que respondera: «Até agora, senhora, vivi em boa fé convosco; e creio de vós que na mesma boa fé viveste comigo; porque fio de vós que não casarieis outra vez se não tivesses por certa a morte do vosso primeiro marido. O que convém mais é fugir para o sagrado da religião.»

A este episodio, narrado por Fr. Antonio da Encarnação, põe muitas reservas o Bispo de Vizeu, o sr. Sousa Viterbo e outros, que se teem occupado do caso, e attribuem a invenção ao espirito de messianismo sebastico que inflammava as imaginações n'essa epocha.

E a phantasia popular, que esperava ver apparecer o «Desejado» e cria que elle não perecera, facilmente daria como explicação á repentina deliberação dos dois conjuges, a chegada d'um mensageiro que trazia novas do cavalleiro de Alcacer Kibir.

Não havendo provas que invalidem esta versão, e havendo em seu favor o testemunho de um contemporaneo, porque regeital-o?

E porque não fundiremos na alma dos dois heroes d'essa historia os tres motivos de anniquillamento moral?

A morte d'uma filha, é a maior dôr humana. E essa dôr ter-lhes-hia quebrado as energias vitais.

A aparição do peregrino mensageiro do D. João de Portugal, ou elle proprio, como alvitra Garrett, seria para as suas almas a ca-

tastrophe determinante do refugio na casa de Deus.

E o exemplo dos condes de Vimioso, tão seus intimos, ter-lhes-hia indicado o caminho

Por isso n'esse mesmo anno de 1613, deitando Almada, entraram, ella no convento de Alcântara, levando consigo uma netasinha de sete annos, que a seguiu na clausura, elle no convento dos dominicanos de Bemfica, onde veiu a escrever as mais harmoniosas paginas da harmoniosa lingua portugueza.

*
* * *

Quando depois de dominicano, Frei Luiz de Sousa escreve a sua Historia de S. Domingos, ao contar a fundação do convento de S. Paulo em Almada, por Frei Francisco Foreiro, no anno de 1569, e dando d'ella algumas noticias, deixa ainda transparecer n'essas paginas o encanto pela terra que tanto amára, e onde tanto amára. «Sitio, diz elle do local do convento, que como é no mais alto do monte, e pendurado sobre o mar, fica como grimpa, sujeito a todos os ventos. Porém, paga-se este damno com ser senhor de um tão fermoso e tão bem assombrado horisonte, que confiadamente e sem parecer encarecimento, podemos affirmar que não ha outro tal em toda a redondeza da terra». Conta elle depois que por ser de tal modo formoso o panorama de Lisboa que da villa de Almada se disfructa escolheu D. Philippe II esta villa para gozar da vista da cidade, antes de n'ella entrar.

Em uma noite mandou que lhe crivassem a cidade de Lisboa de luminarias, e tão deslumbrante era o espectáculo, que Frei Luiz de Sousa accrescenta que: «estando assim ardendo sem damno, toda, ficou devendo mais ás sombras nocturnas que ao resplendor do sol».

Annos depois, diz-se, esteve ali tambem o Duque de Bragança, mas com o intuito de ás occultas vir entender-se com os conjurados que em 1640 o acclamaram rei com o nome de D. João IV.

Dorme desde então Almada, perto de dois

seculos, na Historia de Portugal, até que accorda em 1833, com a entrada de Telles Jordão, que o Duque de Cadaval, governador de Lisboa, para ali manda com tres mil homens, defender esse posto avançado, e fazer face ao Duque da Terceira, que vinha com 1500 homens sobre Lisboa.

A 22 de Julho a columna liberal entrára em Setubal, saltava por Azeitão, descia ao valle de Coina, e marchava pelo Seixal e pelo Alfeite, até á Piedade. Ahi, ao entardecer do dia 23, encontraram as avançadas do Telles Jordão. A guarnição miguelista de Almada, vindo ao seu encontro a Cacilhas, e julgando o inimigo muito superior em numero, aterrrou-se. O combate, já de noite, foi uma derrota rapida para os miguelistas, que vinham apavorados, atropellar-se no Caes de Cacilhas. No escuro d'essa noite houve forte carnificina. Telles Jordão, a cavallo, combatendo, forcejava entrar n'uma falua. Abriram-lhe o craneo com uma cutilada, e arrastaram-n-o, quasi morto, enquanto uma grande parte dos seus fugia pelas trevas da noite, em catraios, faluas e barcos cacilheiros.

Pela madrugada do dia 24 o Duque de Cadaval mandou evacuar Lisboa. Foram avisar d'isto o Duque da Terceira, á Outra Banda. O castello d'Almada entregou-se-lhe, e a sua columna atravessou o rio, entrando triumphante na capital.

Hoje a figura em bronze do brilhante conde de Villa Flôr Duque da Terceira, ali no caes do Sodré, sobre o pedestal de pedra, com a cabeça levemente inclinada e pensativa, olha com a insistencia immovel das estatuas, para a frente, lá ao longe, a villa de Almada, que se lhe rendeu n'essa linda manhã de Julho.

E se porventura no craneo de metal ainda palpitasse um cerebro, o seu pensamento, correndo ao arripio pelo tempo que já passou, iria recordando, n'uma evocação, as scenas tragicas ou festivas, sentimentaes ou guerreiras, de que foi theatro essa Almada de Frei Luiz de Sousa, dos autos de Gil Vicente, do cerco do seculo XIV, das façanhas dos cruzados inglezes, e das origens da sua fundação arabe.

CONDE DE SABUGOSA.



A perfuração do Simplon

O tunnel mais extenso do mundo

Concluiu-se ha pouco uma das obras mais gigantescas de engenharia que se teem emprehendido: a perfuração de uma das mais altas montanhas dos Alpes, o monte Simplon, para unir mais rapidamente pela linha ferrea os dois paizes fronteiriços, a Italia e a Suissa. No seguinte artigo, historía-se minuciosamente a prodigiosa empreza, e descrevem-se, com o auxilio de primorosas photographias, todos os trabalhos do enorme tunnel. Na singelêza da verdade, esta narrativa representa o mais bello dos hymnos, entoado á gloria do trabalho e da sciencia humana.

I

Quando se completar a linha ferrea atravez do maravilhoso tunnel do Simplon, a diligencia amarella do governo suisso abandonará uma das mais pittorescas passagens alpestres do mundo inteiro. Essa grande façanha de engenharia será o meio de estabelecer atravez dos Alpes o rapido transito que Napoleão tentou ha um seculo. O carthaginez Hannibal fez essa passagem com um exercito e todo o respectivo material, mas não deixou noticia de como essa notavel expedição foi levada a cabo. Já de ha muito que o problema havia preocupado os conquistadores romanos, mas foi Napoleão que deu os primeiros passos para um caminho methodicamente traçado, encarregando em 1800 Mr. Céard da construcção da estrada do Simplon.

Empreza foi esta erriçada de difficuldades tremendas, mas o dinheiro, e o homem que a dirigia, conseguiram realisa-la sem interrupção. N'um praso de cinco annos completara-se a estrada Alpina da Italia, com o comprimento de quarenta milhas, cerca de nove metros de largo, com 613 pontes e 8 tunneis, custando dezoito milhões de francos.

Napoleão declarou que a estrada poderia ser utilizada por mais de dezeseis milhões de individuos, mas tornava-se inutil se acaso o

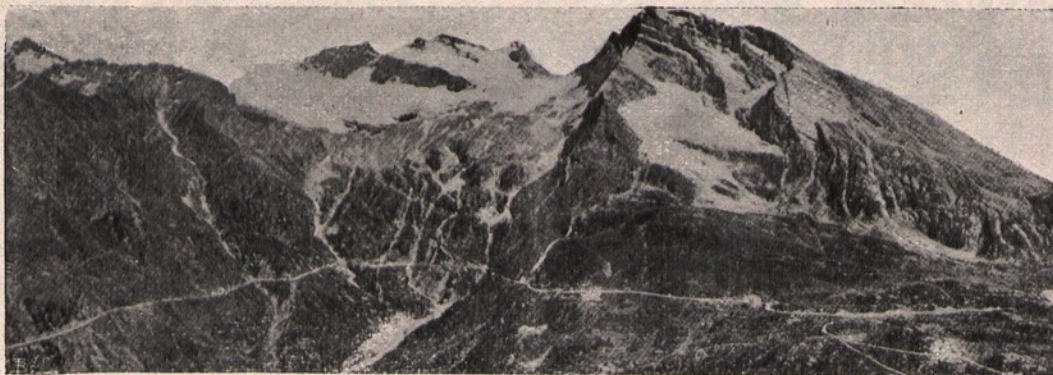
commercio não se podesse fazer por ella com toda a segurança.

No intuito de pôr cobro á condição anarchica d'aquella região e dar um golpe nas pretensões de uma parte da população á soberania sobre a outra, elle decretou peremptoriamente que essa região ficasse unida ao Imperio.

Cincoenta annos depois houve uma proposta para perfurar o Simplon. Era uma questão momentosa para a politica e para as relações commerciaes das duas principaes nações latinas, a Italia e a França.

Por essa epoca já se encetara o tunnel do Monte Cenis, embora só vinte e quatro annos mais tarde ficasse prompto para o trafico.

A Allemanha pretendeu então a sua via de comunicação. Sob os auspicios de Bismarck. abriu-se o tunnel do Saint Gothard nove annos depois do seu começo em 1872. Rapidamente se demonstrou o grande alcance d'esta linha. A questão do caminho subterraneo atravez do Simplon começou então a preoccupar seriamente a França. Em 1893 principiaram as combinações para esse effeito entre a Italia e a Suissa, e as obras do tunnel encetaram-se a 13 de novembro de 1898. Fez-se um contracto, dispondo que o tunnel ficaria prompto para o serviço em 1904, mas este periodo foi afinal prolongado até 30 de



PANORAMA DO MONTE LEONE MOSTRANDO A ESTRADA SOBRE O SIMPLON

abril de 1905, com uma multa de 5000 francos por cada dia que excedesse este prazo, a não ser em casos de força maior de que se especialisaram dois no contracto, a saber, um terremoto ou uma guerra entre a Italia e a Suissa.

Ora, por ocasião da abertura do tunnel do Simplon, foi quando a França abriu os olhos para a posição equivocada em que ficava collocada. Não lhe aproveitara a lição do Saint Gothard. O Simplon aproxima Paris umas sessenta e cinco milhas de Milão, e tornar-se-ha o caminho natural para a Italia; mas, em frente de tudo isto, a França ainda

não se preparou para essa enorme mudança physica que deve affectar os seus interesses internos.

II

O Simplon é o tunnel mais extenso do mundo. Concluiu-se á custa de tremendas difficuldades, a maior parte das quaes eram inteiramente inesperadas, e muitas que apresentavam problemas novos de engenharia. Prolonga-se desde Brieg na Suissa até Iselle na Italia, sendo o comprimento total de doze milhas e um quarto—em numeros precisos, 21,576 jardas ou 20,713 metros. Para o con-



DO LADO DA SUISSA—PROXIMIDADES DO TUNNEL EM BRIEG

fronto com outros grandes tunneis, é decerto interessante o mappa seguinte :

| | | |
|--|--------|------------|
| Tunnel do Simplon..... | 22 1/2 | Kilometros |
| » de Saint Gothard .. | 16 1/2 | » |
| » do Monte Cenis.... | 14 | » |
| » do Arlberg | 12 1/2 | » |
| » de Hoosac (Estados- Unidos) | 8 1/2 | » |
| Tunnel de Severn | 8 | » |

O Simplon fica um pouco a oeste da estrada Napoleonica. O preço do contracto foi de 15.700 contos de réis, e a obra foi empreendida pela firma de Brandt, Brandau & C.a, formada em Winterhur. Eram socios d'esta importante organização os senhores Alfred Brandt, de Hamburgo; Charles Brandau, de Cassel; o coronel Locher, de Zurich, pertencente á firma de Sulzer, machinistas em Winterhur; e o banco de Winterhur. O corpo de engenheiros era composto de Alphonse Zollinger, como chefe dos Caminhos de Ferro Federaes; do barão Hugo von Kager, como engenheiro pelo lado suiso; e de Konrad Pressel, engenheiro pelo lado italiano. Desgraçadamente, o senhor Brandt perdeu a vida n'esta grande obra, succumbindo em 1899 a



ENTRADA DO TUNNEL EM BRIEG

uma inflamação pulmonar, causada pelo ar sobre-aquecido dentro do tunnel.

A empreza, organizada de uma forma esplendida, excitou a admiração do mundo scientifico—em primeiro lugar, pelos cuidados philanthropicos dados ao bem estar dos operarios; e depois, pelos extraordinarios resultados obtidos pelas condições scientificas de



PARAGEM NA ALDEIA DE SIMPLON, NA JORNADA PELA GRANDE ESTRADA NAPOLEONICA

cada exame e de cada pollegada de avanço, e na rapidez da brocagem, que foi de incalculavel valor para determinar as condições thermaes abaixo da crosta terrestre; visto que, embora o Simplon seja uma excrescencia anormal, a penetração no seu centro desenvolve os mesmos caracteres obtidos abaixo do nivel do mar. A maxima profundidade do tunnel abaixo da cumiada dos Alpes é de 7005

zes de dezoito pés, e esta proporção cessou apenas por um motivo absolutamente imprevisto, de que a seu tempo trataremos.

Observaram-se curiosos phenomenos na distribuição da temperatura dentro do tunnel. Quando se assentava n'alguma lei definida, appareciam sempre muitos factores que a perturbavam.

Dependia-se muito da inclinação da rocha,



DO LADO DA ITALIA—PROXIMIDADES DO TUNNEL EM ISELLE

pés (mais de 2100 metros), muito maior do que a attingida anteriormente.

Uma das primeiras surpresas produzidas pela rotação da broca hydraulica consistiu na differença entre as phases experimentaes e effectivas do avanço quotidiano. Ao formular-se o contracto, foi levado para Winterhur um grande pedaço de rocha, que se mostrou poder ser furado pela acção da broca á razão de uma jarda (0,96) por cada doze a quinze minutos; mas descobriu-se mais tarde que esta proporção era diminuida pelo menos vinte por cento no trabalho effectivo realizado sobre a pedra no interior do tunnel, demonstrando-se que a enorme pressão produzia um effeito que não se previra e em que até então mal se poderia acreditar. Todavia, mesmo assim, o avanço diario da broca foi durante me-

conforme fosse horizontal, declivada ou vertical, synclinal ou anticlinal. O tunnel consiste em duas galerias paralellas, e, á proporção que ellas se adeantavam, a temperatura da rocha verificava-se por meio de uma serie de orificios abertos aos lados, aos quaes se adaptavam thermometros permanentes. Á medida que se attingiam maiores profundidades, elevava-se a temperatura até se chegar ao grande jorro de agua, sob o qual, a 7005 pés abaixo da superficie, a thermometro marcou o maximo de 130° Fahrenheit (cerca de 54° centigrados). Depois d'isso, a temperatura foi baixando gradualmente á proporção que os trabalhos proseguiram na direcção do sul. A umas quatro milhas da estrada de Iselle, descahiu até 55° Fahrenheit (12° a 13° centigrados), sob uma depressão de 2500 pés.

Muito d'esta rapida mudança foi devido a um grande manancial de agua fria, attingindo o jorro de agua em duas cascatas 10.564 galões (cerca de 48.000 litros) por minuto, á pressão de quasi 300 kilos por pollegada quadrada.

tunnel do Monte Cenis como no do Saint Gothard (1).

Foi em maio de 1904 que fontes quentes de enorme poder pozeram em risco a continuação dos trabalhos. Descobriu-se então que



ENTRADA SUL DO TUNNEL, EM ISELLE

A galeria da esquerda tornar-se-ha de futuro um segundo tunnel

Estes mananciaes e o jorro de agua, quente (40° centigrados), mesmo ao sul do lençol de agua, foram dois incidentes seriissimos na construcção do tunnel; e tão prodigiosos foram os embaraços, tão renhida se tornou a lucha, que a obra quasi esteve a pique de ser de todo em todo abandonada.

Mas a vontade indomita, a pericia e a deducção scientifica dos engenheiros levaram finalmente de vencida os obstaculos que se lhes defrontavam. N'estas occasiões fizeram-se algumas observações interessantissimas para o calculo da temperatura da terra. Verificou-se em geral que o acrescimo de calor importava n'um grau Fahrenheit por 67 e meio pés, um pouco mais lento do que os calculos anteriores de um grau por 64 pés, comquanto em concordancia com observações feitas tanto no

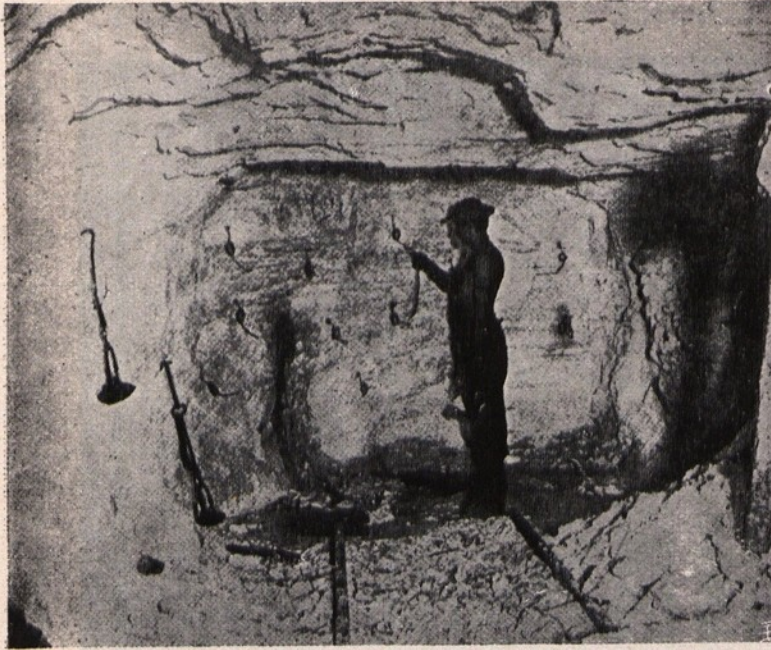
uma zona extensissima da montanha era quasi uma massa liquida, uma especie de greda maleavel, necessitando tremendos contrafortes de ferro e carvalho, e uma estructura interior especial para permittir o trabalho dos operarios, cuja lucha persistente e heroica excitou a admiração dos patrões. N'este periodo havia mais jorros de agua, alguns rebentando

(1) É bastante difficil certificar qual a temperatura que se presume existir perto da superficie dos Altos Alpes. Nos sitios em que prevalecem as neves perpetuas, ellas teem sem duvida uma acção protectora e evitam a irradiação; e onde as neves duram os longos mezes de inverno, obteem-se em menor grau identicos resultados. Provavelmente, a uma profundidade que varia entre vinte e trinta pés abaixo da superficie, a temperatura mantem-se pouco mais ou menos uniforme — provavelmente a 32° Fahrenheit (0° centigrados). É este o parecer expresso por Francis Fox n'uma communicação feita á Sociedade Real de Londres.

do tecto, tão incommodos e custosos de vencer que obrigavam a combates constantes, com intervallos de vinte ou trinta minutos. Do lado norte, um pouco além do ponto mais

Por um expediente engenhoso, esta agua foi finalmente exgotada atravez do tunnel do sul. As galerias tinham sido levadas até um tal ou qual adeantamento, uma por debaixo d'outra.

O cimo da galeria sul tocava no pavimento da galeria norte; e assim, quando se dispou o ultimo tiro para comunicar as galerias, a agua correu para um leito que do lado sul haviam preparado expressamente para a receber. Tudo isto occasionou grandes transtornos, que os operarios supportaram de animo leve. Teve-se na maxima consideração a commodidade e a saude de todos; uma das secções mais dispendiosas da empreza foi a que dizia respeito aos lavadouros e enxugadouros dos corpos e fatos. Durante os seis annos e meio que durou a construcção deram-se apenas vinte obitos entre os trez mil homens empregados. Até novembro de 1905, tinha havido 1.530.000 explosões de rocha,

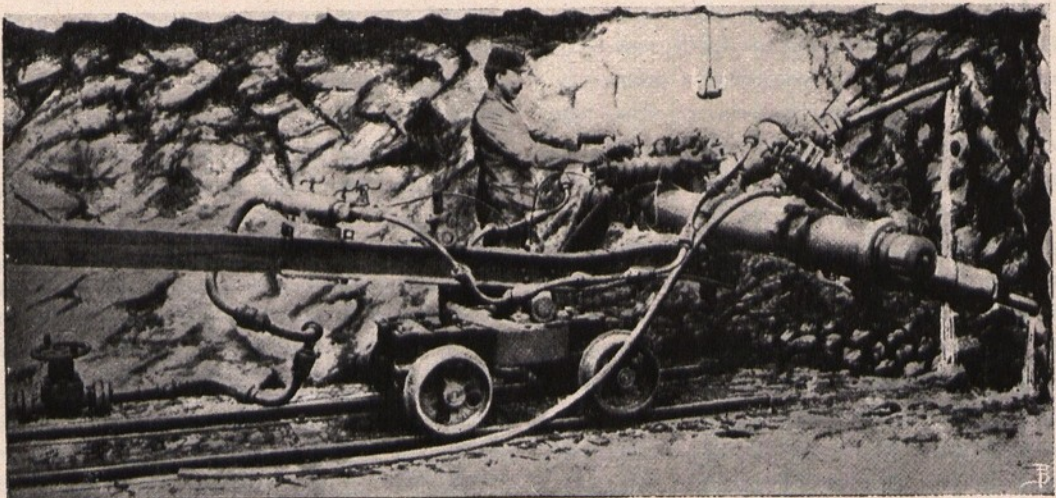


PREPARATIVOS DE EXPLOSÃO

alto, os trabalhos foram interrompidos. A agua precipitava-se em catadupa pelo declivio que se dirigia para o sul, e as bombas não conseguiram dar-lhe vencimento. Durante as semanas anteriores á abertura final, mais de 1800 metros cubicos de agua foram impellidos para a curta distancia que mediava entre o ponto mais alto e o extremo da galeria, e represos por uma enorme comporta de ferro.

em que se tinham empregado setenta e cinco toneladas de dynamite.

É interessante, a proposito, notar que se faziam, geralmente, oito ou nove inserções de cartuchos de dynamite de cada vez. Quando se deitava fogo ao rastilho, concediam-se dois minutos para se procurar abrigo. Os trabalhadores inexperientes eram sobretudo italianos, que se mostraram mais aptos para



TRABALHO DE BROCAS

aquele trabalho do que os camponeses suíços. (1).

O tunnel acabado é um dos dois que estão em serviço de futuro. O segundo tunnel está apenas feito em parte, e chamam-lhe «a galeria» Não se completará para a segunda via senão quando o primeiro render 2000 francos por kilometro. A galeria prestou um grande serviço para facilitar a circulação do ar e para os trabalhos hydraulicos do exto. (2).

Para aproveitamento immediato da linha ferrea, ha um grande desvio, a meio do tunnel pouco mais ou menos, para a passagem dos comboios.

O eixo do tunnel é quasi uma recta. O declivio é bastante doce. A maior inclinação, e essa mesmo n'uma distancia curtissima, é apenas de quarenta — muito inferior á dos tunneis do Monte Cenis, do Saint Gothard ou do Arlberg. Os accessos ao Simplon são extremamente faceis. O Caminho de ferro Federal da Suissa, que desde o lago de Genebra atravessa o valle do Rhodano e que alli chega tambem do valle de Zermatt, en-

tra quasi de nivel no tunnel em Briège. Os viajantes que atravessam o Saint Gothard devem recordar-se da maravilhosa ascensão serpentina do caminho de ferro antes de chegar a Geschenen.

Do lado italiano do Simplon, a Sociedade Italo-Mediterranea construiu o entroncamento de Milão-Arona, Domodosolla e Iselle. Assim, o grande lago de Genebra fica directamente ligado a Placencia e Milão, e encurta-se o caminho da Italia para a França e a Grã-Bretanha.

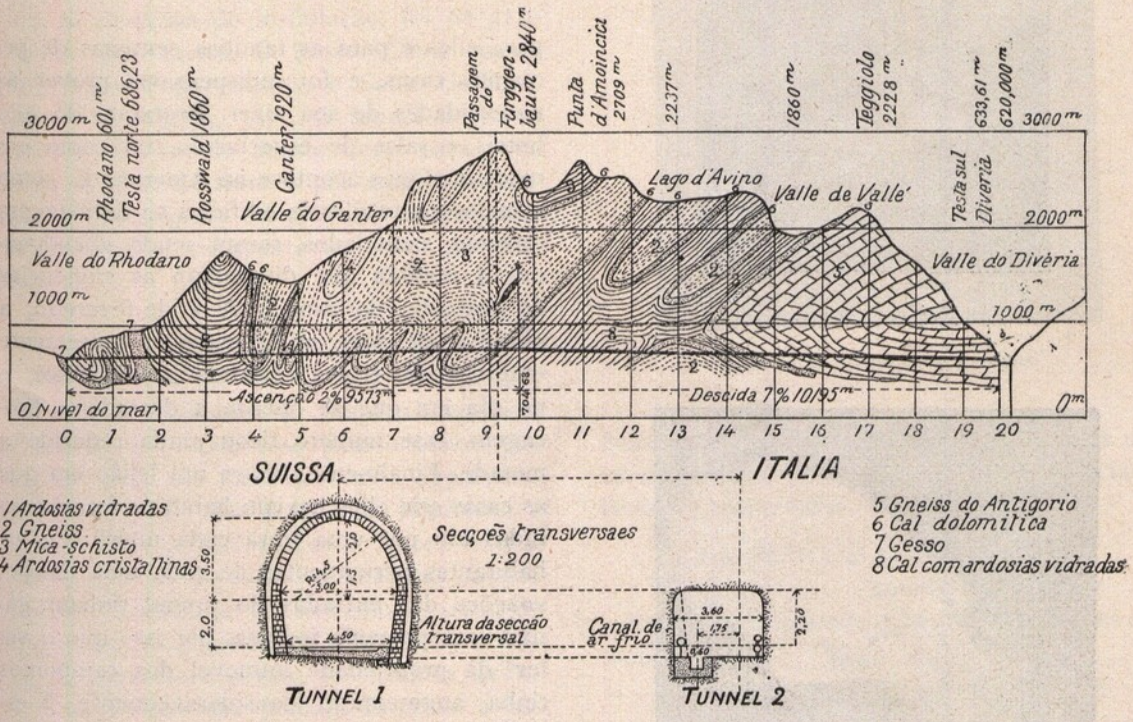
Antes de se abrir o tunnel do Simplon ao trafego ferro-viario, (1) são indispensaveis varias installações.

A via ferrea exigirá a collocação de cinco cabos para o serviço telegraphico e para trens de balastro; o leito da via precisa ainda de grandes trabalhos; e a apparição de novos mananciaes ou de movimentos do solo sob a pressão naturalmente exercida pela montanha — transtorno que não é absolutamente ines-

(1) O ultimo obstaculo de formidavel especie appareceu em 22 de dezembro de 1904.

(2) É interessante notar que a força motriz foi toda fornecida do lado suíço pelo Rhodano, do lado italiano pelo rio Deveria.

(1) No domingo, 2 de abril, o tunnel foi aberto formalmente, embora não estivesse prompto para o trafico. Encontraram-se a meio do tunnel comboios partidos das entradas suíssa e italiana, e, depois de tirada a porta de ferro que marcava a linha fronteira, dirigiram-se juntos até Iselle, onde se realisaram as ceremonias inauguraes. O sr. Zollinger espera que o tunnel ficará aberto definitivamente para o trafico em outubro proximo futuro.



PERFIL DO TUNNEL DE SIMPLON

perado—exigirá, obras de reforço bastante dispendiosas.

III

Fóra do tunnel, nos dois extremos, foi necessaria uma enorme accumulção de trabalhadores e de materiaes para supprir as neces-

sidades do grande empreendimento. A força natural das aguas foi excellentemente aproveitada n'um e n'outro extremo do tunnel. A obra exigiu a construcção de gigantescos reforços, plantas de installação, machinismo de secagem, dynamos electricos—em summa, uma alluvião tremenda de machinas para satisfazer ás mais complexas necessidades.

Edificaram-se grandes depositos para locomotivas e para a construcção de carruagens. Vinte e cinco comboios entravam e saham cada dia pelo tunnel, simplesmente para transporte dos mineiros.

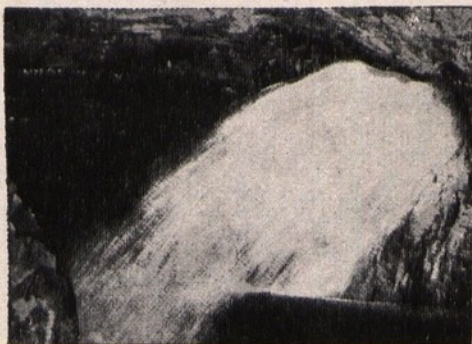
Depois, toda essa população de trabalhadores precisava accomodações: edificaram-se



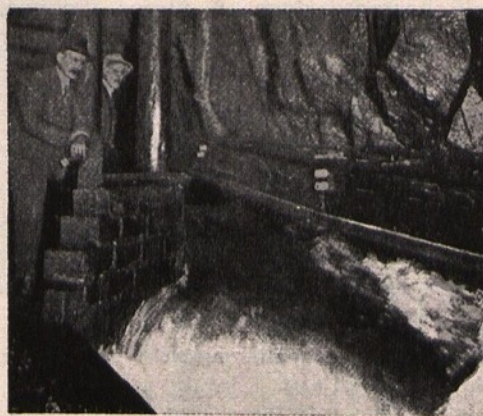
EXPLOSÕES DE AGUA



JORRO INESPERADO



UMA EXPLOSAO DE AGUA QUENTE



UMA FONTE DE AGUA FRIA

para elles e para as familias centenas de pequenas casas, e foi indispensavel prover ás necessidades do seu viver. Brotaram do solo hoteis e salas de espectaculo, tal como em casos analogos acontece na America. E, como a maior parte d'esses edificios se erguiam em terrenos arrendados, foram sendo abandonados á medida que diminuiam as exigencias do trabalho do tunnel. A 1 de fevereiro, a chusma de dois mil homens, recentemente empregados, ficava reduzida a seiscentos, e no dia em que se operou a derradeira brocagem, esse numero ficou ainda reduzido a metade. Finalmente, houve um leilão em que as casas que elles haviam habitado foram vendidas ahi por uma libra cada uma! Mas os habitantes permanentes de cada uma das povoações das entradas do tunnel tinham ganho uma pequena fortuna, por isso que o valor da propriedade immovel dos camponios tinha augmentado consideravelmente. N'esses dois pontos estão agora surgindo novas povoações. Brieg nada perderá do seu pitto-

resco; conservar-se-ha o seu velho *château*. Foi n'esse solar historico que o barão von Kager e alguns dos seus auxiliares residiram durante a construcção do tunnel; e foi ahi que em 1680 viveu o grande Kasper Stockalper, que em seus dias dirigiu o trafico do Simplon, protegido por uma importante guarda de homens armados. Se elle podesse contem-



PARTE DO TUNNEL



ARMADURA N'UM SITIO PERIGOSO



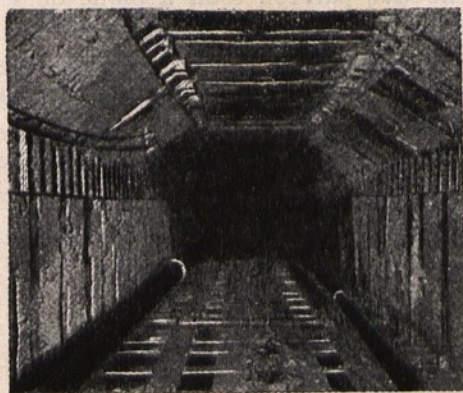
GALERIA DE VENTILAÇÃO

plar a esplendida estação nova do caminho de ferro em Brieg, e ter conhecimento do tunnel colossal, ficaria verdadeiramente maravilhado.

O custo total do tunnel do Simplon foi muito inferior ao de qualquer dos outros tunneis. Com as despesas de installação, foi de 3250 francos por metro. O Monte Cenis custou 5878 francos por metro; o Saint Gothard, 3940; e o Arlberg, 3975. O tunnel do Saint Gothard desviou do Monte Cenis para cima de 40 milhões de francos por anno. Sem duvida que uma parte consideravel d'esta quantia reverterá d'ora avante em favor do Simplon.

IV

O empreendimento do Simplon revestiu-se de um interesse poderoso para o observador attento. Teve por momentos uma apparencia de veras theatral. Os despachos referentes á grande obra excitavam como lances dramaticos os animos em todas as comarcas circumvisinhas. Quando de um extremo ao outro do mundo foi telegraphada a perfuração definitiva do gigantesco monte, os cidadãos da Italia e da Suissa não podiam furtar-se a um estremeção de alvoroço á vista do boletineiro que espalhava a grande noticia. O estalaja-



ONDE FORAM NECESSARIOS REFORÇOS

deiro Jean apertou effusivamente as mãos do advogado Dufour, enquanto ambos elles iam lendo o momentoso telegramma:

LA PERCÉE DU SIMPLON

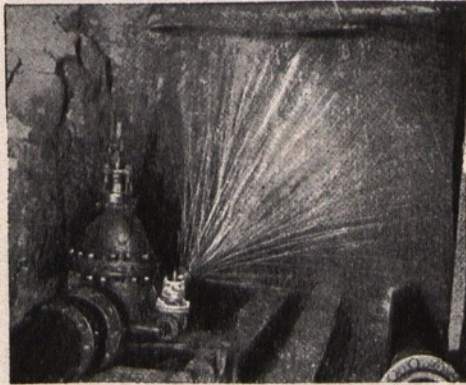
Gondo, le 24 février

Rencontre effectuée 7 heures 20 minutes ce matin!

ENTREPRISE SIMPLON.

O canhão troou pelos desfiladeiros e pelas quebradas; e quando os ultimos ranchos de

cabouqueiros sahiram da enorme caverna e esgazearam os olhos ao sol que n'essa manhã dourava a cumieira do Simplon, as suas physionomias offereciam estudos para um quadro allegorico sobre a apotheose do trabalho humano—realização das benções lançadas annos



ARREFECIMENTO DO AMBIENTE

antes pelos bispos de Sion e de Iselle sobre a primeira rotação da broca hydraulica.

Haviam batalhado valorosamente. Tinham excavado, martellado, brocado, e tinham soffrido deveras. Occasiões houve em que toda a substancia solida da montanha, acima das suas cabeças, pareceu estar a pique de se insinuar pelas fendas da aboboda e entulhar a obra penosamente feita. A intrepidez d'esse exercito de obreiros, a tenacidade indomita dos engenheiros, constituiram o summo do esforço que em trabalhos d'estes o mundo tem até hoje presenciado. A construcção das Pyramides do Egypto não exigiu maior coragem nem maior tensão mental.

V

Mas a perfuração do Simplon trará infelizmente comsigo a suppressão definitiva de um dos caminhos mais romanescos e mais ricos de tradições historicas em todo o mundo —é um panno que desce sobre o mais pittoresco espectáculo que a Europa tem offere-

cido. O drama Napoleonico foi repleto de surpresas; o seu argumento narra as complicações da sociedade e da guerra; as suas peripicias completas patenteiam o prestigio do magnetismo e da força individual.

A magnifica estrada sobre os Alpes foi durante largo tempo das diversões mais fascinantes do *touriste* pensador, e offerecia os mais variados e memoraveis lances. Desde o momento de entrar na diligencia amarella, quando o chicote estalava sobre as cabeças dos cavallos de posta em Brieg, até chegar á garganta do Gondo em Iselle, era um panorama de grandeza e de encanto que se desdobrava de continuo. A symphonia começára logo no valle do Rhodano com os castellos de Sion e Sierre, as torres de Louèche e Martigny, nas abas do grande S. Bernardo. Mas quando principiava a ascensão do Simplon, percorria-se uma serie innumera de voltas atravez de desfiladeiros fortificados que rodeavam pavorosos abysmos e atravez dos mais selvaticos recessos de serra. Ficava-se assombrado com o esplendor do espectáculo e esti-



TRES BROCAS TRABALHANDO A UM TEMPO

mulado por emoções contraditorias. Havia, é certo, alli um refugio—o hospicio dos frades Agostinhos. Quem haverá que, depois de a experimentar, tenha esquecido a generosa hospitalidade d'esses quatro monges, sequestrados n'aquelle páramo desolado?

A Terra dos Cegos

F. M. & R.

Como o velho e conhecido proloquio que se refere á terra dos cegos é uma illusão dos que vêem; como não pôdem entender-se uns com os outros os entes a quem diversas fontes de observação dão criterio absolutamente differente; eis o que mostra n'este admiravel conto o escriptor mais fantasista da litteratura contemporanea, o inglez H. G. Wells. Os romances e os contos d'este prestigioso romanista são avidamente lidos hoje em todas as partes do mundo. A sua vasta cultura scientifica, a sua imaginação torrencial, o vigor das suas descripções, a energia vivaz do seu estylo, collocam-no n'um nivel muito acima do seu antecessor no mesmo genero, o francez Julio Verne, e dão ás suas obras um interesse dramatico que subjuga os espiritos mais cultos e as almas mais simples.

Quem não o conheça ainda, pode avaliar a grandeza do seu merito por este extraordinario conto que os Serões offerecem aos seus leitores.

A mais de trezentas milhas do Chimborazo, a cem milhas das neves do Cotopaxi, nos mais desolados desertos dos Andes do Equador, é onde fica esse mysterioso valle, isolado de todo o convivio humano, a Terra dos Cegos. Ha muitos e muitos annos que esse valle era tão patente ao mundo que aos seus deleitosos prados se podia chegar atravez de medonhos desfiladeiros e sobre nevosas gargantas. E com effeito lá tinham ido parar entes humanos, uma familia de mestiços do Peru, foragidos á cubiça e tyrania de um governador hespanhol. Veiu depois a pavorosa erupção do Mindobamba, quando cahiu sobre Quito uma noite de dezeseite dias, e a agua esteve a ferver em Yaguachi e todos os peixes vieram a fluctuar mortos até Guayaquil. Por toda a parte, nas vertentes do Pacifico, houve desaterros subitos e rapidos degelos, e cheias repentinas, e uma aba inteira da velha serra de Arauca desabou com um estridor de trovoadas e isolou para sempre a Terra dos Cegos de toda a exploração humana. Mas um d'esses primitivos colonos ficou por acaso áquem dos desfiladeiros, no momento em que tamanho abalo soffreu o mundo, e viu-se forçado a dizer adeus á mulher e aos filhos, a todos os amigos e bens que lá no alto deixara, e a recommençar a vida na terra baixa. Assim fez, mas o mau fado e a cegueira mallogra-

ram-lhe os esforços. Morreu nas minas por castigo, mas a historia por elle contada gerou uma lenda que até hoje em dia voga por toda a cordilheira dos Andes.

Contou elle os motivos por que se arriscara a sahir d'aquella fortaleza natural, para onde fora levado em creança, amarrado a um lhamma, entre um montão de carga. O valle, segundo elle affirmou, continha tudo quanto poderia desejar o coração do homem—agua doce, pastos, um clima ameno, encostas de terra escura e fertil com moutas e moutas de um arbusto que dava um fructo excellente, e a um dos lados grandes pinhaes em declivio que aguentavam as avalanches. Lá muito acima, por tres bandas, divisavam-se enormes rochedos esverdeados, cobertos de penhas de neve. Mas não chegava alli a torrente das geleiras, a qual corria por vertentes distantes, e só uma que outra vez desabavam para o lado do valle massas collossaes de gelo.

No valle não chovia nem cahia neve, mas as fontes copiosas produziam bellas e viçosas pastagens, que a irrigação espalhava por todo o ambito do valle. Os colonos davam-se alli perfeitamente, e o mesmo succedia ao gado que rapidamente se multiplicava. Só uma cousa porem turvava a felicidade d'aquella gente.

Mas essa era bastante para a turvar deveras. Cahira sobre elles uma molestia extra-

nha, a qual cegara todas as creanças allí nascidas, e ainda um grande numero dos outros. Era para procurar qualquer amuleto ou remédio contra essa horrivel praga da cegueira que elle tinha voltado pelo desfiladeiro abaixo, á custa de grandes fadigas e perigos.

Por aquelles tempos, n'um caso como este, os homens não pensavam em germens nem infecções, mas só em peccados, e assim parecia-lhe a elle que o motivo da triste epidemia devia estar na negligencia dos immigrants, privados do ministerio sacerdotal, em erguer um santuario apenas entraram no valle. O que elle queria era que allí se erigisse esse santuario, embora modesto, mas bello e efficaz. Do que elle precisava era de reliquias e analogos objectos abençoados pelo ceu, medalhas mysticas com orações. Trazia no alforge uma barra de prata nativa que já deitara em despeza. Toda a população do valle tinha contribuido com quanto dinheiro e enfeites possuia, visto de pouco lhe servirem allí taes thesouros, affirmava elle, só com o fim de angariar um patrocínio contra o mal que os affligia.

Está-se-me figurando na mente esse joven montanhez de olhos baços, tisonado do sol, macilento, ancioso, arrepanhando febrilmente as abas do chapelão, de todo em todo alheio aos habitos do mundo, a contar a sua historia a um padre astuto e attento, antes da grande convulsão. Imagino-o depois regressando com remedios pios e infalíveis contra a tremenda praga, e a infinita angustia com que elle devia ter visto os gigantescos destroços que tapavam o desfiladeiro. Mas perdeu-se para mim o resto da sua historia de infortúnios, apenas sei da sua desgraçada morte passados bastantes annos. Pobre extraviado d'essa região mysteriosa e remota! A torrente que outr'ora cavara o desfiladeiro rebenta agora da entrada de uma caverna penhascosa, e ainda hoje corre de bocca em bocca a lenda, desenvolvida da sua obscura e desalinhada historia, de uma raça de cegos existentes algures, «lá p'r'aquellas bandas».

E pelo meio da exigua população d'esse hoje isolado e esquecido valle, a enfermidade foi lavrando, lavrando sempre. Os velhos foram-se tornando peticegos e tropegos, a vi-

são dos novos foi-se embaciando, e as creanças d'elles nascidas nunca chegaram a ter vista. Mas a vida corria placida n'aquella planura orlada de neves, perdida para o mundo inteiro, desprovida de sarças e abrolhos, sem insectos damninhos, sem quadrupedes a não ser as crias mansas das lhamas que elles tinham arrastado comsigo atravez do leito meio



DERAM ENTÃO PELA FALTA DE NUÑEZ

enxuto dos rios, pelos desfiladeiros e gargantas que haviam transposto. Os videntes tinham chegado a myopes e a peticegos tão gradualmente que mal tinham dado pela perda. Foram guiando para um lado e outro os novos privados de vista, até que conheceram maravilhosamente o valle inteiro; e quando a vista se extinguiu por fim n'essa raça, ella foi vivendo conformada. Tinham até chegado a adaptar-se á percepção cega do fogo, que cuidadosamente faziam em lareiras de pedra. A

princípio, não passavam de um simples rancho illetrado, apenas ao de leve tingido da civilização hespanhola, mas com uma tal ou qual tradição das artes do antigo Peru e da sua perdida philosophia. Foram-se succedendo as gerações. Muita coisa foi esquecendo, muita outra se foi inventando. A tradição do vasto mundo d'onde elles provinham assumiu pouco a pouco um colorido mystico e indefinido. Em tudo, á excepção da vista, eram elles fortes e dextros, e o destino enviou-lhes um, e após outro espirito original e levantado, capaz de os ensinar e persuadir. Passaram esses dois, deixando o seu rasto, e a pequena comunidade cresceu em numero e em entendimento, e defrontou-se com os problemas sociaes e economicos que se lhe depararam, e logrou resolvel-os. As gerações foram-se succedendo, succedendo sempre. Tempo chegou em que uma nasceu com quinze gerações atraz de si, desde esse antepassado que do valle sahira com uma barra de prata no intento de conciliar o auxilio divino, e que nunca mais voltara. Foi por essa epoca que o acaso atirou para o meio da communitade um homem vindo do mundo exterior. E é esta a historia d'esse homem.

*

Era um montanhez dos arredores de Quito, que andara pelo mar e tinha visto mundo, homem arrojado e esperto, dado á leitura de livros. Fôra contractado por um rancho de inglezes que tinham vindo do Equador para preparar á serra, a fim de substituir um dos seus tres guias suissos que havia adoecido. Trepou por um, por outro monte, até que tentou a ascensão do Parascotopetl, o mais alto pincaro dos Andes, no qual se perdeu para o mundo externo. A historia d'esse accidente já uma duzia de vezes se escreveu. A melhor narrativa é a de Pointer. Conta-nos elle como o pequeno rancho conseguiu á custa de esforços, por uma ladeira aspera e quasi vertical, erguer-se até á borda do ultimo e maior precipicio. Ahi, no meio da neve, construíram elles um abrigo para noite em cima de uma especie de prateleira fragosa. E está descripto com verdadeira intensidade dramatica o facto de elles darem então pela falta de Nuñez. Gritaram, mas não houve resposta; tornaram a gritar, assobiaram, e o resto da noite passaram-no em claro.

Ao romper da manhã, é que elles perce-

beram os vestigios do desastre. Comprehendi-se que lhe tivesse sido impossivel soltar um grito. Tinha resvalado para leste, para a encosta desconhecida da serra; lá muito abaixo tinha batido de encontro a um alcantil de neve, e fôra d'ahi precipitado de envolta com uma enorme avalanche. O rasto ia direito á orla de um despenhadeiro, alem do qual tudo estava encoberto. Lá muito abaixo, enfumaçadas pela distancia, lobrigaram arvores surdindo n'um valle estreito e cerrado — a desconhecida Terra dos Cegos. Elles porém é que não sabiam que era alli essa desconhecida Terra dos Cegos, nem podiam discriminal-a de qualquer outro listirão delgado de planura. Desalentados pela catastrophe, deram n'aquella tarde de mão á sua empreza, e Pointer foi chamado para serviço de campanha antes de tentar novo ataque. Até hoje o Parascotopetl ergue um pincaro invio e invicto, e o abrigo de Pointer esmigalha-se solitario no meio dos nevões.

Mas o homem despenhado escapou á morte.

Do alcantil onde batera foi cahindo no meio de uma nuvem de neve até chegar, a mil pés de distancia, a outro alcantil mais aspero ainda que o primeiro. Para baixo d'este, foi arrastado n'um turbilhão, atordoado, insensivel, mas com os ossos inteiros, resvalando por outros alcantis mais suaves, até rolar e ficar sepultado entre o montão macio dos nevões que o haviam acompanhado e que o salvavam. Voltou a si com a ideia vaga de que estava doente de cama; depois é que a sua intelligencia de montanhez lhe deu a consciencia da sua situação. Tratou de se desvincillar da massa de neve que o envolvia, até que, depois de umas duas pausas de repouso, conseguiu ver as estrellas. Permaneceu algum tempo de bocco, a scismar onde tinha ido parar e no que lhe haveria acontecido. Apalpou-se todo e percebeu que se lhe tinham ido embora varios botões e que tinha o casaco voltado para cima da cabeça. Sumira-se-lhe a navalha que tinha no bolso, e desapparecera-lhe o chapéu, apesar de estar atado por baixo do queixo. Lembrou-se de que tinha andado á cata de pedras soltas para construir o seu lanço de parede para o abrigo. Tinha tambem perdido a machadinha do gelo.

Foi então que percebeu que devia ter cahido; ergueu os olhos para avaliar, exagerado pela claridade livida da lua nascente o tremendo adejo que elle havia soltado. Jazeu algum

tempo pasmado para esses enormes e alvos penhascos que muito acima d'elle torrejavam tomando a cada instante relevo sobre a maré refluyente da treva. Impressionou-o durante momentos a sua belleza phantasmagorica e mysteriosa, e por ultimo acommetteu-o um frouxo de gargalhadas soluçantes...

Passado um grande intervallo, o homem comprehendeu que estava perto da orla inferior das neves. Abaixo d'elle, no fundo do que o luar deixava perceber como encosta praticavel, lobrigou elle a gleba escura juncada de pedras. Tratou de se pôr em pé, embora lhe doessem todas as juntas e todos os membros, foi abrindo a custo o caminho por entre os monticulos de neve que o cercavam, até que se achou em cima da terra. Ahi se deixou cahir á beira de um rochedo, bebeu uma boa golada do frasco que tinha na algi-

valado, mais o seu fardo de neve. Em frente d'elle erguia-se para o ceu outra muralha de rocha. O desfiladeiro entre estes precipicios corria na direcção leste-oeste e estava banhado pela luz da manhã, a qual para as bandas de oeste illuminava os destroços do monte desabado que cerravam o desfiladeiro. Abaixo d'elle, parecia haver um despenhadeiro igualmente escarpado, mas por detraz da neve que enchia' a 'quebrada achou elle uma especie de fenda d'onde escorria agua, e ao longo da qual um homem desesperado poderia aventurar-se a descer. Foi-lhe isso mais facil do que a principio lhe parecera, e chegou afinal a outro montículo desolado, e d'ahi, engatinhando com pouca difficuldade, a uma ladeira com arvores. Tratou de se orientar. Voltou-se para o lado superior do desfiladeiro, por lhe parecer que elle abria sobre prados viço-



NUÑEZ SOLTOU UM GRITO POSSANTE QUE RETUMBOU PELO VALLE

beira do forro, e pegou immediatamente no somno...

Despertaram-no gorgeios de passerada, no arvoredado que se divisava lá muito em baixo.

Sentou-se e percebeu que estava sobre uma pequena eminencia, ao sopé de um enorme despenhadeiro, que tinha apenas um ligeiro declivio na quebrada, por onde elle tinha res-

sos, por meio dos quaes elle agora avistava distinctamente um grupo de casebres de pedra, de configuração fora do vulgar. Por vezes, para se adeantar, era obrigado a trepar ao longo da muralha. Passado um tempo, o sol oriental deixou de enfiar pelo desfiladeiro fora, desvaneceu-se o trinar da passerada, o ar arrefeceu, e elle viu-se mergulhado na sombra.

Mas por isso mesmo mais avultava a luz do valle distante com a sua casaria. O homem chegou finalmente ao talude, e notou entre as rochas—como observador que era—um feto desconhecido que parecia alongar para fora das fendas gadanhos de um verde intenso. Apanhou umas folhas, roeu-lhes os talos, e souberam-lhe menos mal.

Por volta do meio dia é que elle se achou por fim fora da garganta do desfiladeiro, em pleno descampado batido de sol. Estava esfalfado e entorpecido; sentou-se á sombra de um rochedo, encheu o seu frasco com agua de uma fonte, regalou-se a beber-a, e para alli ficou algum tempo a descançar, antes de se dirigir ás casas.

Tinham um aspecto extranho, as casas, e todo o valle, quanto mais o observava, mais extraordinario e exotico se lhe deparava.

A maior parte d'elle estava coberto de verdura, salpicada de um grande numero de bonitas flores, irrigado com meticoloso cuidado, e com indicios claros de uma colheita systematica e gradual. Rodeiava todo o valle uma muralha altissima, e uma especie de canal annular, d'onde provinha a agua que ia regar as plantas. Nas encostas mais altas, viam-se manadas de lhamas a apascentar-se na herbage escassa. Aqui e alem, junto ao muro de limite, erguiam-se uns telheiros, que aparentemente serviam de apriscos ou estrebarias para os lhamas. Os canaletes de irrigação convergiam todos para um canal grande, que atravessava o centro do valle, margeado de um muro á altura do peito.

Tudo offerencia uma singular apparencia, por extremo realçada pelo grande numero de carreiros calcetados de pedras brancas e pretas, todos elles com uma especie de passeios estreitos, os quaes se cruzavam ordenadamente em todas as direcções. As casas da aldeia central em nada se pareciam com a agglomeração casual e a troxe-moxe, nos logarejos serranos que o homem conhecia. Enfileiravam-se sem intervallo nas duas beiras de uma rua central, de um aceio pasmoso. N'um que outro ponto, abria-se nas frontarias uma porta, mas nem uma janella sequer se rasgava nas paredes. Eram todas pintalgadas em retalhos muito irregulares, cobertas como eram de uma especie de reboco, umas vezes pardo, outras acastanhado, outras ainda côr de ardósia ou de amarello torrado. E foi a vista d'esse extraordinario reboco que trouxe de repente

ao pensamento do explorador a ideia da cegueira.

—«O homemsinho que fez isto,» pensou elle, «por força que era cego como uma toupeira.»

Desceu uma ladeira, e achou-se perto do muro e do canal que corria em derredor do valle, proximo do sitio em que esse canal despejava por uma cascata estreita o seu excesso de agua. Poude então avistar uma porção de homens e de mulheres, reclinados em montes de feno, como se estivessem dormindo a sesta, e mais perto da aldeia umas poucas de creanças tambem deitadas, e mais ao seu alcance tres homens, carregados de baldes, caminhando por um atalho que do muro da circumvalação se dirigia para as casas. Estes tres homens trajavam roupas tecidas de pello de lhama, botas e cintos de couro, carapuços de panno com cobertura de nuca e de orelhas. Iam todos em fila, muito devagar, bocejando a cada passo, como se tivessem passado toda a noite a pé. O seu aspecto tinha tanto de tranquilizador e de respeitavel que, passado um momento de hesitação, Nuñez ergueu-se no beiral da rocha, o mais á vista que possivel fosse, e soltou um grito possante que retumbou por toda a redondeza do valle.

Os tres homens estacaram, e mecheram as cabeças como se estivessem a olhar em torno de si. Voltaram a cara para um lado e para outro, enquanto Nuñez gesticulava abertamente. Mas elles pareciam não lhe ver o vulto nem os gestos, e d'alli a pouco encaminharam-se para os montes que ficavam ao longe, á direita, gritando como para responder. Nuñez tornou a berrar, uma e mais vezes, e, vendo a inefficacia dos accionados, de novo lhe dominou o pensamento a ideia da cegueira.

—«Estes marotos por força que são cegos,» resmungou elle.

Quando afinal, depois de muito berrar e vociferar, Nuñez galgou uma pontesinha que atravessava a corrente, transpoz um postigo da muralha, e se aproximou dos homens, então é que elle se certificou de que eram cegos. Adquiriu a convicção de que era alli a Terra dos Cegos, de que falava a lenda. E ao mesmo tempo teve a percepção de uma extraordinaria e invejavel aventura. Os tres estavam agora enfileirados, sem olhar para elle, mas com os ouvidos voltados para o seu lado, a ver se os passos extranhos lhes davam a ideia da pessoa. Acotovelavam-se como homens um pouco assustados, e elle já lhes podia ver as

palpebras cerradas e cavadas, como se as orbitas dentro houvessem encolhido de todo.

Tinham no rosto uma vaga expressão de pavor.

«Um homem!» disse um d'elles; n'um espanhol que a custo se reconhecia. «É um homem — um homem ou um espirito — que vem d'alem do lado das rochas».

Mas Nuñez adeantava-se com os passos confiantes de um rapaz que enceta o caminho da vida. Tinham-lhe acudido á mente todas as antigas historias do valle perdido e da Terra dos Cegos, e corria-lhe pelo cerebro, como um estribilho, aquelle velho proverbio:

«Na Terra dos Cegos quem tem um olho é rei».

E saudou-os então com toda a cortezia. Falou-lhes, e foi-os examinando.

— «D'onde vem elle, mano Pedro?» perguntou um d'elles.

— «D'além, das rochas».

— «De lá do alto das montanhas venho eu,» redarguiu Nuñez; «da terra que além d'ellas fica — de uma terra em que os homens vêem. Lá para o pé de Bogotá, onde ha povo ás rebatinhas, onde se pódem ver casas e mais casas...»

— «Ver?» murmurou Pedro. «Ver?»

— «D'onde elle vem,» disse o segundo cego, «é d'alem de traz das rochas.»

Reparou Nuñez que os casacos d'elles tinham os quartos de fazendas diversamente coloridas.

Surprehen-eram-no por um movimento simultaneo para o seu lado, cada um d'elles com a mão extendida. Furtou-se ao avanço d'esses dedos abertos.

— «Aproxima-te,» disse o terceiro cego, seguindo-lhe o movimento e agarrando-o com firmeza.

Seguraram Nuñez e apalparam-no todo, sem dizer palavra no emtanto.

— «Cautela!» exclamou elle, ao sentir um dedo a enterrar-se-lhe por um dos olhos.

Percebeu que elles lhe extranhavam immen-



«CAUTELA!» EXCLAMOU ELLE, AO SENTIR UM DEDO A ENTERRAR-SE-LHE POR UM DOS OLHOS.

so aquelle orgão, com as suas palpebras moveições.

Continuaram ás apalpadelas.

— «Que creatura tão extraordinaria, Correa!» disse aquelle que respondera ao nome de Pedro. «Apalpa-lhe o cabello, como é aspero! Tal qual o pelo de um lhama.

— «Aspero como os rochedos que o cream,» disse Correa, pesquisando com a mão macia e levemente humida o mento de Nuñez, que tinha a barba por fazer. «Talvez fique mais fino depois de crescer.»

Nuñez debateu-se um pouco, para fugir ao exame; mas elles seguraram-no com mais força.

— «Cautela!» repetiu elle.

— «Elle fala,» disse o terceiro cego. «Com certeza que é homem.»

— «Hum!» resmungou Pedro, tacteando-lhe a aspereza do casaco.

—«Vieste então a este mundo?» perguntou Pedro.

—«De lá do mundo é que eu venho. Por montes e por geleiras; lá muito em cima, a meio caminho do sol. D'esse mundo muito grande, que fica lá longe, a doze dias do mar.»

Elles quasi pareciam não lhe prestar atenção.

—«Contavam-nos nossos paes que os homens podiam ser engendrados pelas forças da natureza,» disse Correa. «Saem do calor das cousas, e mais da humidade, e mais da podridão.»

—«Levemol-o á presença dos velhos,» disse Pedro.

—«Mas primeiro grita para prevenir,» disse Correa, «não se assustem as creanças. O enseo é magnifico.»

Com effeito gritaram. Pedro tomou a mão de Nuñez, afim de o conduzir até ás casas.

Elle desviou a mão.

—«Eu posso ver o caminho,» disse elle.

—«Ver?» extranhou Correa.

—«Ver, sim,» affirmou Nuñez, voltando-se para elle, e tropeçando no balde de Pedro.

—«Tem ainda os sentidos imperfeitos,» disse o terceiro cego. «Anda aos tropeções, e diz palavras sem significação. Levem-no pela mão.»

—«Como quizerem,» disse Nuñez, deixando-se guiar por elles, a rir.

Parecia que elles nada entendiam do que era vista.

Deixal-o! A seu tempo elle lh'o explicaria.

Ouviu gritos, e viu um magote de gente que se agglomerava a meio caminho da aldeia.

Achou que lhe excitava os nervos, muito mais do que previra, aquelle primeiro encontro com a população da Terra dos Cegos. Á proporção que se acercava, parecia-lhe a povoação mais extensa, mais exquisitos os variegados rebocos. Cercou-o uma multidão de creanças, de mulheres, de homens, tacteando-o, apalpando-o com as mãos macias e muito sensiveis, cheirando-o, escutando attentos todas as palavras que elle pronunciava. Reparou com prazer que algumas das mulheres tinham um rosto meigo, embora os olhos estivessem cerrados e cavos. Algumas raparigas e creanças mantinham-se a distancia respeitosa, como se elle lhes mettesse medo, e com effeito a voz de Nuñez parecia aspera e rude, comparada com o mavioso das suas falas. Ha-

via apertão em redor d'elle. Os seus tres guias não o largavam com ar de quem tomava conta de propriedade sua, e diziam repetidas vezes:

—«Um selvagem que veiu das rochas.»

—«De Bogotá,» dizia elle. «Bogotá. Lá para a cumiada da serra.»

—«Um selvagem que se serve de termos selvagens,» disse Pedro. «Não ouviram o que elle disse—Bogotá? Tem ainda o entendimento por formar. Mal começa a ter uso de linguagem.»

Beliscou-lhe a mão um rapasito.

—«Bogotá!» disse este em ar de troça.

—«Sim, sim! Uma cidade, ao pé da qual nada vale esta aldeia. Eu d'onde venho é do grande mundo onde ha homens que teem olhos e vêem.»

—«Bogotá é o nome d'elle,» disseram os cegos.

E Correa acrescentou:

—«Elle tropeçou duas vezes enquanto viemos de caminho.»

—«Levem-no lá para dentro aos velhos.»

E de repente atiraram com elle por uma porta dentro, para um aposento escuro como breu, no extremo do qual bruxuleava apenas uma fogueirita. A multidão agrupou-se atraz d'elle, interceptando de todo a claridade do dia, e antes que podesse firmar-se nas pernas, Nuñez estiraçava-se de borco em cima dos pés de um homem sentado. Ao cahir, alongou o braço e bateu na cara de outra pessoa. Ouviu um grito de raiva, e durante um momento estrebuxou entre uma porção de mãos que o agadanhavam. Era uma lucta desigual. Compentrou-se da situação e aquietou-se.

—«Cahi ao chão,» disse elle. «Eu não vejo boia, no meio d'esta maldita escuridão!»

Houve uma pausa, como se as pessoas que o cercavam tentassem perscrutar o significado das suas palavras. Ergueu-se então a voz de Correa:

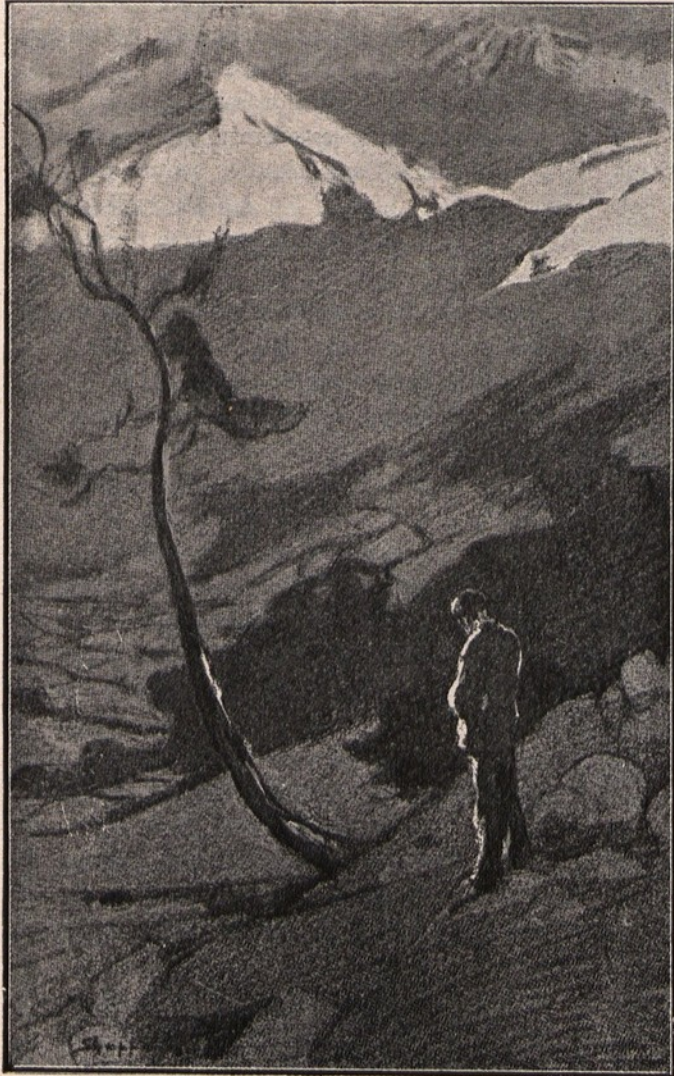
—«Este homem ainda tem muito pouco entendimento. Tropeça a cada passo e mistura na sua linguagem umas palavras que não querem dizer nada.»

Outros acrescentaram varias considerações a seu respeito, que elle mal ouviu ou percebeu.

—«Dão-me licença que me levante?» perguntou elle, n'um intervallo de silencio. «Prometto conservar-me em socego.»

Depois de se consultarem, deram-lhe a permissão perdida.

A voz de um velho começou a interrogá-lo. Nuñez tentou então explicar o que era o mundo de que elle cahira, e o firmamento e os montes e a vista e maravilhas semelhantes, a esses anciãos que na terra dos cegos o interrogavam do meio das trevas. E elles nem acreditavam nem comprehendiam cousa alguma



A CLARIDADE SOBRE AS GELEIRAS E OS CAMPOS DE NEVE ERA A COUSA MAIS BELLA QUE EM SUA VIDA TINHA VISTO

do que elle lhes dizia, caso para elle absolutamente inesperado. Nem sequer ao menos entendiam muitas das suas palavras.

Durante quatorze gerações aquella gente permanecera na cegueira, isolada de todos os videntes. Os nomes de todas as cousas que á vista diziam respeito tinham-se apagado ou mudado de sentido. A historia do mundo exterior desvanecera-se tambem e transformara-se n'um conto de creanças. Aquella gente deixara de ter a minima ligação com as cou-

sas que existiam alem das encostas penhascosas que dominavam a sua muralha de circumvallação. Tinham surgido entre elles cegos de genio, os quaes haviam colligido e perscrutado os farrapos de crenças e tradições que dos velhos tempos de visão restavam ainda, e tinham rejeitado todas essas cousas como fantasias inuteis, substituindo-as por novas e mais positivas noções. Com os olhos tinha-se-lhes enfezado muito a imaginação. E outras ideias novas lhe tinham suggerido o tacto e o ouvido, cuja sensibilidade se exacerbava.

Pouco a pouco foi-se Nuñez penetrando de que não se realizava de improviso a sua esperança de assombro e de veneração pela sua origem e pelas suas faculdades. E depois de se ter mallogrado a sua mesquinha tentativa de explicar aos cegos o que era vista, como a versão confusa de um ente recém-creado descrevendo as maravilhas das suas incoherentes sensações, elle resignou-se, embora um pouco envergonhado, a prestar ouvidos á instrucção que elles ministravam.

Então o decano dos cegos explicou-lhe a vida e a philosophia e a religião, de como o mundo (referia-se ao seu valle) não passava a começo de um buraco vasio nas rochas, e de como tinham primeiro surgido cousas inanimadas sem o sentido do tacto, e lhamas e algumas outras creaturas que pouco sentido possuíam, e mais tarde homens, e por fim anjos, que se ouviam cantar em ñotas requebradas e suaves, mas que ninguem podia tocar, cousa em que muito parafusou Nuñez até lhe occorrer que elles alludiam aos passaros.

Em seguida proseguuiu, explicando a Nuñez de como o tempo se dividia em tempo quente e frio, que eram para os cegos os equivalentes do dia e da noite, e de como cumpria dormir durante as horas quentes e trabalhar durante as horas frias, de forma que n'aquella occasião, se não fora o seu inesperado advento, toda a povoação dos cegos estaria a dormir. Acrescentou que Nuñez devia ter sido especialmente creado para aprender a penetrar-se da sabedoria que elles haviam adquirido, que a sua deficiencia mental e o embotado dos seus sentidos não lhe deviam fazer

perder o animo, que estudasse com afinco e fizesse o possível para aprender. A isto, por toda a gente que estava á porta correu um murmúrio de applauso. Disse depois que a noite—porque os cegos chamam noite ao dia—já ia adeantada, e que era conveniente que todos se recolhessem para dormir. Perguntou a Nuñez se elle sabia que cousa era dormir; Nuñez respondeu que sim, mas que antes de dormir precisava comer. Trouxeram-lhe então alimentos, leite de lhama n'uma tigella, e pão escuro e ordinario, e deixaram-no sósinho para comer á vontade e depois passar pelo somno até que voltassem ao trabalho. Mas Nuñez não poude pregar olho.

De vez em quando desatava a rir, ora de pura galhofa, ora de indignação.

—«Uma intelligencia em via de formação!» monologava elle. «Com os sentidos ainda embotados! Mal sabem elles que estiveram a insultar o rei e o senhor que Deus lhes mandou... O que eu vejo é que tenho de os trazer á razão. Deixa-me pensar. Deixa-me pensar».

E a pensar estava ainda quando o sol se poz.

Nuñez tinha olhos para todas as cousas bellas. Parecia-lhe que a claridade que se espalhava sobre as geleiras e os campos de neve, em derredor do valle, era a cousa mais bella que em sua vida tinha visto. D'essa inacessivel gloria foram-se-lhe os olhos para a aldeia e para os campos irrigados, e de repente alagou-lhe a alma um esto de commoção. Do fundo do coração, agradeceu a Deus o ter-lhe concedido o poder da vista.

De fora da aldeia, sentiu uma voz que o chamava.

—«Eh! Bogotá! Chega-te aqui!»

Ergueu-se a sorrir. Ia mostrar áquella gente, uma vez por todas, quanto valia a vista para um homem. Haviam de andar á procura d'elle sem o encontrar.

—«Trata de te mecher, Bogotá!» disse a voz.

Riu-se para dentro e deu dois passos furtivos para fora do carreiro.

—«Não pises a relva, Bogotá. Isso é prohibido.»

Aos ouvidos de Nuñez mal chegava o rumor dos seus proprios passos. Estacou, pasmado.

O homem que falava veio para elle a correr, pelo carreiro sarapintado de preto e branco.

Nuñez voltou para o carreiro.

—«Estou aqui,» disse elle.

—«Porque é que não vieste logo que eu chamei?» perguntou o cego. «Será preciso que te guiem como se fôras uma creança? Não ouves o carreiro quando andas?»

Nuñez desatou a rir.

—«Até o posso ver,» disse elle.

—«Ver!» replicou o cego, depois de uma pausa. «Isso não é palavra que se entenda. Deixa-te de tolices, e segue o som dos meus passos.»

Nuñez seguiu-o, um pouco despeitado.

—«O meu tempo virá!» disse elle.

—«Sim, has de aprender,» redarguiu o homem. «Ha muito que aprender n'este mundo.»

—«Nunca por aqui ouviram dizer que na Terra dos Cegos quem tem um olho é rei?»

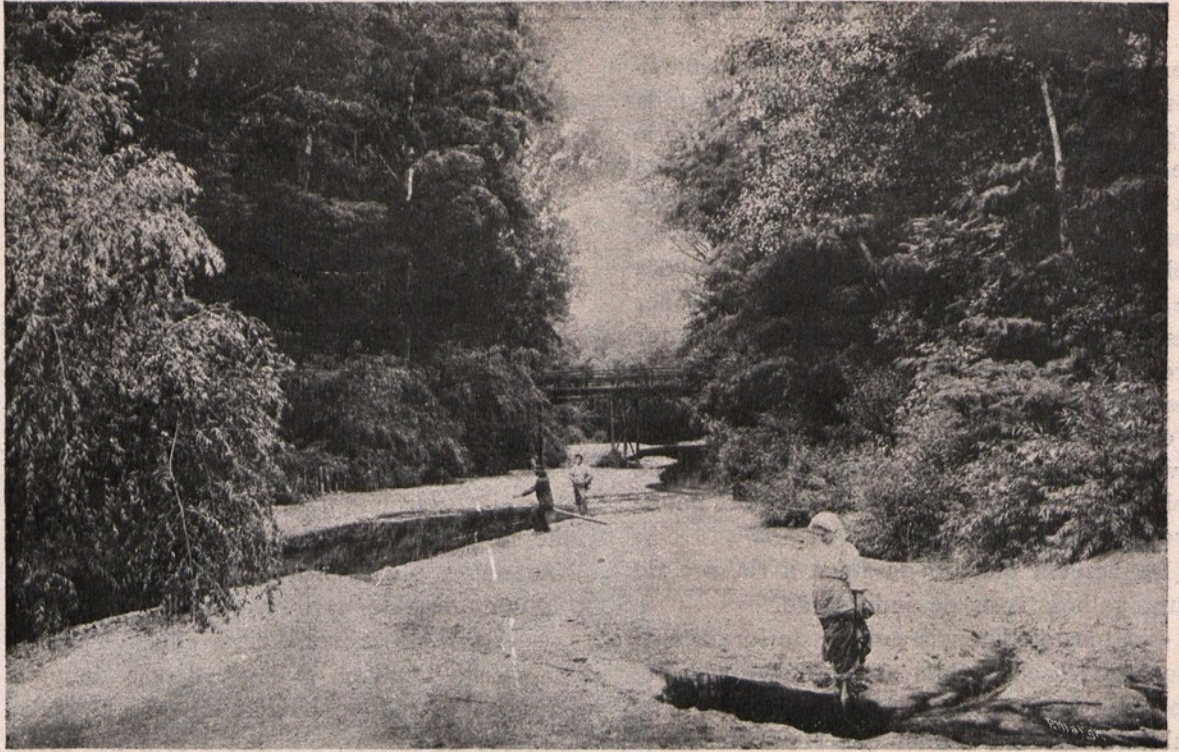
—«Que vem a ser isso de cegos?» perguntou o cego com indifferença, por cima do hombro.

Decorreram quatro dias, e o quinto ainda encontrou o rei dos Cegos no seu incognito, á laia de um forasteiro ignorante e inutil no meio dos seus subditos.

Foi percebendo que era muito mais difficil acclamar-se do que elle suppunha a principio, e entremettes, enquanto meditava no seu golpe de estado, ia-se conformando com as suggestões que lhe davam, e aprendendo os costumes e habitos da Terra dos Cegos. Achou muito maçador isto de trabalhar de noite, e resolveu que seria essa a primeira alteração a fazer.

(Conclue no proximo numero).

H. G. WELLS.



PAISAGEM NO CHOUPAL

A Universidade de Coimbra

II

1537-1772.

Coimbra. Pareceu de acerto a medida, a julgar pelo brilho e desenvolvimento da Universidade pouco depois da sua mudança para Coímbra. Se foi curto o seu período de vida intensa—uns estreitos vinte annos — a transferencia nada podia influir na decadencia rápida, e representou talvez em si, nessa época, uma condição e um motivo de exito, embora ephémero.

Como o antigo Estudo Geral se tinha successivamente desenvolvido, em material e pessoal, desde a ultima mudança para Lisbôa em 1377 — não se tornava agora facil a sua nova installação em Coímbra, onde não havia edificio apropriado bastante espaçoso.

Recorreu-se ao expediente de dividir as faculdades por diversos locais. Provisoriamente, ficaram umas nas aulas dos collegios pertencentes a Santa Cruz, e outras nas casas occupadas pelo Reitor

D. Garcia de Almeida, junto do arco de Belcouce, onde depois foi edificado o collegio de Santo Antonio da Estrella.

Mas logo no mês de setembro se modificou, em parte, este estado de coisas; porque o Rei, declarando ir edificar umas Escolas Geraes, ordenou que as aulas abrigadas nas casas do Reitor fossem installadas, emquanto se não fundavam essas Escolas — nos proprios Paços Reaes. Já então estes eram bem mais vastos do que a primitiva Alcáçova; á antiga construcção românica substituíra-se, por completo, a reconstrucção manuelina, em successivas obras, dirigidas pelo mestre Pero Anes, depois por Marcos Pires, e finalmente pelo architecto Diogo de Castilho.

Ficáram então: nos Paços reaes — as faculdades de Direito Civil (Leis), de Cánones, de Mathematica, a Rhetorica e a Musica; e nos collegios de Santa Cruz — a Theologia, as linguas Latina e Grega, a Medicina e as Artes.

Alem do inconveniente desta separação material dos estudos, o expediente de semelhantes installações trazia uma difficuldade grave, tanto para a adminis-

o reconhecimento de uma verdadeira auctoridade, e até certo ponto o da gratidão devida pelo Estudo português á antiga tradição do mosteiro de Santo Agostinho.

Refiro-me ao privilegio da collação dos graus de *licenciado* e de *doutor*.

Vimos que, desde os primeiros tempos do Estudo Geral, eram os graus conferidos, *auctoritate apostolica*, na Sé da cidade onde o Estudo estivesse — na de Lisboa ou na de Coímbra — pelo respectivo bispo ou pelo seu vigario. Eram estes os *cancellarios*, e na sua presença se verificavam, dentro da cathedral, os actos grandes que precediam aquelles graus.

Effectuada a mudança definitiva da Universidade para Coímbra — houve nisto modificação.

Fôra por D. João III conferida ao segundo Reitor do novo periodo D. Agostinho Ribeiro — a prerogativa da collação dos graus, primeiro em Leis e Medicina, depois em Theologia e Cánones — prerogativa confirmada por cartas apostolicas. Mas não tardou que o mesmo rei, movido de certo por aquelles motivos de reconhecimento, passasse o privilegio para o Prior Geral de Santa Cruz. Já este gosava do privilegio em 1540, isto é — quatro annos antes da passagem das faculdades todas para os Paços reaes.

Com o titulo de Cancellario, conservaram os Piores de Santa Cruz o privilegio da collação dos graus até 1834.

Emquanto as faculdades de Cánones e Leis estiveram nos collegios de Santa Cruz, realizaram-se na igreja do convento os actos grandes. Desde que as faculdades ficaram todas reunidas nos Paços reaes — fôram feitos aqui os actos grandes, regulando-se a collação dos graus da maneira seguinte.

Se o grau era em Theologia, a collação realizava-se na igreja de Santa Cruz, *auctoritate apostolica*.

Se o grau devia ser conferido em qualquer das outras faculdades, *auctoritate regia*, a cerimonia effectuava-se nos Paços reaes, — agora, como vimos, installação privativa da Universidade, por cendencia do Rei.

Mas, como num e noutro caso, era



D. GARCIA DE ALMEIDA

tração da Universidade como para o exercicio do ensino: era a divisão da auctoridade superior entre duas entidades; pois, se nas faculdades e serviços postos nos Paços reaes governava o Reitor, tudo quanto ficára ao abrigo dos collegios de Santa Cruz estava por esse facto sujeito á jurisdicção e governo do Prior dos Cruzios, agora do governador-reformador Frei Braz de Barros, que fundára os collegios de accôrdo com o proprio Rei.

Tanto era delicada de resolver a difficuldade, que só sete annos depois — em 1544, governando a Universidade fr. Diogo de Murça, e passando todas as faculdades para os Paços reaes — fôram estas reunidas sob a auctoridade unica do Reitor, tudo sempre de accôrdo com o reformador de Santa Cruz — Frei Braz de Barros. Já, porem, o superior de Santa Cruz passára a exercer uma funcção que, embora exterior e formal, representava

sempre o Prior cancellario quem o conferia, na presença do Reitor, doutores, mestres, etc. — tinha de haver cortejo de um para outro ponto. No primeiro caso, a comitiva do Reitor, com o graduando theologo, descia dos Paços á igreja. No segundo — era a comitiva do D. Prior cancellario que se dirigia, burgo arriba, para os Paços reaes.

E, duma e doutra vez, a velha cidade assistia a uma curiosa cavalgada, cheia de character, de pittoresco, e certamente de episodios comicos, em que doutores ou conegos regrantes, officiaes, bedeis, pagens e fidalgos, montando uns as mulas ajaezadas, outros, cavallo de parada — tudo ladeado de moços e escudeiros, e precedido de atabales e trombetas — iam celebrar o acto da mais pacifica investidura com uma solemnidade tradicionalmente cavalleirosa, ainda no fio do costume medieval da imposição das armas.

Em si, o acto revestia cerimonial identico ao actual, cabendo então ao Cancellario as funcções e prerogativas hoje do Reitor.

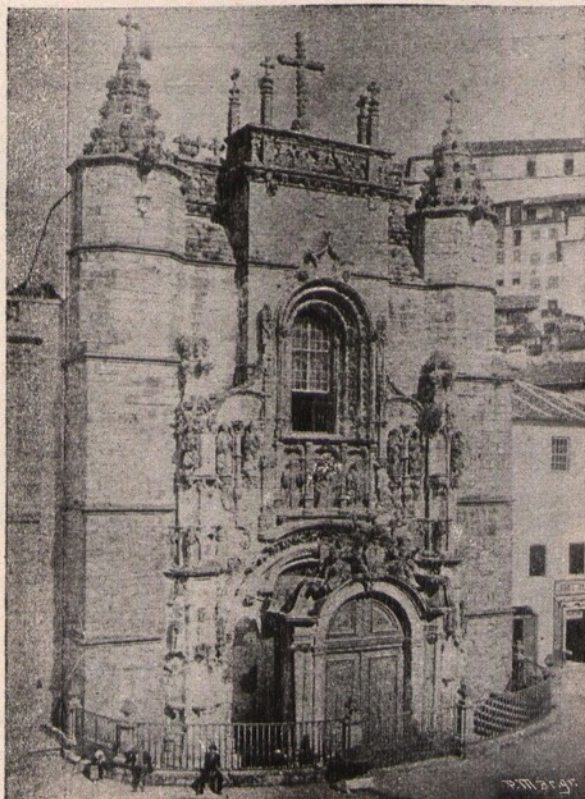
Mas se pode offerecer curiosidade a historia das installações da Universidade, assim como despertaria interesse uma descripção mais miuda dos cortejos e cerimoniaes usadas — o que sobretudo importará será notar a vida interna do nosso Estudo Geral, exactamente no momento em que ia attingir o mais alto grau de brilho e de valor, embora por pouco tempo.

Como fôram conservados por D. João III nas suas disposições fundamentaes, os Estatutos de D. Manoel, não voltarei a descrever o quadro das sciencias e das artes professadas na Universidade. Mas não posso deixar de mencionar a divisão e disposição dadas a todos esses estudos com a criação dum novo instituto, a que a Universidade deveu largas vantagens — até que tivesse de o ver convertido na mais terrivel das armas voltadas contra as suas proprias condições de vida.

Refiro-me ao Collegio das Artes.

Depois de existirem os collegios de ensino e os collegios-pensões que descrevi, e estabelecidas já todas as faculdades nos Paços reaes — foi ainda assim

reconhecida a necessidade de crear esse novo collegio, destinado ás Artes e Humanidades, isto é: pouco mais ou menos ao que hoje chamariamos prepara-



EGREJA DE SANTA CRUZ

torios, instrucção secundaria — até ahi dada com as faculdades.

Ficou assim feita nitidamente a distincção, entre as Escolas Maiores ou das faculdades, e as Menores — ou Artes; constituindo, comtudo, umas e outras, o todo moral, ou corpo universitario.

O *Collegio das Artes* principiou a funcionar em 1548, em casas dos collegios de S. Miguel e de Todos os Santos, junto a Santa Cruz.

Só mais tarde, no tempo do Cardeal regente, á volta do anno de 1558, foi o *Collegio das Artes* transferido para casa de proposito edificada (onde é hoje o hospital da Universidade). O primitivo *Collegio das Artes* começou a funcionar independente, na sua administração, da jurisdicção e governo do Reitor da Universidade. Mas esteve assim pouco tempo. Logo em 1549 foi incorporado no governo da Universidade, sem que disso parecesse advir inconveniente.

Foi primeiro Reitor ou principal do *Collegio das Artes* o dr. André de Gouvêa, irmão de Marçal e de Antonio de Gouvêa; a sua direcção logo se tornou notavel pela alta superioridade com que organizou alli o ensino, secundado pelo grupo escolhido de professores vindos com elle de Paris — João da Costa, Diogo de Teive, André de Resende, Melchior Belliagio — e pelos professores estrangeiros Jorge e Arlando Buchanan (escoceses), Elie e Jacques, francêses, entre outros.

Nas faculdades maiores não era menos brilhante o concurso de dotuores e



D. JOÃO III

professores. Assim, na Theologia apparecem-nos: o Dr. Affonso do Prado, o Dr. Francisco de Masson, já da Universidade de Lisboa, este, Frei João Pedro, Martinho de Ledesma, Antonio d'Alfonseca, Marcos Romeiro; nas cadeiras de Cánones: o famoso Dr. Aspilcueta Navarro, tão desejado para Portugal, quando ensinava em Salamanca, que D. João III metteu por empenho, a fim de o trazer cá, o proprio imperador Carlos V, depois de valiosas promessas feitas ao rogado professor; Morgovejo, tambem de Salamanca, Luis de Alarcão, Manoel

d'Andrade, etc; em Leis, entre os seus 18 professores, o Dr. Gonçalo Vaz Pinto, ainda da Universidade de Lisbôa, Manoel da Costa o *subtil*, vindo de Salamanca, Fabio Arcas Armanio, vindo de Roma.

Se a Medicina abriu com um unico professor — o Dr. Henrique de Cuellar — teve depois Thomaz da Veiga, Antonio Barbosa, Affonso Guevara, e o afamado Rodrigo Reynoso.

A cadeira de Mathemathica foi regida de começo pelo celebre Pedro Nunes, já professor de Artes e Reitor em Lisbôa, e que ainda regeu aquella cadeira no reinado de D. Sebastião.

Dentro de pouco tempo, a Universidade de Coímbra attrahia tamanha concorrencia, que nem o tempo nem o espaço chegavam para dar entrada a quantos queriam ouvir mestres tão conhecidos. Tornou-se necessario que, alem dos professores effectivos, viessem reger cursos extraordinarios outros doutores, visto permittirem-no os Estatutos manuelinos em vigor; para a época das ferias do verão foram creadas duas cadeiras em cada faculdade, com salário especial de professores para esse periodo de férias.

Emfim, pediam-se então aulas com o mesmo furor com que hoje se pedem feriados!

E era tal a abundancia de homens habilitados ao ensino pela nossa Universidade, que Portugal teve de exportar professores, a convite das outras nações.

Exodo glorioso este dos doutores de Coímbra do seculo XVI!

Por toda a parte os encontrariam; em Salamanca, em Paris, em Roma, em Louvain, Pisa, Bolonha, Montpellier etc.

Parecendo ter ainda a consciencia de quanto valia essa instituição, cuja mudança para Coímbra tão diligentemente ordenára — o Rei D. João III não ficou estranho ao entusiasmo espalhado durante os primeiros doze annos, e quiz honrar a Universidade com a sua visita e de toda a familia real, no anno de 1550. E tão grande era a distancia e a altura a que a Universidade de Coímbra estava, comparada com o antigo Estudo de Lisbôa — que a sua corporação recebeu o rei como receberia um fundador.

E comtudo o período d'esta existencia



EVORA — EDIFÍCIO DO LYCEU, ONDE ESTEVE A UNIVERSIDADE

brilhante e fecunda não alcançou vinte annos!

Como explicar então a sua decadencia?

Alem das causas geraes da decadencia nacional — pode ella explicar se por duas influencias funestas, cuja eclosão e desenvolvimento prendem, em grande parte, com o feitio e caracter do proprio Rei — «imbecil ou ignorante, em todo o caso fanatico» — como escreveu Herculano.

Essas duas influencias fôram a da Inquisição — tribunal introduzido em Portugal pela bula de 23 de maio de 1536, de Paulo III, a instancias de D. João III; e a da Companhia de Jesus, introduzida no país em 1540, tambem a pedido do monarcha.

Não é necessario estar animado do espirito de hostilidade que verte do *Compendio historico* para attribuir aos Jesuitas a parte principal no desbarato da nossa gloriosa Universidade do século XVI. Isto

sem golpe nas qualidades e talentos de individuos pertencentes á Companhia, e que tambem pertenceram, alguns, ao corpo universitario.

Foi de consumada habilidade e astúcia o plano de ataque concebido e executado contra a Universidade pela Companhia de Jesus.

Podemos encarar lo sob três aspectos, que correspondem aos campos e meios de acção escolhidos pelos persistentes inimigos; a) — conquista dos elementos de ensino existentes; b) exigencias de ordem economica; c) criação de instituições concorrentes.

Começam pela conquista do *Collegio das Artes*, que logo em 1555 lhes é forçadamente entregue por Diogo de Teive, em vista da carta régia de 10 de setembro desse anno. E tomam o centro do ensino secundario e preparatorio já com a mira na conquista do ensino superior.

Como este, no emtanto, se encontra ainda cheio de prestígio e de força, tra-

tam de obter a separação das Artes menores das Maiores, isto é, de obter que o *Collegio das Artes* volte a ser da independente jurisdição universitária, para o tornarem bem *seu*, e de sua feição. Até que, conseguido o monopólio do ensino secundario, a par de medidas crescentemente restrictivas das liberdades e prerogativas do antigo Estudo — obtenham a admissão dos seus examinados e alumnos aos graus universitarios, sem juramento nem propinas; e depois: a equiparação dos religiosos da Companhia, embora graduados fóra da Universidade, aos graduados desta, e a condição, imposta aos estudantes de Cánones e Leis, de apresentarem sempre, para a sua matricula nessas faculdades, certidão passada pelo *Collegio das Artes*.

Quando, porém, já de fóra e de modo indirecto, assim chegam a dominar para dentro da Universidade, tanto andam e intrigam, que conseguem de novo reunir as Escolas Menores com as Maiores, como estavam antes da sua campanha insidiosa.

Para que as teriam, agora, separadas, se umas e outras lhes iam pertencendo?

Era de tão habil tactica unir n'esta altura os elementos conquistados, como o fóra separá-los para os arrancar aos professores antigos, prestigiosos e livres.

E estes, os que restavam, dos bons, o que faziam?

Entre as medidas regias, inspiradas pelos Jesuitas, e as ameaças e perseguições da Inquisição, não lhes restava meio de defêsa. Retiravam-se uns, submettiam-se outros, calavam-se todos, ou abafavam a voz. Eram convincentes os exemplos de severidade e mortificação a que se tinham sujeitado os mais independentes e altivos de espirito.

A expulsão, a ruína e a exautoração figuravam no numero dos mais brandos. Lá viriam o cárcere e a fogueira, e, como expedientes para colher as victimas, a delação, a calumnia, a bisbilhotice sinistra dos fieis.

Tantas vezes, depois, oppostas e rivaes, as duas instituições — Companhia de Jesus e Santo Officio — auxiliavam-se de começo na mais monstruosa, vil e esterilizada obra de destruição.

Mas notei, até aqui, apenas um dos meios de que os jesuitas lançaram mão: a conquista dos elementos de ensino preexistentes.

Uma outra medida — a de ordem economica — foi a imposição, á Universidade, da despesa com a sustentação dos mestres do *Collegio das Artes*, que dantes eram pagos pelas rendas da Fazenda real.

O terceiro dos passos mais importantes dos Jesuitas, nesse caminho de conquista, consistiu na criação da Universidade de Evora — dotada, de princípio, com singulares garantias, embora lhe não fosse dado um quadro completo das faculdades.

Carecendo de espaço para desenvolver estes pontos, quero comtudo indicar as datas que primeiro marcam e balisam o período de decadencia da Universidade.

Data, como disse, de 1555 a entrega do *Collegio das Artes* á Companhia de Jesus. Foi ainda obra de D. João III, assim como a separação do Collegio, sanccionada por uma provisão de 1557. Pouco depois, logo em junho deste anno, morria o monarcha piedoso, de certo em plena paz de consciencia por ter começado a destruir na terra portugüesa perigosas vegetações de pensamento, cuja seara elle proprio parecera ter querido ver medrar. As outras medidas, alcançadas pela perseverança dos Jesuitas, são já dos reinados seguintes.

Corria a regencia da rainha D. Catharina quando se realizou a abertura solemne da Universidade de Evora.

Pertencem tambem a esta regencia da rainha viuva tres alvarás — dois de 1560, outro de 1561 — contendo os privilegios principaes concedidos ao ensino do *Collegio das Artes*.

Com o governo do Cardeal regente a Companhia entra em pleno período de prosperidade, ao mesmo tempo, é claro, que a Universidade vae declinando, como continuará a declinar durante o reinado de D. Sebastião, e durante o curto reinado desse fraco e lúgubre D. Henrique.

Em taes condições, não havia Estatutos nem actos regulamentares que pudessem valer á Universidade, a diminuir sempre, a mirrar-se dia a dia.

Em todo o seu melhor período, depois da transferencia para Coímbra, regeira-se ella ainda pelos Estatutos de D. Manuel — os *terceiros* na ordem historica, pois, á parte algumas provisões e ordens regias avulsas, não quizera D. João III ordenar novos Estatutos.

Mas, embora deixassem muito a de-sejar, com estes não levára a Universidade muito tempo a attingir uma elevação superior á de toda a sua historia.

É que, se eram incompletos, os Estatutos manuelinos não eram oppressivos. Deixavam ainda entrar para dentro ar e luz — esse ar e essa luz da Renascença, que fecundavam e reanimavam, onde penetrassem.

A liberdade era, como sempre, a melhor garantia de desenvolvimento e de actividade creadora.

Nesses dezoito annos de maior brilho não se fizera sentir peso nem sombra de intolerancia.

Por isso mesmo se não tornava necessario mexer na Lei reguladora.

Pois em compensação, pouco depois de começar a invasão teimosa por parte da Companhia — logo em 1559, e d'aqui até 1612, num período de 53 annos apenas, apparecem nada menos de cinco reformas da Universidade, traduzidas noutros tantos corpos de Estatutos.

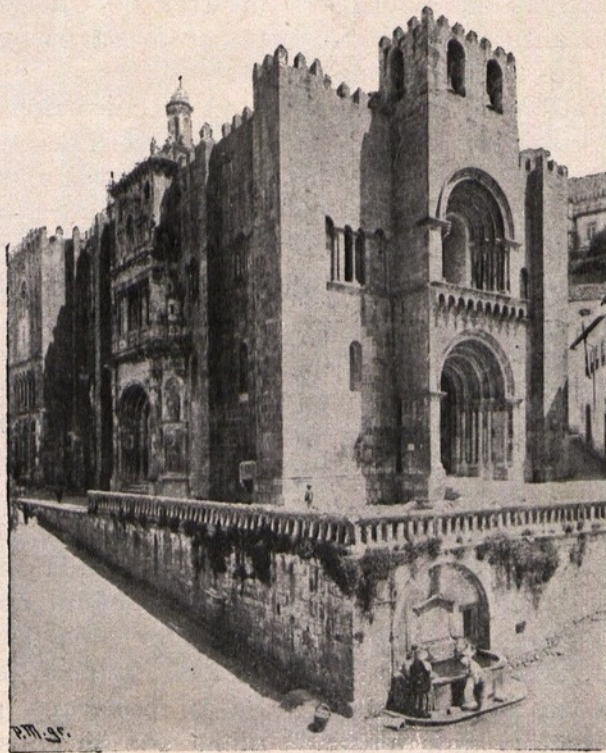
Explica-se.

Cada reforma representava novo passo e nova conquista da Companhia que contou muitas pessoas affectas entre Reitores, Reformadores e Visitadores da Universidade, a seguir ao primeiro golpe —

(*Continua*).

a invasão do *Collegio das Artes*. Essa serie de Estatutos, dos quaes uns eram impostos, outros acceitos de melhor ou peor feição pelos professores, figuram com as datas seguintes: 1559 (são os 4.^{os} Estatutos), 1565 (5.^{os} Estatutos), 1592 (6.^{os} Estatutos), 1597

(7.^{os} Estatutos) 1612 (8.^{os} Estatutos). De toda a série, apenas especializarei os de 1592, os *sextos*, não só pela difficil e longa gestação que tiveram, mas por dois outros motivos: reorganizaram o estudo das Artes, que ficou com quatro cadeiras, compostas de divisões e subdivisões aristotelicas — desse Aristoteles herdado da Idade-media, e ainda complicado; e fôram os primeiros que se deram á estampa, saindo impressos em Coímbra no anno de 1593, na officina de Antonio de Barreira, impres-



SÉ VELHA DE COIMBRA

sor da Universidade.

Ao longo deste período de mais de meio século, e do periodo seguido até D. João V que comprehenderam o reinado de D. Catharina, a regencia de D. Henrique, o reinado de D. Sebastião, o do Cardeal, o dos Filippes, e os dos três primeiros Braganças — nada temos a registar de util e de proficuo para a existencia interna da Universidade.

A orientação e o regime do ensino secundavam e completavam a obra dos Estatutos successivos — a crescente submissão da Universidade ao dominio e aos fins da Companhia. Era o progressivo enfraquecimento e adulteração do espirito e dos processos de verdadeira aquisição scientifica.

MANOEL DA SILVA GAYO



O João Mandrião

VIVIA em certa aldeia uma viuva mais um filho, já crescido.

Eram muito pobres, e ella passava os dias e as noites a fiar, mas o rapaz não trabalhava, e só queria estar deitado ao sol, de papo para o ar, quando fazia bom tempo, ou acorçado ao canto do borralho, quando fazia muito frio. Por isso toda a gente lhe chamava o João Mandrião. A viuva já estava cansada de ralhar com o filho, até que n'uma segunda-feira lhe disse que ou elle tratava de procurar vida, ou ella o punha de vez pela porta fóra.

O rapaz disse que sim, comtanto que n'aquelle dia ainda podesse descansar.

E na terça-feira levantou-se mais cedo — não eram ainda onze horas — e depois de almoçar foi offerecer-se a um visinho, que era carroceiro. O visinho ia fazer um frete e levou-o consigo, para ajudal-o a descarregar as carroças. Por fim deu-lhe um vintem pelo trabalho. O João nunca tinha tido de seu tanto dinheiro e voltou para casa muito alegre, atirando com a moeda ao ar, ate que, passando uma ponte, pespegou sem querer com o vintem para dentro da agua. Disse a mãe ao filho, quando o viu muito desgostoso:

— Quem te mandou ser pateta? Devias ter guardado o vintem na algibeira.

Respondeu o João:

— É o que faço para a outra vez.

Na quarta-feira o rapaz conchavou-se com um lavrador, que andava a tirar pipas da adega. Á tarde recebeu em paga um cantaro de vinho, e despejou-o para dentro da maior algibeira que tinha no casaco, e foi sempre a entornal-o desde alli até a casa.

— Tu és os meus peccados, gritou-lhe a mãe. Porque não puzeste o cantaro á cabeça?

Respondeu o João:

— É o que faço para a outra vez.

Na quinta-feira foi trabalhar para um casaí, onde estavam fazendo queijos, e á tarde só lhe deram de jornal um queijinho, que por signal ainda estava muito molle. Quando foi para casa, pol-o á cabeça, e como fazia calor o queijo derreteu-se todo e escorreu-lhe pela cara e cabello. A mãe disse lhe muito zangada:

— Estás cada vez mais asno. Na mão é que o devias trazer.

Respondeu o João:

—É o que faço para a outra vez.

Na sexta-feira foi ajudar uma velha, que se estava mudando. O mais que ella tinha eram gatos e disse-lhe afinal:

—Olha, filho, só te posso dar a minha Malteza. Outra coisa não tenho.

E o rapaz aceitou e foi para casa com a gata segura nas mãos, até que um cão saltou para elles a ladrar, e fez a gata assanhar-se e fugir.

—Valha-te Nossa Senhora! — disse a viuva. A bichana fazia tão bom arranjo, por causa dos ratos! Devias tel-a trazido atraz de ti, amarrada com uma corda.

Respondeu o João:

—É o que faço para a outra vez.

No sabbado foi ajudar a matar um porco e o dono deu lhe em paga, sabendo da pobreza em que elle vivia mais a mãe, uma cabeça de porco. E vae

o João amarrou-o muito bem com uma corda e levou-a de rojo por cima da lama e da sujidade, batendo com ella tanta vez nas pedras do caminho que se perdeu a carne quasi toda. A mãe disse mais zangada do que nunca:

— Assim estragaste o jantar de amanhã! Devias trazel-a ás costas, grande parvo!

Respondeu o João:

—É o que faço para a outra vez.

Na segunda feira seguinte foi ajudar um burriqueiro e esteve lá até ao sabbado e por isso o homem lhe deu um burro. Custou-lhe muito a pol-o ás costas, mas por fim lá se arranjou, tendo primeiro o cuidado de tirar o chapéu e o casaco e de os pôr no burro, para não se estragarem debaixo da

carga. Quando ia andando muito ajoujado, passou á porta de um ricaço que tinha uma filha surda-muda. Ora os doutores diziam que para ella ouvir e fallar outra vez, bastava que dêsse uma grande gargalhada, coisa que ainda ninguem tinha podido conseguir. A menina estava á janella quando viu o burro de pernas muito espetadas, escarranchado como gente nas costas do rapaz, e desatou a rir, a rir, e logo alli mesmo ficou falando e ouvindo. O pae parecia doido de alegria e, para cumprir uma promessa que tinha feito, casou a filha com o rapaz.

Aqui teem como o João Mandrião enriqueceu e se fez pessoa importante. A mãe foi para casa d'elle e chegou até muito velha, sem nunca dizer aos netos que o pae se tinha chamado João Mandrião.





É esta uma secção permanente, aberta pelos Serões, onde terão cabimento todos os problemas de diversas índoles que possam exercitar as faculdades do raciocínio. Os Serões convidam os seus leitores para n'ella collaborarem com quaesquer problemas, enviando-nos desde logo as respectivas soluções, por isso que a redacção não aspira, por falta de tempo, ao justo orgulho de as encontrar. Afim de comprehenderem bem a índole das questões que especialmente nos conveem, continuamos n'este numero o interessante artigo sobre o que vulgarmente se chama perguntas de algibeira, muitas das quaes são verdadeiramente intrincadas.

Fique bem assente no entretanto que não é propriamente com charadas, enigmas e logogriphos que pretendemos encher esta secção, embora um ou outro d'esses exercicios de raciocínio se possa impôr á nossa attenção pela sua originalidade e pelo seu engenho. Pelo artigo que hoje continuamos n'esta secção e pelos problemas que apresentamos sob o titulo «Para Scismar», perceberão melhor os leitores quaes sejam os nossos desejos, conformes, queremos crer, aos seus interesses intellectuaes.

Perguntas de algibeira

«SOLVITUR AMBULANDO»

Ha problemas que teem o privilegio de irritar os nervos por causa da difficuldade real que se occulta sob a apparente facilidade. Tal é o seguinte:

«Se tres serpentes, formando circulo, desatarem a engulir-se umas ás outras, começando pela cauda, parece que o circulo deve diminuir gradualmente de diametro. Até que ponto irá parar por este processo, e que succederá ás cobras?»

O leitor que parafuse no caso, se estiver para isso.

A este problema se pode dar uma resposta analogá á famosa resposta dada por um rabugento ao celebre philosopho grego Zenon. Pretendia este engenhoso casuista provar que não

existia movimento, e a sua argumentação era a seguinte:

«Todos os corpos devem estar n'um ponto ou n'outro. É impossivel que um corpo esteja ao mesmo tempo em dois sitios, portanto é impossivel que haja movimento.»

Parecia, e ainda parece, o argumento irrefragavel. Mas a resposta do tal sujeito impaciente *solvitur ambulando*, «a solução é andar», é talvez afinal a melhor de todas as soluções. Quer dizer, em vez do raciocínio, a experiencia que resolve o caso.

Muito semelhante a este é aquelle velho enigma grego do veloz Achilles e do Kágado. Ao passo que o Kágado vence a muito custo dez metros, Achilles deixa cem metros atrás de si. N'uma corrida de velocidade entre os dois, Achilles dá ao Kágado cem metros de

partido, e n'essas condições teimavam os escolasticos que Achilles nunca poderia alcançar o seu pachorrento competidor. «Porque», diziam elles, «quando Achilles completou os seus cem metros, o Kágado tem dez metros de deanteira. Emquanto Achilles percorre esses dez metros, adeanta-se o Kágado mais um metro. Ao tempo em que Achilles venceu esse metro, ainda o Kágado tem um decimetro de vantagem. Quando Achilles avançar mais esse decimetro, está o Kágado um centimetro adeante d'elle. Por esta forma, o raciocinio pode prolongar-se infinitamente, demonstrando com a maior evidencia possivel que, apesar da velocidade superior, Achilles ha de ser sempre distanciado pelo Kágado.» É claro que na argumentação ha de haver uma falha, por isso que na pratica a conclusão é sem duvida opposta. É o caso do *solvitur ambulando*.

ATÉ AO INFINITO

É de natureza identica o seguinte problema :

«Um sujeito, que deve dez mil réis a outro, promette pagar segundo as seguintes condições. No primeiro mez dá-lhe cinco mil réis, no segundo dois mil e quinhentos, no terceiro mil duzentos e cincoenta, e assim successivamente, sendo cada pagamento igual a metade da importancia do precedente. Suppondo-se que o devedor tem sempre maneira de dar o equivalente exacto de cada prestação, em quanto tempo se realisará o pagamento total da divida?»

Mathematicamente, a resposta é *nunca*. Se fizerem a conta, verão que no fim do anno, a divida ainda monta a dois reaes e uma fracção inferior a metade. Se as prestações continuarem a ser feitas segundo a mesma proporção, e o credor e o devedor viverem até ao dia do juízo final, ainda n'esse momento não estará saldada a divida, por infinitissima que seja a differença a favor do credor.

Ha quem diga que os burros são animaes intelligentissimos, talvez ainda levando vantagem aos cães. Mas, se dermos credito a certos adeptos da logica impreterivel, o celebre burro de Buridan, collocado entre duas medidas de cevada exactamente eguaes e exactamente á mesma distancia do seu focinho, devia morrer de fome. Com effeito, não se offerece ao espirito d'aquelles sujeitos razão sufficiente para que o burro preferisse a medida da direita á da esquerda, ou vice-versa.

E n'estas condições o pobre do animalzinho seria victima das suas faculdades logicas. Mas nós estamos persuadidos que, por mais burro que fosse, elle mandaria a logica á fava, e não permaneceria n'um estado de equilibrio instavel senão o tempo absolutamente preciso para se compenetrar da situação.

CALCULOS CURIOSOS

Ha outra especie de perguntas que levam a resultados curiosissimos, explicando de um modo perfeitamente simples e natural muitas das pretendidas coincidencias extraordinarias que maravilham as almas simples. Por exemplo :

«Como se prova que existem no mundo duas pessoas, pelo menos, que teem na cabeça exactamente o mesmo numero de cabellos?»

Calcullem pelo alto o maximo numero de cabellos que podem crescer na cabeça de um individuo. Um milhão já é um numero consideravel, mas, para não haver duvidas na cadeia da argumentação, supponham mesmo que se possam contar dez, cem milhões de cabellos n'um toutiço humano. Ainda assim ficarão muito abaixo do numero que representa a população total do mundo. Admittido isto, está provada a asserção. Basta que o numero de individuos exceda em dois a mais exorbitante avaliação do numero de cabellos existentes em uma cabeça, para que haja pelo menos dois individuos com o mesmo numero de cabellos exactamente. Ainda suppondo que existe um individuo careca como uma bola de bilhar, e que ha cem milhões d'elles que possuem desde um cabelo até cem milhões, a cabeça do segundo homem que excede os cem milhões, deve egualar em numero de cabellos alguma das incluídas n'esses cem milhões.

Por forma identica se provará o erro dos naturalistas, quando affirmam que a natureza nunca faz dois objectos absolutamente eguaes, quer sejam folhas de plantas quer caras de gente. O ponto é mostrar que as differenças, existentes entre as folhas ou entre as caras, são menos que o numero total de folhas ou de caras que ha no mundo. Note-se que a população do mundo, n'um dado momento, sobe a um numero respeitavel de centenas de milhão. Se considerarmos o numero de entes humanos que hajam vivido, supponhamos, durante os ultimos mil annos, chegaremos a

numeros tão elevados que a imaginação mal os concebe. É indubitavel que esse numero ha de exceder muito quaesquer differenças perceptíveis aos nossos deficientes sentidos— n'um objecto de tamanho tão limitado como uma cara humana. Por conseguinte, a conclusão inevitavel é que cada individuo possui ou possuiu no passado um duplicado da sua pessoa, pelo menos, provavelmente muitos, absolutamente identicos no aspecto. Por extraordinaria que esta conclusão nos pareça, não ha meio de fugir á convicção de que ella não é um simples capricho de fantasia, mas uma verdade positiva. Veja-se como este factio tem sido aproveitado pelos escriptores de obras de imaginação, e repare-se como é frequente apparecerem nos tribunaes casos de erro de identidade.

ARMADILHAS AO PENSAMENTO

Supponham que um cavallo e uma vaca estão deitados em diferentes pontos de um campo que tem de comprido o dobro da largura. Qual será a differença entre a maneira por que os dois animaes se levantam? Experimentem fazer esta pergunta a um amigo lavrador, e vejam se encontra sem hesitação a resposta, por mais intelligente e vivo que seja. E no emtanto ella é simplicissima: ainda que o campo tenha de comprido cincoenta vezes a largura, o cavallo levantar-se-ha primeiro nas patas deanteiras, e a vaca nas trazeiras, sem se importarem nada com as dimensões do campo.

Menos desculpa terá o lavrador que succumba á anterior pergunta mystificadora, do que o relojoeiro de aldeia que caia na seguinte esparrela. Conte-lhe o leitor que ha pouco fez

encommenda de uma corrente de relógio, mas que, devido a qualquer equivoco, o ourives forneceu, não uma corrente completa, mas seis pedaços contendo cada um quatro elos para a cadeia. Deseja o leitor que lhe unam esses pedaços; se o relojoeiro quer encarregar-se d'esse trabalho, pagar-lh'o-ha á razão de um tostão por cada elo que elle abrir, e outro tostão por cada elo que elle fechar. Se elle estiver de accordo, pergunte-lhe qual é a importancia total.

Segundo todas as probabilidades, elle responderá immediatamente: «Dez tostões», explicando-lhe que para unir as secções elle terá que abrir e fechar pelo menos cinco elos. «Não lha tal!» replicará o leitor. «Se eu lhe pagar conforme as condições propostas, não tenho que lhe dar mais de oito tostões».

Se elle fizer questão, o leitor tratará de lhe mostrar que, caso elle pegue n'uma das secções e abra os quatro elos de que ella é formada, bastarão elles para unir n'uma cadeia as restantes cinco secções. Elle não terá remedio se não admittir que a razão está da parte do leitor.

Muitas perguntas terão igualmente resposta prompta, a qual, conforme o desejo do mystificador, será erronea.

Entre ellas ha aquella velhissima: «Quem é o pae dos filhos de Zebedeu?» Uma da mesma familia se costuma fazer em Inglaterra: «Noé teve tres filhos, Sem, Cham e Japhet. Quem foi o pae d'elles?» E outra tambem curiosa é a seguinte: «Quem foi o matador de Caim?» Qualquer pessoa desprevenida responderá quasi invariavelmente: «Abel». É espantosa a quantidade de gente, aliás esperta que deixará de dar a devida resposta ás perguntas antecedentes, quando enunciadas com rapidez e a serio.

Para seismar

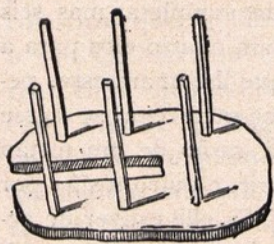
ADIVINHAR UM NUMERO

Maneira de atralhar as pessoas, com um numero de tres algarismos.

Peçam a um amigo que ponha um numero d'esses no pensamento. Digam-lhe que inverta a ordem dos algarismos, e que subtraia o menor do maior. Suppunhamos que elle pensou no numero 487, que invertido dá 784: o resto

será portanto 297. Agora o ponto é o seguinte: Depois de elle ter feito as operações indicadas, peçam-lhe que lhes diga o ultimo algarismo do resto. Immediatamente lhe poderão declarar qual é esse resto. É facillimo; porque o algarismo do meio deve ser sempre 9, e a somma dos dois outros deve ser tambem 9. Assim, sendo o ultimo algarismo 7, no exemplo acima, o primeiro será forçosamente 2.

AS SECÇÕES DA BATATA



A figura junta representa uma fatia de batata, de feitiço especial na qual se espetaram seis phosphoros.

Trata-se de a pôr em cima da mesa, e com uma faca fazer dois córtes em linha recta, de forma que se reparta a batata em seis pedaços, ficando em cada um d'elles um dos phosphoros espetado.

O DIAMETRO DE UMA ESPHERA

Ora vamos lá a ver se ha quem resolva o engenhoso problema que vamos apresentar, envolvendo principios de geometria e de physica.

Supponham que teem deante de si uma esphera, uma bola de bilhar por exemplo, e que precisam determinar-lhe o diametro. Não querem riscal-a, nem podem fazer uso do compasso. N'estas condições, como hão de resolver o intrincado problema?

Esperamos as respostas dos estudiosos.

UM TESTAMENTEIRO ATRAPALHADO

Isto de testamentos extravagantes é coisa tão vulgar em problemas, que chega a gente a supôr que os mortos ficam na outra vida a regular-se de pôrem os vivos difficuldades. Mas casos ha em que é a sorte quem cria terriveis embaraços. Aqui teem um exemplo:

Um patusco endinheirado morreu, deixando

a viuva em vespervas de lhe dar um herdeiro. (Isto, já se vê, aconteceu n'uma terra onde havia para testar a maxima liberdade). Aberto o testamento, reconheceu-se que continha, em resumo, as seguintes disposições:

Se o filho que estava para nascer fosse varão, ficaria este com dois terços da fortuna, restando para a viuva um terço. Se acaso pelo contrario fosse femea, o testador destinava á viuva dois terços da fortuna, reservando para a filha o terço restante. Succedeu um caso inesperado: nasceram dois gêmeos, um rapaz e uma menina. Afflicções do testamenteiro!

Como é que n'estas condições deve ser repartida a herança, para corresponder á vontade do testador?

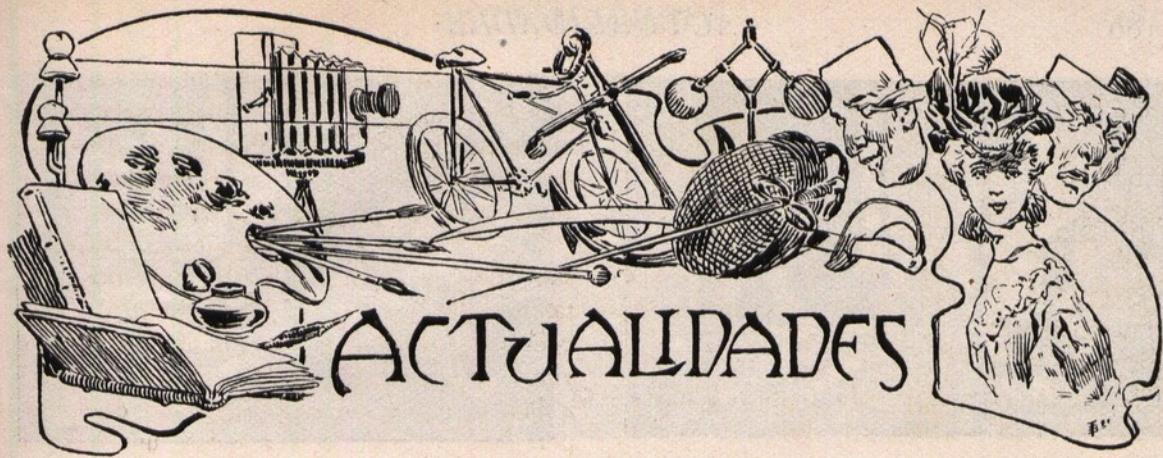
QUAL É O PARTIDO?

Conheço tres amigos, Antonio, Bernardo e Carlos, que se reúnem ás noites n'um club, onde se entreteem a jogar o bilhar. Mas são de força desigualissima. O Antonio, quando joga com o Bernardo, dá-lhe 30 de partido ás 50. O Bernardo, quando joga com o Carlos, dá-lhe partido igual. É claro que o Carlos nunca se atreveu a medir-se com o Antonio, tal é a differença entre as suas forças. Mas de uma vez que se encontram os dois sósinhos, o Antonio propõe uma partida. O Carlos acceita, com a condição que o partido seja equitativo, segundo a proporção determinada pelos numeros acima. Qual será n'este caso o partido que o Antonio deve conceder ao seu humilde parceiro?

N'um dos numeros seguintes, trataremos das soluções dadas pelos nossos leitores aos problemas do n.º 1. E daremos sempre longo praso, afim de que os leitores, residentes fóra de Portugal, possam ter tempo de enviar-nos quaesquer respostas.

Primeiro concurso dos SERÕES

Chamamos a attenção dos «photographos amadores» para o programma do nosso primeiro concurso, inserto nas paginas de annuncios.



Grandes topicos

AS NEGOCIAÇÕES DA PAZ

ENTREVISTADO por um jornalista francez, o chefe da missão diplomatica russa que foi a Washington para negociar a paz com o Japão, o Sr. de Witte, afirmou que a Russia não estaria disposta a fazer a paz por todo o preço, e que se o Japão fosse muito exigente ella empregaria os vastos recursos de que ainda dispõe para continuar a guerra.

Ao mesmo tempo, annunciou-se o projecto de uma alliança russo-japonésa, cujo tratado se firmaria immediatamente ao restabelecimento da paz.

Comquanto seja notoria a boa-vontade dos negociadores russos e japonéses que o Presidente Roosevelt convidou a conferenciarem em Portsmouth, é possivel que taes negociações não cheguem a bom termo. N'este caso, proseguirá a guerra, mas sem vigor. Os japonéses irão consolidando a sua occupação em todo o territorio conquistado, e as potencias ver-se-hão obrigadas, por seu proprio interesse, que é o interesse do seu commercio, a reconhecer a legalidade das auctoridades de facto, que serão as auctoridades japonésas.

UMA ENTREVISTA DE IMPERADORES

O Imperador da Russia, que desde o assassinio do Grão Duque Sergio não tornara a apparecer em publico, ameaçado de morte pelos revolucionarios, ousou arrostar com essa ameaça, saindo do palacio e embarcando no yacht *Estrella Polar*, para ir ter uma conferencia com o Imperador da Allemanha, que tambem embarcara, para o mesmo fim, no *Hohenzollern*.

O *Estrella Polar*, conduzindo Nicolau II e o Grão Duque Miguel, ancorou em Bjorko, apparecendo pouco depois o *Hohenzollern*. Foi o Imperador Guilherme que deixou o seu navio para ir ao encontro do Czar, trazendo-o depois em sua companhia para

o mesmo navio. Ali cearam, e conferenciaram por largo tempo. Na noite seguinte o *Estrella Polar* voltava a Peterhoff, onde Nicolau II desembarcou, «parecendo muito contente», segundo diz um correspondente do *Matin*, que conseguiu assistir ao desembarque.

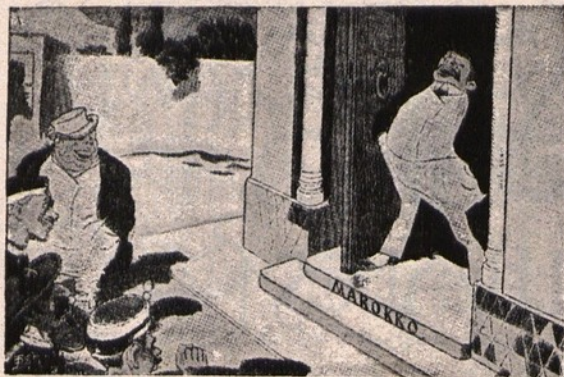
Nos circulos politicos assumiu a noticia d'esta entrevista uma grande importancia, sobretudo por ser da iniciativa do Imperador Guilherme, que foi tambem o primeiro a assignalar o «perigo amarello».



UM AUXILIO INESPERADO

Caricatura extrahida do «Brooklyn Eagle»

Parece que o encontro dos dois soberanos foi precedido de uma serie de cartas em que se discutiu a questão da paz. Presume-se que Guilherme II, em vista da precaria situação da Russia no Extremo Oriente, terá tido justificados receios pelas suas pos-



RESULTADO DA DIPLOMACIA GERMANICA

Caricaturas extrahidas do «Kladeradatsch»

sessões asiaticas, e offerecido apoio ao Czar para as negociações da paz, formando-se em compensação do accordo a alliança da Allemanha, Russia e França, para estabelecer uma base de acção commum no Extremo Oriente. Esta intelligencia, á semelhança da alliança germano-italo-austriaca, isolaria completamente a Inglaterra, augmentando grandemente o poder da Allemanha.

A imprensa de todo o mundo consagrou columnas e columnas á entrevista dos Imperadores, com abundantes e variadas hypothèses; mas, por emquanto, ninguem pode descobrir-lhe o profundo designio.



PORTO DE ODESSA

SITUAÇÃO
INTERNA
DA RUSSIA

APESAR de toda a resistencia de um governo autocrata e de uma burocracia reaccionaria, os *zemstvos* reuniram-se em Moscow, tomando resoluções radicalmente revolucionarias. Está o mundo assistindo a um colossal movimento do enorme imperio, ao lado do qual a Revolução Francaza diminue de importancia intrinseca, embora fosse maior pelo seu poder expansivo. As doutrinas democraticas propagam-se espantosamente pela Russia inteira, levando o povo á consciencia dos seus direitos, ha seculos recalçados pela autocracia. É um drama grandioso e empolgante, que terá decerto por desenlace a libertação da Russia.

A caricatura, que extrahimos de um jornal americano, mostra admiravelmente a influencia que teve o Japão para se chegar a este admiravel resultado. É a illustração d'aquelle grito, que se attribue á po-



A PORTA ABERTA EM MARROKCOS

pulaça revolucionada: «Viva Togo, libertador da Russia!»

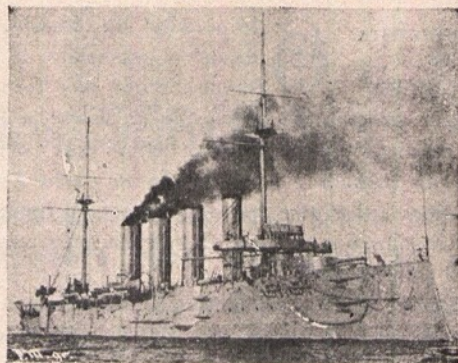
Uma das peripecias violentas da colossal tragedia dera-se já ha tempos em Odessa, quando a guarnição do couraçado *Kniaz Potemkin* se insurreccionou e ameaçou a cidade de um bombardeamento. Os incidentes d'este caso são por demais conhecidos. A' semelhança do navio-phantasma da lenda, o couraçado andou uns poucos de dias pelos portos do Mar Negro, até que os insurrectos se viram forçados a entregal-o nas mãos do governo roumaico.

Quantos mais episodios tragicos nos reserva o futuro, n'esta lucta tremenda entre uma burocracia oppressiva e corrupta e as legitimas aspirações de um povo inteiro, cansado de soffrer!

ATTENTADOS
NA TURQUIA
E NA GRECIA

NO fim de uma festa soberana na Mesquita de Constantinopla, quando o Sultão vinha a descer o primeiro degrau da grande escadaria, foi-lhe atirada uma bomba de dynamite, que fez explosão a 30 metros de distancia d'elle. Foram mortas e ficaram gravemente feridas muitas pessoas, e destruidos muitos cavallos e alguns carros.

As janellas da torre do Relogio e as do pavilhão reservado para os membros do corpo diplomatico, foram tambem atingidas por estilhaços da bomba.

O COURAÇADO DRAKE
DO COMMANDO DO PRINCIPE DE BATTENBERG



PROJECTO DE FRISO PARA O PALACIO DA PAZ
Caricatura extrahida do «Puck» de New-York.

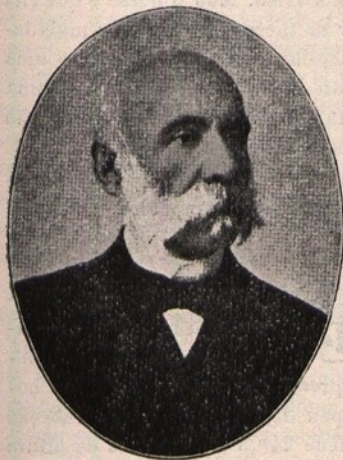
Ao estampido, que foi enorme, seguiu-se um violento panico, parecendo ser o Sultão a unica pessoa que conservou o sangue frio. Continuou a descer a escada muito serenamente, subiu para o carro que o esperava, e elle mesmo tomou as redeas dos cavallos, dirigindo-se para Ildiz-Kiosque, em meio dos applausos do seu sequito.

Menos feliz do que o Sultão foi o primeiro ministro da vizinha Grecia, Delyannis. Ferido por um jogador de officio, que lhe attribuiu, pelas suas prohibições, a ruina e a miseria, o velho estadista succumbiu pouco depois. O seu funeral, em que se fizeram representar todas as classes sociaes da nação hellenica, a começar pelo proprio rei, foi uma manifestação imponente e mais um frisante protesto contra a brutal solução, dada pelos descontentes aos perpetuos conflictos levantados entre governantes e governados.

UMA VISITA
PRINCIPESCA

Foi Lisboa honrada com a visita do principe de Battenberg, a qual vem ainda mais cimentar os vinculos que prendem o nosso paiz á sua antiga e poderosa alliada Grã-Bretanha.

Estes motivos eram mais do que sufficientes para que a recepção feita ao principe, por parte da familia real e da alta sociedade lisbonense, fosse carinhosa e captivante, embora fosse naturalmente destituída d'aquelle publico entusiasmo que assigna-



DELYANNIS — PRIMEIRO MINISTRO DA GRECIA ASSASSINADO EM ATHENAS

lou as visitas de Eduardo VII e de sua graciosa Rainha (segundo a cavalheiresca phrase inglesa).

CONTA
DE GUERRA
IMPOSTA
PELO JAPÃO

É a conta que um artigo de uma revista ingleza suppõe será apresentada pelo Japão á Russia, para justificar a indemnisação da guerra:

| | Libras |
|--|-------------|
| Dinheiro levantado por emprestimo ou outra forma..... | 116.500:000 |
| Compensação para invalidos, viuvas e orphãos..... | 30.000:000 |
| Compensação á população civil por damnos soffridos por causa da mobilisação, perdas e lucros cessantes, etc..... | 15.000:000 |
| Avarias de material de guerra, liquidação da guerra e varias despezas | 20.000:000 |
| Total..... | 181.500:000 |

Esta quantia — que representa para nós, ao par, a linda somma de 816:750 contos de réis — é a que o



O NOVO DERRIÇO DE MISS BRITANNIA
Caricatura extrahida do «Simplicissimus»

articulista espera será reclamada pelo Japão, caso a guerra termine sem demora. Mas o Japão tem todo o direito de exigir muitissimo mais do que as suas despesas de guerra. A guerra franco-allema custou á Allemanha 64 milhões de libras, e a França teve que lhe pagar 200 milhões. Além d'isso, cada dia de guerra a mais accrescenta á conta futura do Japão cerca de meio milhão de libras.

SITUAÇÃO
POLÍTICA
DO MUNDO

E' suggestiva e engraçadamente commentada a situação geral do mundo pelo friso proposto por um caricaturista para o Palacio de Paz na Haya. Vê-se por alli a maneira affavel e altruista por que as potencias se tratam umas ás outras.

Um outro caricaturista inspira-se especialmente na situação da Inglaterra, *miss* esgalgada e loura que prefere abrigar de uma grande batega de agua o seu novo *sweet heart* francez, deixando ignominiosamente encharcar-se o seu mais antigo conversado japonico.

Graças á importuna intervenção do valentão germanico, é possivel que o caricaturista do *Simplicissimus* se illudisse. Quem se molha mais, afinal de contas, é possivel que seja a França.

E' mordaz a fórma por que o jornal allemão *Kladderadatsch* allude ao desastre diplomatico do rival francez. Apesar da queda de Delcassé, apezar da apparente cordialidade de relações que se seguiu ao estourar da bomba diplomatica do Kaiser, é indubitavel que um perigo ainda subsiste no Occidente — o perigo de Marrocos, que é possivel não seja conjurado pela futura conferencia

Tão excitados estão os animos por essa Europa, que o mais simples passo fóra dos atalhos batidos basta para os alvoroçar. Tal está succedendo com a annunciada visita da esquadra britannica do Canal ao Baltico, na qual os *Chauvinistas* germanicos pretendem ver uma ameeça. Esse alvoroço é symptoma grave.

A aguia negra afia as garras, enquanto o leopardo rosna da sua toca insular. Permitta Deus que as duas feras se aquietem!

Vida na arte

O CHAT NOIR

QUEM, tendo ido uma vez a Paris, não desejou vir, e não foi, ao *Chat Noir*?

Era uma casa de pittoresca architectura, situada na rua Victor Massé, interiormente decorada por Chéret, tão famoso pelos seus cartazes. Dentro d'essa casa havia um homem chamado Rodolfo Salis, que vendia cerveja, gabando-lhe o sabor com epithetos truculentos e imagens sempre novas. Em volta d'esse homem reunia-se um grupo de humoristas que escreviam a lettra e compunham a musica de cançonetes que elle cantava. Os criados que serviam a cerveja vestiam a farda da Academia Francésa, e tudo o mais, ali, se harmonisava com tão risonho despauterio. Paris, que é terra onde sempre viceja o espirito, alimentou por largos annos o galhofeiro Cenaculo de Salis. Burguesas e *grandes dames*, principes e vagabundos, todos quizeram penetrar algum dia n'aquella caverna de alegres maleficios. Do *Chat Noir* irradiaram, para a fama universal, talentos como os de Capus, de Caran d'Ache, de Courteline, de Willete...

Morto Salis, a cerveja e o espirito da rue Victor Massé nunca mais tiveram o sabor que então tinham. E o *Chat Noir* começou a decahir. Demoliram-lhe as tradições; agora estão a demolir-lhe a casa. *Tout passe!*

SARAH
BERNHARDT
DRAMATURGA

A grande actriz francéza representou ultimamente em Londres uma *Adriana Lecouvreur*. versão sua, que diverge essencialmente da peça

de Legouvé e Scribe. O drama agradou bastante ao publico, mas mediocrementemente aos criticos. Alguns acharam-no palavroso, pesado e incomprehensivel, ainda mesmo em confronto com o melodrama que a actriz pretendeu melhorar. Um jornalista inglez suspeita que a verdadeira explicação da tentativa renovadora é a introdução de uma nova personagem, que é nada menos que Voltaire. Na opinião d'elle, Madame Bernhardt quiz reparar a omissão dos seus antecessores, «dando a Voltaire constantemente o seu sorriso ironico e matando Adriana na sua presença afim de lhe purgar de ironia esse sorriso. Mas o nosso é que ella não consegue purgar da mesma forma. Por mais lamentavel que seja acolher com sorriso ironico uma obra que evidentemente custou á artista muita somma de trabalho e de tinta — tinta demais até! — nós não podemos furtar-nos a tal sorriso».

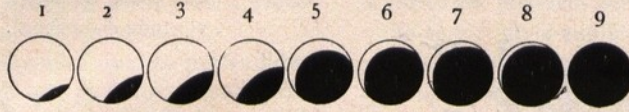
Crueis palavras, as do critico, apenas attenuadas com elogiosas referencias ao desempenho.

ROUBO DE UMA
PRECIOSIDADE
ARTISTICA

Do Museu Real de Haia (Hollanda) foi roubado um quadro muito valioso, do pintor Franz Halls, representando o busto de um homem com largo chapéu de feltro, e grande cabeção de rendas. A téla mede 24^m,5 centímetros de altura por 19^m,5 centímetros de largura.

O Governo hollandez dá 500 florins de alviçaras a quem entregar o quadro, ou indicar o seu paradeiro.

Vida na sciencia



O ECLIPSE DE 30 DE AGOSTO COMO SE HADE VER EM ST. AUGUSTINE (1), WASHINGTON (2), NOVA-YORK (3), MONTREAL (4), LONDRES (5), PARIS (6), LISBOA (7), MADRID (8), E BURGOS (9)

O ECLIPSE DO SOL DE 30 DE AGOSTO

No proximo dia 30 d'agosto a natureza fornecerá á contemplação humana um dos seus mais grandiosos e suggestivos phenomenos. Os tres astros, Sol, Lua e Terra, obedecendo ás precisas leis dos seus movimentos, encontrar-se-hão durante um curto, mas solemnisimo e precioso espaço de tempo na mesma linha recta, ficando occulto durante momentos, para uma determinada faxa terrestre, o radioso disco solar.

Para a sciencia, um tal phenomeno tem sempre uma importancia assombrosamente grande, e o que agora se vae dar attrahe ainda d'um modo particular a attenção dos sabios em virtude de circunstancias igualmente particulares que lhe são inherentes.

O que vemos habitualmente do Sol é apenas uma fracção de toda a materia d'este grandioso astro, e só durante a curta duração dos seus eclipses totaes podemos observar a sua atmosphaera ou coróa, mais volumosa que o proprio globo solar. E sendo então esta atmosphaera assaz accessivel aos instrumentos d'observação, e sendo ella ainda como que o reflexo dos phenomenos que se passam na massa interna solar, inaccessible á observação humana, comprehendese-quam importante seja para a sciencia um eclipse total do Sol. Aquelles escassos momentos durante os quaes a Lua esconde por completo o disco solar, deixando só a descoberto a maravilhosa coróa, são assaz preciosos, em virtude da raridade do phenomeno. A tudo isto, e valorisando ainda mais o proximo eclipse, accresce que elle se apresenta em tão valiosas condições d'observação que occupa o primeiro logar entre os eclipses que se lhe hão de succeder em todo o seculo XX. A sua zona de totalidade começa no Canadá, ao sul do lago Winnipeg, passa na extremidade austral da bahia d'Hudson, depois um pouco ao norte da Terra Nova, atravessa o Atlantico, corta o norte da Hespanha, atravessa o Mediterraneo por cima das Baleares, corta a Argelia, a Tunisia, o golpho de Gabes, Tripoli, o Egypto, o mar Vermelho, morrendo na Arabia um pouco antes d'atingir a costa do mar d'Oman.

Como eclipse parcial, será o phenomeno visivel em toda a Europa, na Africa septentrional e na parte oriental da America do Norte. Para Portugal, e especialmente para o norte, em virtude da grande proximidade da zona de totalidade, o aspecto do Sol,

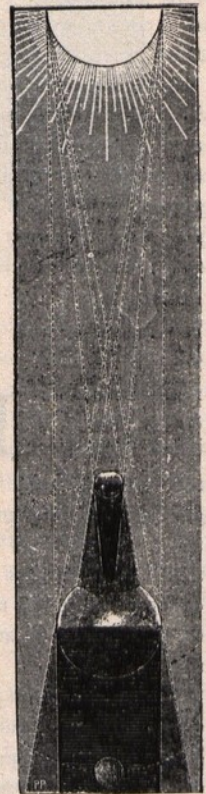
no momento da phase maxima, será o d'um tenue crescente.

As melhores estações para a observação do phenomeno são povoações hespanholas, argelinas ou tunisianas, como Ferrol, Oviedo, Burgos, Soria, Tortosa, Palma, Philippeville, Sfax, etc., situadas na zona de totalidade, em algumas das quaes a duração do phenomeno chega a attingir mais de 3 minutos e 30 segundos.

É para estas regiões que se dirigem os diferentes sabios que esperam tirar da observação do eclipse uteis ensinamentos astronomicos.

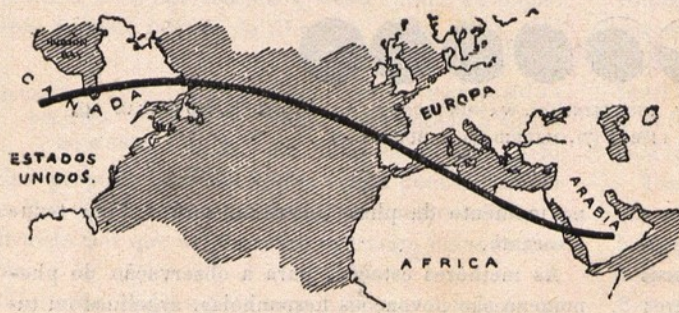
Os instantes da totalidade no Labrador e no Egypto são separados por um intervallo de duas horas e meia. O observatorio de Lick, na California, aproveitou esta circumstancia para a observação, preparando tres expedições scientificas subordinadas a um programma, expedições que observarão o phenomeno no Labrador, na Hespanha e no Egypto. Como o anno de 1905 é um anno de grande actividade solar, as observações do eclipse terão sob este ponto de vista uma excepcional importancia. O estudo da coróa deve tambem receber novos elementos elucidativos com a observação do proximo eclipse. Tem-se, com effeito, reconhecido que a fórma da coróa está dependente do estado da actividade do Sol.

O proximo eclipse poderá ainda conduzir a uma sensacional descoberta astronomica — á descoberta de planetas intramercuriaes ou de cometas fracos visinhos do perihelio. Este problema dos planetas intramercuriaes, desde ha muito abandonado, foi ultimamente posto em discussão pelos astronomicos americanos, que intentam resolvel-o por meio da photo-



THEORIA GERAL DOS ECLIPSES

graphia. Realmente, se apparecesse uma imagem normal nos clichés photographicos das tres estações d'observação do eclipse, situadas no Labrador, na Hespanha e no Egypto, estaríamos em presença d'um novo planeta cuja orbita seria logo determinada pelas



ZONA DE TOTALIDADE DO ECLIPSE DE 30 DE AGOSTO

tres observações. O eclipse de 30 d'agosto revelar-nos-hia assim um desconhecido irmão da Terra.

Além das observações terrestres, far-se-hão também algumas atmosphericas, em balão, em Burgos e na Argelia, e das quaes se esperam preciosos resultados scientificos.

O proximo eclipse do Sol é, pois, um acontecimento de superior valor scientifico e que chama igualmente a attenção dos sabios e dos simples observadores da natureza. Os primeiros esperam-no com anciedade para satisfação da sua ancia de saber e os segundos para assistir a um dos mais grandiosos phenomenos que pôde contemplar a vista humana.

MARIOTTE.

PREMIO
DE
BACTEREOLOGIA

EM novembro de 1899, os empregados da Escola Medico-Cirurgica de Lisboa nomearam entre si uma commissão que trataria de obter, por subscrição publica, o capital necessario para um premio annual a distribuir ao alumno que melhor these apresentasse e defendesse sobre bacteriologia, em homenagem á memoria do professor Camara Pestana, victima da sua dedicação pela causa da humanidade.

Essa commissão pode angariar 4:600\$000 réis, de que acaba de fazer entrega ao Secretario d'aquella Escola, em inscrições.

O premio annual «Camara Pestana» poderá ser pois de 100\$000 réis.

PEIXES

FAROES

GRincipe de Monaco communicou ultimamente á Academia das Sciencias de Paris os resultados das suas recentes explorações pelas Canarias e Açores. Entre os novos animaes descobertos com o auxilio de um aparelho que desce ao fundo do mar, ha uns peixes curiosos cujos olhos, á

feição de lanternas, illuminam as aguas a certa distancia. É a parte inferior do seu aparelho visual que emite luz, a qual toma successivamente um grande numero de côres, vermelho, verde, azul, amarello, etc. Segundo as experiencias bioldeicas, parece que estas variações chromaticas se operam á vontade do animal.

A ORIGEM
DA VIDA

FACTO scientifico culminante n'este momento é indubitavelmente o resultado obtido nas suas experiencias no laboratorio Cavendish por um physico inglez, ainda bastante novo, Mr. John Butler Burke. As suas descobertas trazem novamente a pello a momentosa questão: É possível a geração espontanea?

Tem-se supposto geralmente até hoje que dentro de uma substancia absolutamente esterelizada e livre de contaminação exterior, a vida não se podia desenvolver, mortos como ficavam todos os germens.

Ora Mr. Burke expoz uma solução de caldo de carne ou gelatina á acção do radium e n'esse meio, previamente sujeito a condições mortaes para todas as formas conhecidas de vida, cresceram uns corpusculos redondos, com apparencia de bacterias. Trata-se agora de verificar, por meio de successivas



JOHN BURKE — DESCOBRIDOR DOS RADIOBIOS

experiencias, se acaso esses corpusculos são effectivamente centros de vida.

«Radiobios» foi o nome que lhes deu o descobridor. Pensam alguns sabios que elles não são mais do que crystaes.

Circumstancias ha, contudo, que não permitem essa classificação. Os radiobios subdividem-se e reproduzem-se, ainda mesmo fóra da influencia do radium. É certo que são soluveis em agua quente, e as bacterias não são. Mas, em todo o caso, outros homens de sciencia se inclinam a suppor-os, senão bacterias, pelo menos cousas com vida.

Ha quem tambem supponha que as pretendidas cellulas não são mais do que glóbulos gazosos provenientes da decomposição da agua pelo radium.

Em resumo, julgam os mais cordatos que deve esperar-se por ultteriores experiencias para assentar n'uma opinião definitiva com respeito aos radiobios.

RADIO-ACTIVIDADE

EM todos os laboratorios do mundo se continuam as experiencias sobre os efeitos do radium. O dr. Dissoni, de Bologne, trabalha sobre a cura da hydrophobia por esse agente. Por varias vezes fez inoculações do virus mais violento de raiva em coelhos. Depois tratou-os pelo radium: todos os coelhos inoculados, affirma elle terem-se curado dentro de seis dias.

O TERROR DOS GATOS

E proverbial entre nós to sentimento de terror que a um dos mais notaveis escriptores nossos do seculo passado produzia a presença de um gato preto.

Pois um medico estrangeiro fez ultimamente curiosas investigações acerca de identica influencia dos gatos sobre certas organizações humanas.

Os asthmaticos,, por exemplo, soffrem muitas vezes terriveis accessos com a vista d'esses animaes. Em certas pessoas, produz a mesma causa symptomatizados: arrippios, horror, fraqueza, oppressão, cerrar de maxillas. Cita-se um caso de rigidez de braços, pallidez, nausea, ás vezes vomitos, convulsões hystericas, até mesmo cegueira temporaria. Ha duas pessoas que se queixam de pesadelos frequentes, em que predominam os gatos.

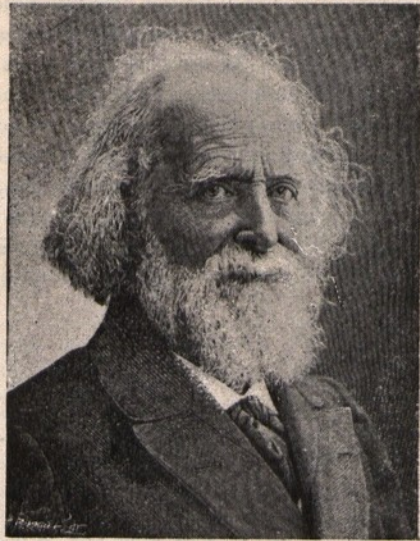
Um soldado distincto, muito dado em moço ás caçadas ao tigre, não sente perturbação alguma deante d'esses grandes felinos, e aterra-se com a vista de um gato domestico.

Poucos dos individuos examinados podem satisfatoriamente justificar esse terror. Alguns attribuem-no a arranhões com que algum gato os mimoseou em creanças. Todos affirmam que o terror datava da infancia, mas que os outros symptomatizados appareceram mais tarde e cresceram depois da puberdade.

A quarta parte d'essas pessoas, pelo menos, affirma que os symptomatizados graves de terror pelo gato constituem um geito de familia. Mas a regra é serem taes casos singulares dentro da mesma familia. Quanto ao sexo, não parece ter influencia notavel, se bem que os symptomatizados extremos são mais frequentes nas mulheres.

Muitos ha que percebem a aproximação de um gato, antes de elle ser visto. Dizem algans que lh'a revela o cheiro particular d'esses animaes. O observador inclina-se a julgar que essas emanações existem, embora nem sempre impressionem os órgãos do olfacto a ponto de poderem ser consideradas como cheiro.

Vê-se forçado a explicar este terror pela persistencia de instinctos animaes de defeza. Mas admite que esta opinião tem contra si o facto de que, em muitos dos peiores casos, o paciente não sente o mesmo terror em presença de leões.



ELYSEU RECLUS

O GEOGRAPHO RECLUS

ELISÉE Réclus, fallecido agora com 75 annos de idade, foi um eminente geographo francez que deu maior impulso ao estudo da geographia, codificando-a sob os seus mais interessantes e mais exactos aspectos. A sua actividade foi prodigiosa e fecunda. Nos seus livros dir-se-ia que se combinam a flamejante eloquencia de um Michelet, o admiravel poder synthetico de um Cuvier, e a racional precisão de um Arago. Não se sabe o que mais admirar nelle, se o seu talento de escriptor, se o seu methodo de sabio.

Quando realisou os trabalhos preparatorios para a sua *Geographia Universal*, Réclus veiu a Portugal, demorando-se algum tempo em Lisboa. O seu ultimo trabalho intitula-se *O Homem e a Terra*, e é como que o remate geral e philosophico das suas ideias e esforços.

AS OSTRAS E A FEBRE TYPHOIDE

DESDE 1896 que voga grande descredito contra as ostras por lhes attribuirem a transmissão do bacillo typhico ou de Eberth. Parece agora demonstrado que, embora a transmissão seja possivel, os casos são excessivamente raros. Averiguou-se igualmente que a enterite, observada em certos pon-

tos do littoral do Mediterraneo e denominada *conchylio-enterite*, é devida á presença nos molluscos comestiveis de um bacillo que offerece grandes analogias, mas tambem differenças importantes, com os bacillos *coli communis* e *Eberthi*. Essas analogias é que deram provavelmente origem á idéa de que a febre typhoide era muitas vezes causada pela ingestão de ostras contaminadas pelos dejectos de individuos atacados d'essa doença. Vê-se pois que a molestia é diferente e menos grave. Tranquilisem-se os ostricultores e as familias que frequentam as praias.

A SAUDE
DA BOCCA

A British dental Association, importante associação dentaria de Inglaterra, conseguiu, ao cabo de uma intensa propaganda, que fôsse aggregados ás escolas publicas d'aquelle paiz dentistas incumbidos do tratamento da bóca das creanças, sem encargo para as familias dos alumnos. Ninguém já pôde ignorar quanto a qualidade e o estado do systema dentario influe na saude, quanto as affecções dos dentes prejudicam a nutrição e, consequentemente,

o desenvolvimento do individuo. As creanças com má dentadura são sempre mais propensas que as outras ás fôrmas malignas da diptheria, da pneumonia, de todas as doenças infecciosas. A exemplo da Inglaterra, creou-se agora em França, nas escolas municipaes, um serviço de inspecção dental. O dentista inspector examinará a dentadura dos alumnos duas vezes por anno, enviando aos paes d'esses alumnos uma nota determinando o tratamento da bóca que devem seguir.

USANÇA POPULAR
JUSTIFICADA
PELA SCIENCIA

Trillat apresentou à Academia das Sciencias de França uma nota em que assignala as propriedades antisepticas dos vapores provenientes do assucar queimado. O aldeido formico que d'elle se desenvolve pode ser utilizado com muita efficacia na desinfecção dos aposentos, dado o seu poder antiseptico. Assim se justifica o velho costume, muito em pratica ainda em certas terras de Portugal, de queimar assucar para purificar o ar das casas.

Vida no sport

A «COUPE»
GORDON
BENNETT

MAIS uma vez, a 5 de julho, ficaram victoriosos os francezes no famoso concurso da «coupe» Gordon Bennett. E diz-se que é esta a ultima vez em que se corre a celebrada «coupe». Folgamos os francezes de lhe terem feito esplendidas exequias.

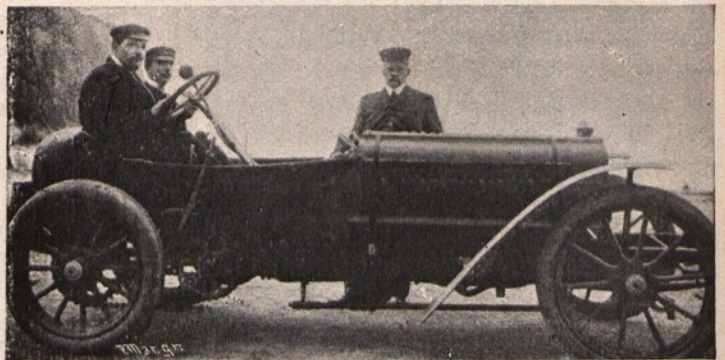
Entravam no certamen internacional *équipes* de cada um dos seis paizes: França, Allemanha, Inglaterra, Estados Unidos, Austria e Italia. Logo desde o começo, a lucta concentrou-se entre os campeões da França e da Italia, Théry e Lancia, montando respectivamente machinas Richard Brasier e Fiat. Na primeira volta, tinha Lancia 6 minutos de avanço. Ainda na segunda volta, leva o italiano a melhor. Mas na ultima, o pobre Lancia ficou com o automovel *en panne*, enquanto o seu adversario o venciu. De raiva, o italiano atirou com a machina por um barranco e despedaçou-a.

Théry tinha vencido. A honra da industria franceza estava salva.

CONCURSO
DE
POMBOS CORREIOS

REALISOU-SE em Paris um concurso de pombos-correios, sendo soltos 62.000 pombos procedentes de todas as regiões da França. Attingiram velocidades surprehenderes: em distancias de 150 kilometros voaram á rasão de 76 kilometros por

hora. Ha aves emigratorias cujas viagens de primavera e outono representam um percurso de 30.000 kilometros, mas a sua velocidade não chega a ser tão grande como a dos pombos. Palmen, Weissmann e Seebohne passaram annos estudando as emigrações das aves, demonstrando que os passaros mais velhos e mais fortes de cada tribu são os que servem de



THÉRY, VENCEDOR DA COUPE GORDON BENNETT NA SUA MACHINA
RICHARD-BRASIER

guias aos bandos de emigrantes; os que se perdem no caminho são sempre os mais novinhos, ou mães que voltam atraz em busca dos filhos. Os machos adultos quasi nunca perdem o rumo, nem tampouco os afasta d'elle a tempestade. Refere Balmen que os passaros, logo que saem do ninho, começam por

educar o instincto, estudando o terreno que os rodeia, demorando-se em certos pontos dos sitios que atravessam em procura de alimento. Assim desenvolvem rapidamente o sentido da orientação.

O pombo-correio, antes de tres annos de exercicio dirigido por um educador intelligente, não attinge toda a sua habilidade para orientar-se. Todavia, ha exemplos de excepção, citando-se entre estes o de tres pombos, que, vindos dos Estados Unidos, e postos em liberdade logo que chegaram a Londres, immediatamente regressaram aos pombaes americanos.

RECORD CYCLISTA **D**EVE interessar o nosso paiz, onde o sport velocipedico excita um vivo alvoroço, a noticia que encontramos de um record cyclista, batido na pista de Buffalo. Venceu-o o cyclista Petit Breton, conseguindo percorrer n'uma hora nada menos de 40 kilometros e 342 metros.

A SEMANA MARITIMA DO HAVRE **I**NAUGUROU-SE a grande semana maritima do Havre pelo premio do Presidente da Republica, handicaps para yachts acima de 20 toneladas. O primeiro classificado foi a escuna allemã *Susana*, de 154 toneladas. O premio consistia n'um objecto de *biscuit* de Sávres do valor de 3000 francos.

Seguiu-se o handicap para a *coupe* do Rei de Inglaterra. Entraram poucos concorrentes, porque a

maior parte desesperaram em vista da calma pôdre. Venceu o cutter americano *Vendetta*, de 76 toneladas.

A «COUPE» DOS PYRINÉOS **A**NNUNCIA-SE para breve o curso de automoveis para a *coupe* dos Pyrinéos, organizada pelo jornal *Dépêche* com collaboração de *La vie au grand air*. Eis o programma resumido:

Quinta feira 24 de agosto, partida de Luchon. Passagem pelos desfiladeiros de Peyresourde e de Aspin. Paragem em Bagnères-de-Bigorre. Almoço em Bagnères para as tres primeiras categorias de carruagens. Almoço em Argelés para as tres ultimas categorias. Excursão de Gavarnie facultativa. Chegada e dormida em Caunterets. Trajecto: 189 kilometros.

Sexta feira 25, partida de Caunterets. Passagem por Lourdes, Nay, Oloron, Saint-Marie, Saint-Palais, Hosparren. Chegada e dormida em Biarritz. Trajecto: 210 kilometros.

O NOVO BALÃO DE SANTOS-DUMONT **G**illustre aeronauta Santos-Dumont mandou construir um novo balão dirigivel, n.º 14, que tem 41 metros de comprimento e 170 metros cubicos de volume. A força motriz é produzida por um motor Peugeot de 14 cavallos, com o pezo de 27 kilos. Fizeram-se todas as modificações e todos os aperfeiçoamentos na mira de obter a maxima velocidade possivel.

Variedades

TEMPORAL DE CALOR **A**os habitantes de Portugal, e especialmente aos lisboetas, offerecemos as seguintes notas, que devem saber-lhes como um sorvete n'esta epoca dos caniculares.

Um verdadeiro temporal de calor abrazou New-York durante o mez de julho. No dia 19 o numero de mortes occasionadas pelo calor andou por 60. Na manhã d'esse dia, o correspondente do *Times* leu n'um thermometro, collocado á sombra e n'uma esquina onde corria alguma aragem, a temperatura de 101º Fahrenheit (56º centigrados).

«O soffrimento dos moradores em casas de aluguer é terrivel», accrescenta o correspondente. «Ha gente que dorme nos telhados, nos vãos das portas, nos passeios — em qualquer parte onde se vejam livres dos quartos suffocantes. Hontem deu-se ordem para abrir de noite os parques, e todos os relvões

dentro da cidade ficaram cobertos de gente a dormir. O effeito era exactamente o de um campo de batalha. N'uma quadra assim, esquecem-se todos as regras ordinarias do decoro.

«As creanças banham-se nos tanques publicos sem intervenção da policia, e á porta dos banhos publicos estão á espera de vez filas e filas de homens e rapazes, com tal ancia de não perder tempo apenas sejam admittidos que se vão despindo quasi completamente em plena rua».

Queixa-se o correspondente da falta absoluta de regas para attenuar um pouco esta temperatura torrida. A cidade arrematou esse cuidado a uma firma particular que não prima por zelosa. Mas que querem? o desditoso municipio de New-York não tem cabedal para fazer esse serviço directamente. Imaginem que o seu rendimento é *avenas* de 19.000 contos, e — nota ainda o *Times* — os politicos precisam viver!

CASA DE 9.000] **T**RATA-SE de construir em New-
CONTOS York uma casa de quinze an-
dares, a qual deve vir a cus-
tar uns 9.000 contos. Convem acrescentar que o
terreno importou em mais de dois contos cada
metro.

A CABEÇA **E**NTRE os apontamentos e recor-
DE dações escriptas que deixou
BISMARCK o celebre esculptor allemão
Shaper, e que foram agora publicadas por um editor
de Berlim, ha uma pagina devéras enriosa a respeito
da cabeça de Bismarck. Shaper foi incumbido de
fazer a estatua do grande chanceler para o monu-
mento de Colonia, e teve de tomar medidas da «maior
cabeça» da Allemanha.

Essa medição, obedecendo a rigoroso methodo
scientifico, deu o seguinte: da testa ao occipital,
medido horisontalmente, segundo as prescripções da
anthropologia, a cabeça de Bismarck apresentava 212
millimetros por 170 millimetros — o que representa

uma verdadeira maravilha. A maior cabeça de sabio até
então conhecida dava 205 por 162 millimetros. O peso
do cerebro de Bismarck seria de 1867 grammas.

O MAIOR **F**OI descoberto a 23 de janeiro
DIAMANTE em Johannesburg. Pesa 3032
DO MUNDO quilates. Os mais bellos dia-
mantes conhecidos estão longe de se aproximar d'este
peso. São elles: Excelsior (970 quilates), Rajah de
Muttam (367), Nizam (340), Rough Steward 288,34),
Grão-Mogol .279,5, Koh-i-Noor, cortado em dois pe-
daços (186 quilates e 102,5), Tavola do Shah (244),
Estrella do Sul .254,) Orloff (193), Shah II (186),
Kok-i-Noor do Shah (157, o Regente (137). O «New
Gem», como se baptisou este extraordinario dia-
mante, está avaliado em, pelo menos, 1.250.000 fran-
cos (225 contos ao par).

Note-se que ha poucos annos se tinha descoberto
no Brazil um diamante negro, por consequencia de
muito menor valor, mas de dimensões ligeiramente
superiores.



GENTLEMAN (TIGRE)

Photographia P. Plantier, obsequiosamente cedida